



Inês Maria Jordão Pinto

AZULEJOS HOLANDESES NA CASA DO PAÇO, FIGUEIRA DA FOZ

Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, na área de especialização de História da Arte, orientada pelo Doutor José Manuel Alves Tedim e coorientada pelo Doutor Nuno Senos, apresentada ao Departamento de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AZULEJOS HOLANDESES NA CASA DO PAÇO, FIGUEIRA DA FOZ

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	AZULEJOS HOLANDESES NA CASA DO PAÇO, FIGUEIRA DA FOZ
Autor	Inês Maria Jordão Pinto
Orientador	José Manuel Alves Tedim
Coorientador	Nuno Senos
Júri	Presidente: Doutora Maria de Lurdes dos Anjos Craveiro Vogais: 1. Doutor Nuno Vassallo e Silva 2. Doutor José Manuel Alves Tedim 3. Doutor Nuno de Carvalho Conde Senos
Identificação do Curso	2º Ciclo em História da Arte, Património e Turismo Cultural
Área científica	História da Arte
Especialidade	10-09-2013
Data da defesa	18 valores
Classificação	



A presente dissertação está redigida em conformidade com o novo Acordo Ortográfico, mantendo-se no entanto, no caso de citações, o português antigo, tal como é apresentado na forma original.

Embora integrado no corpo deste trabalho, o capítulo 7 – Anexos foi concebido de forma autónoma. Assim, a numeração das páginas reinicia em 1, sendo as ilustrações identificadas como “fig.”, enquanto nos capítulos anteriores estão-no como “imagem”.

A Câmara Municipal da Figueira da Foz demonstrou já ter todo o interesse em publicar o resultado do presente estudo.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	1
Summary	2
Samentatting	3
Abreviaturas e Siglas	4
1 – Introdução	7
1.1 – Metodologia	8
2 – O morgadio da Figueira	13
2.1 – A Figueira da Foz no século XVIII	13
2.2 – O morgadio da Figueira	15
2.3 – Os arrendamentos do morgadio da Figueira	20
3 – Azulejaria holandesa	25
3.1 – O azulejo holandês de figura avulsa	27
3.2 – Azulejos holandeses na Casa do Paço	31
3.3 – As temáticas dos azulejos holandeses na Casa do Paço	34
3.3.1 – Bíblicos	35
3.3.2 – Paisagens	38
3.3.2.1 – A pintura holandesa	38
3.3.2.2 – Pintores representados nos azulejos de paisagens na Casa do Paço	41
3.3.2.3 – As cenas representadas	42
3.3.3 – Cavaleiros	46
4 – A Casa do Paço após o morgadio da Figueira	51
4.1 – O edifício da Casa do Paço	52
4.2 – Instituições e serviços que passaram na Casa do Paço	56
4.3 – Alguns eventos que marcaram a história da Casa do Paço	60
4.4 – Principais obras realizadas na Casa do Paço	61
5 – Conclusão	65
6 – Bibliografia	67
6.1 – Arquivos	67
6.1.1 – Arquivo Conde de São Lourenço	67
6.1.2 – Arquivo Distrital de Évora	67
6.1.3 – Arquivo Nacional da Torre do Tombo	68
6.1.4 – Arquivo da Universidade de Coimbra	68
6.1.5 – Biblioteca Nacional de Portugal	68

6.1.6 – Câmara Municipal da Figueira da Foz	69
6.1.6.1 – Arquivo do Departamento de Urbanismo	69
6.1.6.2 – Arquivo Histórico Municipal	69
6.1.6.3 – Biblioteca Municipal da Figueira da Foz	69
6.1.7 – Santa Casa da Misericórdia de Coimbra	69
6.2 – Fontes impressas	70
6.2.1 – Imprensa local	72
6.3 – Bibliografia	72
6.4 – Sitografia	79
6.5 – Bibliografia e sitografia das ilustrações	84
6.5.1 – Imagens	84
6.5.2 – Figuras (Capítulo 7)	85
6.6 – Créditos fotográficos	88
7 – Anexos	1
Índice	1
7.1 – Morgadio da Figueira	9
7.2 – Azulejos holandeses na Casa do Paço	15
7.2.1 – Bíblicos	15
7.2.1.1 – Antigo Testamento	15
7.2.1.2 – Novo Testamento	27
7.2.1.3 – Museu Municipal Santos Rocha	45
7.2.2 – Paisagens	47
7.2.3 – Cavaleiros	106
7.3 – O edifício da Casa do Paço	121
7.4 – Outros documentos	139

Imagens

imagem 1 – <i>The Landing of the British Army at Mondego Bay</i> , 1812, H. L. Evêque	5
imagem 2 – Casa do Paço (pormenor da Imagem 1)	5
imagem 3 – Mapa de Buarcos, de Pedro Teixeira Albernaz (1634)	11
imagem 4 – Planta da Figueira da Foz nos fins do século XVII e princípios do século XVIII	13
imagem 5 – D. João de Melo (1624-1704)	15
imagem 6 – Registos Paroquiais da Figueira da Foz – São Julião, 1602-1767	17
imagem 7 – Registos Paroquiais da Figueira da Foz – São Julião, 1602-1767	17
imagem 8 - Painel representando o funcionamento de uma olaria, com a identificação dos quatro fundadores	23
imagem 9 - Sala onde pintavam as peças cerâmicas e os azulejos (pormenor da imagem 8) ...	24
imagem 10 - Piso superior da olaria (pormenor da imagem 8)	24
imagem 11 – <i>Mulher descascando maçãs</i> , s/d, de Pieter de Hoogh	28
imagem 12 – <i>Senhora diante do virginal</i> , ca. 1670-2, Johannes Vermeer	28
imagem 13 – <i>De Tegelschilders</i> , 1884, Anthon G. A. Ridder van Rappard	29
imagem 14 – <i>Enkele tegel</i> holandeses (Casa do Paço)	31
imagem 15 - Azulejos de figura avulsa portugueses (Capela N ^a Sr ^a Conceição, Buarcos)	31
imagem 16 – Vista geral da Sala das Paisagens (poente), Casa do Paço	32
imagem 17 – Pormenores das salas com azulejos de temas bíblicos, paisagens e cavaleiros ...	32
imagem 18 – Azulejos holandeses de figura avulsa com cercadura portuguesa, no Palácio Melo e Abreu, Lisboa	34
imagem 19 – Planta do piso nobre da Casa do Paço com indicação da localização dos azulejos	35
imagem 20 – Lc, 24,14-16, <i>Jesus e dois discípulos no caminho de Emaús</i>	35
imagem 21 – Diferentes formas de representar Cristo	36
imagem 22 – <i>Spon</i> oriundo de Harlingen, Gn, 21, 14, <i>Expulsão de Ismael e Agar</i>	38
imagem 23 – Estudo para <i>spon</i> , oriundo de Roterdão, Lc, 24,30-31, <i>A refeição em Emaús</i>	38
imagem 24 – Homem junto a ponte perto de um moinho	39
imagem 25 – Pormenor da Sala dos Cavaleiros	47
imagem 26 – O mesmo cavaleiro representado em posições opostas, criando um efeito de espelho	47
imagem 27 – Quadro de Guilherme III, no Palácio Het Loo, Holanda	50
imagem 28 – Azulejo representando Guilherme III	50
imagens 29 e 30 – Museu Municipal numa das salas de paisagens e na sala de cavaleiros da Casa do Paço	58

imagem 31 – Comercio da Figueira, 09-08-1882	60
imagem 32 – Sala de Paisagens (nascente)	64
imagem 33 – Sala contígua à sala dos Bíblicos	64
imagem 34 – Azáfama na praia junto à Casa do Paço	66

Agradecimentos

A realização desta dissertação só foi possível com o apoio, envolvimento e empenho de várias pessoas e entidades, os quais se prontificaram a colaborar, disponibilizando o seu tempo, meios e conhecimentos necessários à concretização do trabalho que agora é apresentado. Na impossibilidade de agradecer a todos os que, de algum modo, colaboraram na sua realização, expressei os meus agradecimentos aos que foram fundamentais e que para ele contribuíram de forma mais direta.

Os meus primeiros agradecimentos são endereçados aos meus orientadores científicos. Ao Professor Doutor José Manuel Tedim pela forma apaixonada como nos apresentou a temática das Artes Decorativas, em sala de aula e fora dela, incentivando-me desde o primeiro momento pela temática azulejar, a qual naturalmente levou ao tema proposto. Ao Professor Doutor Nuno Senos pelo modo cativante como nos guiou pelos caminhos da Arquitetura Civil bem como a forma de interpretar a vivência dos espaços através das mais diversas fontes que podemos encontrar.

À Camara Municipal da Figueira da Foz, atual proprietária da fração do edifício que constitui o piso nobre, no qual se encontra o espólio azulejar estudado, por permitir o acesso incondicional ao espaço; bem como aos membros do executivo, chefias e aos funcionários e colegas que, de algum modo, tornaram possível a realização deste trabalho, mas muito em especial à Dr^a Teresa Folhadela.

Na Holanda os nossos agradecimentos vão para o Doutor Johan Kamermans, conservador no Nederlands Tegelmuseum, em Otterlo, pelos preciosos ensinamentos sobre azulejos holandeses que se revelaram fundamentais e cuja atenção tem sido inestimável. À Dr.^a Francine Stoffels¹ pela revisão do resumo em inglês e em especial pela sua tradução para neerlandês, bem como pela organização da nossa visita a alguns dos locais mais importantes naquele país, na vertente da azulejaria, em colaboração com o Doutor Johan Kamermans. Ao Dr. Prosper de Jong, Historiador de Arte e Conservador-júnior de Artes Decorativas no Museum de Lakenhal, em Leiden e ao Dr. Jaap Jongstra, Conservador-assistente de Cerâmica Europeia no Keramiekmuseum Het Prinsessehof, em Leeuwarden, agradeço a amabilidade e disponibilidade com que nos receberam, as visitas guiadas que nos proporcionaram aos referidos museus e às respetivas reservas. Ao Sr. Pieter Jan Tichelaar² pela sua amabilidade e disponibilidade com que

¹ Holandesa, é tradutora oficial de inglês e português.

² A Royal Tichelaar Makkum, uma das mais antigas empresas da Holanda ainda em laboração, foi fundada há mais de 400 anos. Desde a segunda metade do século XVII que o negócio está apenas na

nos recebeu e nos guiou por Makkum, Leeuwarden e Harlingen, pelos seus ensinamentos e pela visita guiada que nos fez à Royal Tichelaar Makkum, bem como à antiga casa da família Tichelaar – considerada a casa mais azulejada da Holanda.

Ao Prof. José Meco um agradecimento pelos ensinamentos sobre azulejaria, bem como pela cedência de imagens de azulejos bíblicos no antigo Palácio Melo, em Santo António dos Capuchos, Lisboa.

Aos funcionários do Arquivo da Universidade de Coimbra, em especial à Dr^a Gracinda Guedes, pela ajuda incansável sobre as mais diversas dúvidas que tentámos ver esclarecidas. Aos funcionários dos diversos arquivos a que recorri, particularmente do Arquivo Distrital de Évora e da Torre do Tombo, agradeço a prontidão, esclarecimentos e envio dos materiais solicitados.

Agradeço à Agência da Marina do Millenium BCP a possibilidade de fotografar a estrutura do espaço que a agência ocupa, na área de atendimento aos clientes, no edifício da Casa do Paço, na Rua 5 de Outubro, na Figueira da Foz. À Associação Comercial da Figueira da Foz agradeço a possibilidade de visitar e recolher imagens das suas instalações nas alas nascente e poente da Casa do Paço, no Largo Professor Vitor Guerra, Figueira da Foz.

Uma palavra especial de apreço a todos os que – voluntariamente – têm assegurado a abertura da Casa do Paço ao público em geral, pelo menos nos meses de verão, nestes dois últimos anos.

À Dr.^a Anabela Bento pela força, incentivo, carinho e amizade ao longo destes anos, com quem pude sempre contar nos mais diversos momentos.

À Mestre Cidália Santos pela amizade, incentivo, carinho e apoio que me tem dado nesta caminhada científica desde que os nossos caminhos se cruzaram nos corredores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Um agradecimento especial à minha família, que sempre me apoiou e ajudou a ultrapassar todas as dificuldades que implica ser-se trabalhador-estudante, aos meus pais, aos meus sogros e muito em especial ao meu filho e ao meu marido, pois só com o seu apoio incondicional foi possível realizar a missão a que me propus.

A todos, muito obrigada!

Resumo

Junto à foz do rio Mondego, na cidade da Figueira da Foz, situa-se um edifício designado por Casa do Paço. Construído por volta de 1700 pelo Bispo-conde D. João de Melo, este edifício possui “o mais vasto e variado repositório de estranhos azulejos em Portugal e o mais extraordinário, no seu género, em todo o Mundo...”, nas palavras do famoso especialista em azulejaria, o já falecido J. M. dos Santos Simões,¹ referindo-se aos azulejos holandeses de figura avulsa ali existentes, produzidos em Roterdão, no início do século XVIII.

Esse acervo azulejar e o edifício onde ele se encontra são o objeto de estudo desta investigação. Para além de aprofundar os estudos iniciados por J. M. dos Santos Simões, damos a conhecer algumas das fontes utilizadas pelos pintores destes azulejos, particularmente cenas de paisagens. Este estudo traz também novas informações relativas ao morgadio da Figueira, bem como à posse e ao usufruto deste palácio pela família Melo e pelos proprietários que se lhes seguiram.

Este paço é um marco na história da Figueira da Foz. Os seus proprietários receberam títulos de nobreza tais como Conde da Figueira ou Barão do Paço da Figueira e nele se realizaram eventos tão distintos como o batismo de um afilhado do Marquês de Pombal ou a receção aos reis de Portugal, aquando da inauguração da linha da Beira Alta.

Foi sede de diferentes serviços e instituições que enriqueceram culturalmente a região, os quais realizaram inúmeros eventos durante décadas. Por aqui passaram grémios culturais; fizeram-se representações dramáticas no primeiro Teatro da Figueira da Foz; um grande arqueólogo, António dos Santos Rocha, instituiu um Museu; funcionaram escolas, entre tantos outros exemplos.

Apesar da riqueza histórica deste palácio e da importância do seu espólio azulejar, o legado deste monumento é ainda desconhecido de muitos, sendo mais conhecido no estrangeiro do que em Portugal, situação que esperamos mudar com a realização desta tese.

Palavras-chave: azulejos, Casa do Paço, família Melo, Figueira da Foz, figura avulsa, Holanda, Portugal, Roterdão

¹SIMÕES, J. M. dos Santos, *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus Azulejos*, Figueira da Foz: Museu Municipal Santos Rocha, 1947, p. XII

Summary

Near the mouth of the river Mondego, in the city of Figueira da Foz, stands the Casa do Paço. Built around the year 1700, by Count Bishop D. João de Melo, this palace boasts ‘the largest and most diverse repository of unusual tiles in Portugal and the most extraordinary of its kind in the whole world...’¹ These are the words of the famous tile expert, the late J. M. dos Santos Simões, who was referring to the Dutch tiles there, which all have individual designs and were made in Rotterdam at the beginning of the 18th century.

These tiles and the palace where they are located are the object of this research. In addition to elaborating on the studies started by J. M. dos Santos Simões, it reveals some of the graphic sources used by the Dutch tile painters, particularly of tiles depicting landscapes. This study also presents new information about the primogeniture of the Figueira, as well as ownership and usufruct of this palace by the Melo family and later owners.

This palace is a landmark in the history of Figueira da Foz. Its owners received titles of nobility such as Count of Figueira or Baron of Paço da Figueira and in this palace various important events took place such as the baptism of a godchild of the Marquess of Pombal, or the reception of the Portuguese King and Queen at the inauguration of the railway line of Beira Alta.

It also functioned as the headquarters of various services and institutions that enriched the region culturally with numerous events organized over the decades. These included cultural societies, dramatic performances given in the first Theatre in Figueira da Foz, a great archeologist, António dos Santos Rocha, established a Museum here, and schools were installed - to mention just a few of the many cultural activities.

Despite the historical richness of the palace and the importance of the tiles, this monumental heritage is still unknown to many, and better known abroad than in Portugal itself. A situation that we hope to change with this thesis.

Key words: Casa do Paço, Figueira da Foz, Holland, the Melo Family, Portugal, Rotterdam, tiles of individual design

¹SIMÕES, J. M. dos Santos, *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus Azulejos*, Figueira da Foz: Museu Municipal Santos Rocha, 1947, p. XII

Samenvatting *Neerlandês*

In de stad Figueira da Foz, gelegen aan de monding van de rivier de Mondego, staat het stadspaleis Casa do Paço, gebouwd in de jaren rond 1700. Dit paleis bezit, in de woorden van de beroemde Portugese tegelkundige wijlen J.M. dos Santos Simões, ‘de meest uitgebreide en gevarieerde toepassing van buitengewone tegels in Portugal en, eigenlijk, in haar soort de meest bijzondere ter wereld’....¹ Hij verwijst hier naar de Hollandse ‘enkele tegels’ waarmee de wanden bekleed zijn en die in het begin van de achttiende eeuw in Rotterdam zijn vervaardigd.

Het onderhavige onderzoek richt zich zowel op de betegeling als op het gebouw waarin zij zich bevindt. Naast een verdere uitwerking van het oorspronkelijke onderzoek van J.M. dos Santos Simões, melden we de vondst van enkele prenten die de tegelschilders als voorbeelden gebruikt hebben voor met name de landschappen. Deze studie verschaft ook nieuwe informatie over de primogenituur (het erven van het bezit door de oudste zoon) van het landgoed Figueira, evenals over de eigendom en het vruchtgebruik van het gebouw door de familie Melo en latere eigenaren.

Dit paleis is een belangrijk monument in de geschiedenis van Figueira da Foz. De eigenaren verwierven adellijke titels zoals Graaf van Figueira of Baron van het Paço da Figueira, en er hadden plechtigheden plaats, waaronder de doop van een petekind van de Markies van Pombal en een receptie voor de koning en de koningin van Portugal bij de ingebruikneming van de spoorlijn van Beira Alta.

Het was het hoofdkwartier van verschillende diensten en instellingen die leidden tot een grotere culturele rijkdom van de regio door de talloze culturele evenementen die er decennia lang georganiseerd werden. Er waren culturele verenigingen, er werden toneelvoorstellingen gehouden in het eerste theater van Figueira da Foz, een beroemd archeoloog, António dos Santos Rocha, stichtte er een museum, en er werden scholen opgericht – en dit zijn slechts enkele van de vele activiteiten die er plaats hadden.

Niettemin staande de rijke historie van het gebouw en het grote belang van de tegels is dit monumentale erfgoed bij velen onbekend, en in het buitenland bekender dan in Portugal zelf, een situatie waar we met deze scriptie verandering in hopen te brengen.

Sleutelwoorden: Casa do Paço, ‘enkele tegels’, de familie Melo, Figueira da Foz (Portugal), Holland, Rotterdam

¹SIMÕES, J. M. dos Santos, *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus Azulejos*, Figueira da Foz: Museu Municipal Santos Rocha, 1947, p. XII

Abreviaturas e Siglas

ACSL	Arquivo do Conde de São Lourenço
ADEVR	Arquivo Distrital de Évora
ADUCMFF	Arquivo do Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz
AFMFF	Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz
AHMFF	Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz
ANTT	Arquivo Nacional Torre do Tombo
AUC	Arquivo da Universidade de Coimbra
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
CMFF	Câmara Municipal da Figueira da Foz
DGEMN	Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais
fl.	fólio
FLUC	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
EME/AHM	Estado Maior do Exército / Arquivo Histórico Militar
IRN/1ªCRPFF	Instituto dos Registos e Notariado / 1ª Conservatória do Registo Predial da Figueira da Foz
p.	página
pp.	páginas
SCMC	Santa Casa da Misericórdia de Coimbra
SIPA	Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, do Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana ³

³ Os documentos do SIPA citados neste trabalho pertencem à parte textual do processo da Casa do Paço, freguesia de São Julião da Figueira da Foz, concelho da Figueira da Foz, distrito de Coimbra, disponíveis em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=PT020605110012, consultados em 01-08-2011.



imagem 1 – “The Landing of the British Army at Mondego Bay”. Pintura de H. L. Evêque, Gravura de J. Vendramini, publicada em Londres a 02-04-1812



imagem 2 – Casa do Paço (pormenor da imagem 1)

1 – Introdução

“Mas, ainda sem sair da Figueira da Foz, ali no centro da Cidade Velha, decerto o impressionará o casarão que alinha com a doca, a imponente «Casa do Paço», flanqueada de seu torreão senhorial a atestar a presença de passada grandeza! Se a curiosidade o solicitar, poderá visitar-lhe o interior, e então verá, entre surpreendido e maravilhado, o mais vasto e variado repositório de estranhos azulejos existente em Portugal, e, diga-se desde já, o mais extraordinário, no seu género, em todo o Mundo...”⁴

Junto à foz do rio Mondego, na cidade da Figueira da Foz, existe um edifício que desperta a atenção – a Casa do Paço – pela sua dimensão e características arquitetónicas. Construído entre os últimos anos do século XVII e os primeiros do século XVIII, possui uma das maiores coleções de azulejos holandeses de figura avulsa *in situ* do mundo, nas palavras de J. M. dos Santos Simões. Após conhecer um pouco mais sobre a sua história e o seu rico espólio azulejar, a escolha do tema para a presente tese de mestrado foi *Azulejos holandeses na Casa do Paço, Figueira da Foz* – centrando-se a presente investigação nas vertentes de Artes Decorativas e de Arquitetura Civil.

Tratando-se de um edifício classificado⁵ e como forma de proteger o património azulejar existente no seu interior, urge saber mais sobre o mesmo, os seus proprietários, as entidades que por ali passaram, os eventos de maior relevo para a história local que ali se realizaram, entre outros.

Vários foram aqueles que, ao longo de décadas, escreveram algo sobre a Casa do Paço, mas apenas J. M. dos Santos Simões lhe dedicou um estudo autónomo, intitulado *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus azulejos*, editado pelo Museu Municipal Dr. Santos Rocha, em 1947.⁶ Não há dúvida de que se tratou de uma obra de grande mérito, a qual revelou ao mundo os aspetos mais importantes da história deste edifício, bem como o valor do seu espólio, mas muito ficou por dizer e desvendar.

Para além desses estudos, pouco mais existe sobre este espólio do que alguns artigos soltos,⁷ mas nenhum que se lhe compare. Este edifício carece assim de uma investigação mais profunda e atualizada, sobretudo a continuação do estudo do seu rico espólio azulejar,

⁴ SIMÕES, J. M. dos Santos, *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus Azulejos*, Figueira da Foz: Museu Municipal Dr. Santos Rocha, 1947, p. XII.

⁵ Imóvel de Interesse Público desde 1967.

⁶ J. M. dos Santos Simões volta a escrever sobre a Casa do Paço, nomeadamente na obra *Carreaux céramiques hollandais au Portugal et en Espagne*, publicada em Haia, em 1959.

⁷ Sobre este assunto veja-se a listagem apresentada na bibliografia de artigos e publicações sobre a Casa do Paço.

particularmente sobre os temas individuais neles representados, a sua iconografia e origem, bem como a sua arquitetura, as suas vivências ao longo dos séculos.⁸

A sua construção dever-se-á a D. João de Melo, Bispo-Conde de Coimbra entre 1684 e 1704. Fazendo parte do morgadio instituído pelo cónego D. José de Melo e Mendonça, seu sobrinho, este edifício, pelo menos desde os meados do século XIX, foi o centro da vida social e associativa desta cidade, tendo sido sede, por exemplo, da Assembleia Figueirense, do Ginásio Clube Figueirense, do Grémio do Comércio, da Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz, entre outros.

O conjunto edificado reparte-se por espaços comerciais no piso térreo do lado do rio,⁹ serviços nas alas nascente e poente¹⁰ e o piso nobre,¹¹ onde se situam quatro salas decoradas com azulejos holandeses, de figura avulsa, a meia altura.¹²

O nosso objetivo é compreender o espólio azulejar holandês, bem como o espaço onde este se insere e importância central que este edifício teve no desenvolvimento da Figueira da Foz. Por outro lado, sendo a ala central propriedade da Câmara Municipal¹³, importa divulgar a Casa do Paço no sentido da sua valorização, tornando-o não só num espaço de referência na cultura desta cidade, mas também numa referência nacional e internacional nas rotas de património azulejar.

1.1 – Metodologia

O primeiro passo para a realização deste estudo consistiu no levantamento de fontes impressas relativas ao tema desta investigação. Seguidamente deu-se início a uma pesquisa documental de todo o tipo de fontes nas quais pudesse encontrar informações válidas sobre a Casa do Paço e os seus proprietários, em diversos arquivos e bibliotecas, nomeadamente: **Arquivo Nacional da Torre do Tombo** (processos de morgadios e capelas e os Registos Gerais de Mercês de D. João V, D. Maria I, D. Luís I e D. Carlos I), **Arquivo da Universidade de Coimbra** (documentos da Mitra e do Cabido, processo orfanológico de Fructuoso José da

⁸ Embora J. M. dos Santos Simões tenha realizado um estudo sobre os azulejos holandeses da Casa do Paço, falta identificar os motivos neles representados. Neste imóvel encontram-se outros azulejos para além dos holandeses existentes no piso nobre, a que fazemos referência no capítulo 4.

⁹ O acesso aos espaços comerciais faz-se pela Rua 5 de Outubro.

¹⁰ Onde a Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz tem a sua sede.

¹¹ Com acesso pelo Largo Prof. Victor Guerra, nº 4, é propriedade da CMFF.

¹² Sobre as salas e os azulejos, vejam-se as imagens 16, 17 e 25.

¹³ Adquirida em 2005, a ala central é a parte mais nobre do edifício, na qual se encontram as salas decoradas com os azulejos holandeses, o salão nobre e o piso superior do torreão.

Silva e registos paroquiais de S. Julião da Figueira da Foz), **Arquivo Distrital de Évora** (testamentos de D. António José de Melo e Mendonça e registos paroquiais de Santo Antão), **Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás** (informação em fontes impressas relativas à Casa do Paço, em jornais locais e em publicações diversas), **Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz** (documentos em depósito da Assembleia Figueirense), **Arquivo do Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz** (processos de obras particulares relacionados com a Casa do Paço), **Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz** (imagens relacionadas Casa do Paço) e o **Arquivo de família do Sr. Conde de São Lourenço** (diversas escrituras e contratos dos Condes de Murça).

A pesquisa de gravuras e pinturas em bases de dados *on-line* de museus e arquivos, que pudessem ter sido utilizadas para os azulejos, permitiu localizar e identificar cerca de duas dezenas de exemplares, nos arquivos digitais de Harvard Art Museums, Rijks Museum, Digitale Bibliotheek voor de Nederlandse Letteren [Biblioteca Digital de Literatura Holandesa], The British Museum, Doorzoek het Geheugen van Nederland [Pesquisa da memória dos Países Baixos] e New York Public Library – Digital Gallery.

Relativamente ao estudo do espólio azulejar, a metodologia consistiu na recolha de mais de 7.000 imagens, dado que foram fotografados, individualmente, todos os azulejos de figura avulsa, com vista à sua identificação e classificação, de modo a que pudessem ser analisados comparativamente, podendo assim agrupá-los por tipologia, por tema e por motivo representado.

Com o intuito de conhecer melhor a origem dos azulejos holandeses que se encontram na Casa do Paço, proceder à recolha de informação e aceder a fontes impressas inexistentes em Portugal, foi realizada uma viagem à Holanda em Maio de 2012. A visita a alguns dos mais significativos museus ligados à temática da azulejaria, guiada por especialistas e com visita às respetivas reservas, revelou-se de grande importância, bem como a aquisição de bibliografia que não encontrámos em Portugal.

A comparação foi outro dos métodos aplicado, no que concerne aos azulejos, tanto com exemplares idênticos existentes em museus ou coleções privadas, como com outros produzidos em Roterdão.

Como a análise da Casa do Paço é indissociável do historial dos seus proprietários, realizou-se um estudo da família Melo, nomeadamente dos proprietários que foram herdando a administração do morgadio da Figueira, bem como de alguns dos seus familiares mais próximos, de modo a compreender a sua importância na história desta casa.

Após efetuar a recolha de informação nos locais e fontes já mencionados, procedeu-se à organização, análise e interpretação dos mesmos, cruzando os dados neles contidos com os de

fontes secundárias. Para tal, foram várias as obras consultadas e examinadas, tendo como princípio máximo o rigor histórico e científico de todos os dados apresentados.

Foram várias as dificuldades sentidas na realização deste trabalho, não tendo conseguido obter todas as respostas que procurávamos, nomeadamente sobre a construção do edifício (como o ano em que teve início, quem foi o arquiteto / mestre-de-obras), que tipos de utilização tiveram os diversos espaços da Casa do Paço ao longo dos séculos, bem como qual o motivo para uma quantidade tão elevada de azulejos holandeses de figura avulsa se encontrar nesta edificação).

Porque ainda ficaram questões por responder, estas e outras que possam surgir deverão ser retomadas em estudos posteriores.



imagem 3 – Mapa de Buarcos, de Pedro Teixeira Albernaz (1634)

principal fator de dinamização da região, terá atingido maior relevância no terceiro quartel do século XIX após a elevação da povoação à categoria de Vila, a 12 de Março de 1771.¹⁹

No século XVII o comércio assume uma importância cada vez mais significativa, com o aparecimento de embarcações estrangeiras²⁰ e o desenvolvimento de uma indústria naval,²¹ surgindo também uma “pequena marinha mercante, própria do seu porto”.²² Nos meados desse século chegam ao porto da Figueira, entre outros, um navio francês e um holandês²³ e no biénio de 1663-64 começa-se a desenvolver o comércio com a Inglaterra.²⁴ Em 1701 foi nomeado mais um piloto para a barra, devido ao aumento de embarcações e de mercadorias neste porto.²⁵

Neste período, a importação e a exportação em Portugal eram concretizadas principalmente por casas inglesas com sede no Porto, Aveiro, Coimbra e Figueira da Foz e casas holandesas sediadas em Lisboa, sendo a Figueira da Foz um ponto intermédio desse comércio.²⁶

“Durante muito tempo, não foi reconhecida a autonomia física da Figueira, sendo esta considerada um apêndice da povoação de Tavarede, que ficava a 3 quilómetros a Norte. Esta situação justificava-se pela submissão da jurisdição da Figueira ao Couto de Tavarede (...). [Este] exercia uma influência administrativa e económica muito forte, mas a Figueira, contrariando essa força, conseguiu utilizar o rio como catalisador na sua estruturação económica e urbana, facto que se refletiu no desenho da povoação, espontaneamente criado pelas três bolsas [praia da Fonte, praia da Ribeira e praia da Reboleira].”²⁷

¹⁷ Veja-se a imagem 3

¹⁸ Sobre a importância do rio Mondego e do porto da Figueira da Foz veja-se, por exemplo, BAPTISTA, Teresa Cordeiro, *Da Figueira à Foz – Evolução e fusão das duas cidades da Foz do Mondego*, Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Prova Final de Licenciatura, Setembro de 1999, pp. 9-17.

¹⁹ “O porto da Figueira da Foz promoveu o desenvolvimento de um grande espaço de intervenção económica na zona central do país, permitindo o escoamento dos produtos primários das regiões de Coimbra, Condeixa, Castelo Branco e Viseu.” BAPTISTA, Teresa Cordeiro, 1999, p. 11.

²⁰ “Dos livros da Alfândega (...) nos dizem que em 1611 havia no porto algumas embarcações que se aventuravam a ir à pesca do bacalhau na Terra Nova; que pela mesma época saíam algum sal para essa pescaria (...) algumas caravelas, vindas de outros portos do país, subiam o rio com sardinha, que iam vender ao termo de Montemor (...) em 1632 ter entrado um patacho francês com algumas mercadorias (...).” ROCHA, António dos Santos, 1893, pp. 62-63.

²¹ “Em um documento de 1643 aparece a construção de uma caravela, (...) em 1646 construiu-se outra embarcação para Setúbal, (...). Temos, pois, nove navios construídos em quinze anos (...).” ROCHA, António dos Santos, 1893, pp. 63-64.

²² Embarcações pertencentes a armadores de Buarcos, Redondos, Tavarede e Figueira da Foz. ROCHA, António dos Santos, 1893, pp. 65-67.

²³ ROCHA, António dos Santos, 1893, pp. 68-72. Santos Rocha refere também a entrada de navios holandeses em 1679-80 (1), 1681(1), 1692 (1), 1694 (2) e 1695 (2).

²⁴ ROCHA, António dos Santos, 1893, p. 69.

²⁵ ROCHA, António dos Santos, 1893, p. 74.

²⁶ ROCHA, António dos Santos, 1893, p. 75.

²⁷ BAPTISTA, Teresa Cordeiro, 1999, p. 17.

Situado nos domínios do Cabido, o porto da Figueira representava também uma fonte de rendimento para essa entidade eclesiástica,²⁸ o que pode justificar a construção de um Paço junto à foz do rio Mondego e perto da Alfândega desta cidade.²⁹

2.2 – O morgadio da Figueira

A Figueira da Foz viria a ser o local escolhido por D. João de Melo para, nos finais do século XVII, construir a Casa do Paço, junto às cristalinas águas do rio Mondego³⁰ e às ondas do Oceano Atlântico.³¹



imagem 5 – D. João de Melo
(1624-1704)

D. João de Melo nasceu em Évora, tendo sido batizado a 10 de agosto de 1624, na Igreja de Santo Antão daquela cidade. Filho de **D. Jorge de Melo**, e de **D. Maria Madalena de Távora**, foi Bispo de Elvas entre 1671 a 1673, de Viseu deste ano até 1684 e Bispo-conde de Coimbra desde então a 1704, ano da sua morte.³²

Embora na obra *Portugal Antigo e Moderno*³³ se refira que D. João de Melo “fundou também o Paço da Figueira, que vinculou em morgado e o deixou a seu sobrinho D. António José de Melo”, as diversas referências em

²⁸ Veja-se, por exemplo, o *Assento sobre eleição que se fez na pessoa do senhor Arcediago D. José de Mello para tratar dos negócios que o Cabido tem no Couto de Tavarede* (03-09-1703), o qual refere que deverá cobrar o “d^{to} e posse da portagem q se deve ao Cab^o no d^{to} Coutto de navegasoins q saiem e emtram pella fos e mar da Fig^{ra}.” AUC, *Livro de Acórdãos do Cabido*, (1699-1714), vol. 17, fl. 71, III-1^aD-1-1-17. Fig. 248

²⁹ Veja-se a imagem 4

³⁰ AUC, *Informações Paroquiais de 1721, São Julião da Figueira da Foz*. Na informação paroquial de 1721 o Padre Melchior dos Reis descreve a vista a partir da Igreja de S. Julião, a poucos metros da Casa do Paço “de cujo citio se tam vendo naõ só as cristalinas agoas do dito Rio [Mondego], q. com as suas continuadas navegaçois fica sendo mais plauzível o seu agrado, mas tambem as crespas ondas no Mar õceano, com cujas vistas fica o tal citio não só aprazível à vista dando recreaçam aos olhos, mas também deleitavel p^a a vivenda humana (...)” Pela descrição percebe-se que não havia, à época, edifícios que impedissem a visibilidade do rio e do mar a partir daquele ponto.

³¹ D. João de Melo visitou a povoação da Figueira da Foz do Mondego em 1688 e em 1696 para ministrar o crisma. “É possível que tenha sido nessa última data que decidiu construir a Casa do Paço. Também é plausível que o edifício estivesse por acabar à data da sua morte, o que explicaria porque não existe o torreão do lado ocidental, embora eventualmente tivesse sido projectado ou chegasse mesmo a ser iniciado.” CASCÃO, Rui, 2009, p. 616.

³² Sobre D. João de Melo e dos seus familiares ligados à Casa do Paço, veja-se “Genealogia da família Melo” pp. 9-14 no capítulo 7 – Anexos.

³³ FERREIRA, Pedro Augusto, “Viseu”, in *Portugal antigo e moderno*, vol. 12, Lisboa, 1890, p. 1625.

diferentes documentos que temos encontrado, relacionados com a Figueira e com a Casa do Paço, aludem ao seu irmão D. José de Melo e Mendonça.³⁴

Na sentença cível relativa à sub-rogação do morgadio da Figueira da Foz, de 1861, entre D. João José Maria de Melo, 3º Conde de Murça e Frutuoso José da Silva,³⁵ do *vinculo instituido por Dom Jose de Mello e Mendonça de que elle Excellentissimo Conde de Murça he actual Administrador (...) constituido em humas casas com seus Armazães na Villa da Figueira, dôze marinhas no sitio de Lavos, hum Prazo denominado as Insullas, (...) bens vinculados, por Dom Jose de Mello e Mendonça, no Testamento junto sob número primeiro, aprovado em dois de Fevereiro de mil sete centos e trinta e cinco, e aberto n'esta Cidade aos dez do mesmo mez e anno. Esses bens foram primitivamente vinculados em dominio plêno*³⁶ surge uma referência clara e direta à instituição do morgadio da Figueira.

Essa referência surge noutros documentos, nomeadamente na escritura de emprazamento perpétuo celebrada entre D. Miguel António de Melo, Conde de Murça e seu filho e sucessor D. José Maria de Melo com Frutuoso José da Silva, em 1835, dos *bens que pertencem ao Morgado instituido por Dom Joze de Mello e Mendonça, que foi anexado ao Vinculo que Administrarão (...) seus Ascendentes, e no qual sucedêo; na Villa da Figueira.*³⁷

Para além desta escritura, encontramos alusões claras a D. José de Melo e Mendonça à Casa do Paço noutros documentos. A referência mais completa encontrada é-nos dada por Francisco Xavier da Serra Craesbeek que se refere à Casa do Paço como *o Majestoso Palácio de D. Joseph de Mello Mendonça, Deputado da Junta dos Três Estados, fidalgo de todo o respeito e veneração.*³⁸ Já a referência mais antiga que se conhece à Casa encontra-se em António dos

³⁴ Sobre D. José de Melo Mendonça e os outros membros da família ligados ao morgadio da Figueira, veja-se “Genealogia da família Melo” pp. 9-14 no capítulo 7 – Anexos. Nos testamentos de D. António José de Melo e Mendonça de 1704 e de 1719 não consta qualquer referência a propriedades na Figueira da Foz ou arredores. ADEVR, *Coleção de testamentos*, Cx. 21, doc. 107, fl. 1 a 11v.

³⁵ “O proprietário mais abastado que então havia em Coimbra”, CARVALHO, Joaquim Martins de, *Os assassinos da Beira: novos elementos para a história contemporânea*, Coimbra: Coimbra Editora, 1922, p. 353.

³⁶ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4, Doc. 8 – *Sub-rogação de foro direto – prazo feitozim perpétuo* (1861).

³⁷ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4, Doc. 7 – *Escritura de Aforamento fatiozim perpétuo dos bens do morgadio da Figueira a Frutuoso José da Silva* (19-06-1835).

³⁸ BNP, Cod. 190, CRAESBEEK, Francisco Xavier da Serra, *Noticia Historica e Corographica do Prodigioso Milagre da Antigua e Singular Imagem de Nossa Senhora do Pranto, cita na sua Ermida do lugar do Pedrogão da freguesia da Vinha da Rainha, termo da Villa de Montemor-o-Velho do Bispado de Coimbra, dedicada à mesma Senhora por Francisco Xavier da Serra Craesbeek*, fl. 100v e 101 (sem data, mas os elementos nele descritos levam-nos a crer que foi escrito antes de 1719).

Santos Rocha.³⁹ O nome de D. José de Melo (Mendonça), e não do seu irmão, surge ainda num conjunto de outros documentos.⁴⁰

A presença deste em Quiaios⁴¹ ou mesmo na Figueira da Foz, está também documentada, por exemplo nos acentos de batismo de dois dos filhos de sua sobrinha, D. Madalena Mendonça de Távora⁴² e de D. António Estevão da Costa, batizados em São Julião (da Figueira da Foz),⁴³ D. Francisco (25-07-1703) e D. Rodrigo (22-09-1704) cujo padrinho foi, em ambos os casos, D. José de Melo e Mendonça, tio da mãe das crianças.

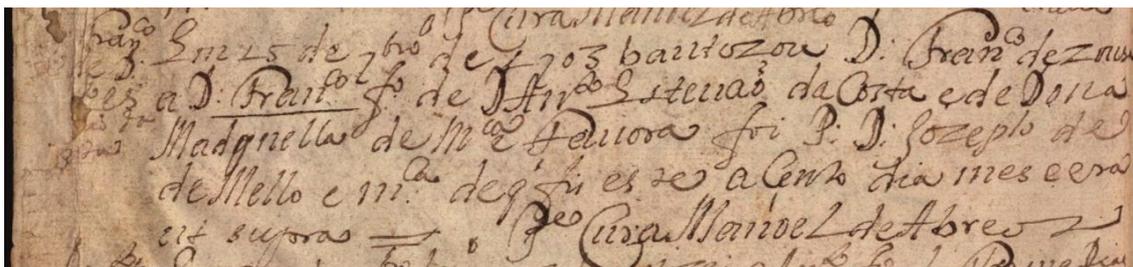


imagem 6 – Registos Paroquiais Figueira da Foz – São Julião, 1602-1767, fl. 112v

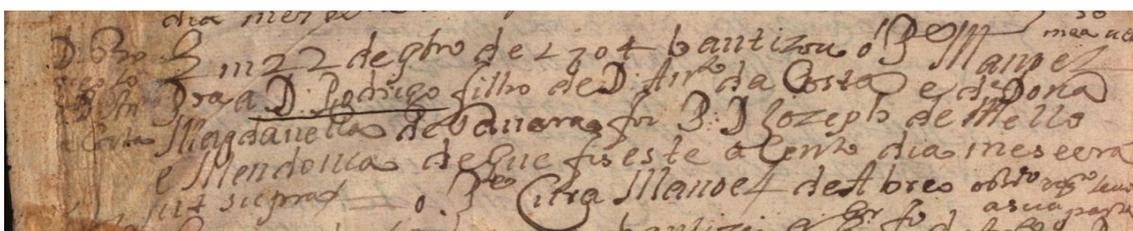


imagem 7 – Registos Paroquiais Figueira da Foz – São Julião, 1602-1767, fl. 113v

³⁹ ROCHA, António dos Santos, 1893, pp. 111-12 e nota 1 “O Largo do Paço, nos principios do seculo, parece ter sido designado, pelo menos em parte, por “patio junto ás casas de D. Jozé de Mello” referindo-se ao livro *Treslado das despesas das obras da Alfandega 1707-1711*.

⁴⁰ ROCHA, António dos Santos, 1893, pp. 115-16 e notas 1, 2 e 3 “O mais antigo manuscrito que nos fallava d’elle [Paço] era de 1721; e indicava como proprietario D. Jozé de Mello” referindo-se a uma escritura de 7 de abril de 1721 registada no livro de Tabelaão de Redondos; “Documentos de 1749 e 1760 diziam – *paços que ficaram de D. Jozé de Mello*, parecendo assim que este dono já então era falecido” referindo-se a escrituras de 29 de maio de 1749 e 10 de fevereiro de 1760 nos livros de Tabelaão de Tavarede; “outros, tanto anteriores como posteriores áquelles, apenas diziam – *Paço de D. Jozé de Mello*, sem outras indicações” referindo-se a escrituras de 30 de junho de 1728 e 12 de fevereiro de 1737 nos livros de Tabelaão de Redondos e escrituras de 11 de julho de 1755 e 5 de julho de 1766 nos livros de Tabelaão de Tavarede.

⁴¹ Em 1689 terá sido D. José de Melo e Mendonça o responsável pela edificação da capela de Nossa Senhora da Graça, em Quiaios. FIGUEIREDO, Mesquita, *Monografia Histórica do actual Concelho da Figueira, Foz do Mondego, Trabalhos Heurísticos*, (manuscrito), 1942, lv. 16, fl 23 “Há outra [capela] da Senhora da Graça e dizem foi antigamente da invocação da Senhora do Outeiro, a qual foy feita de novo em tempo que o Reverendo Conego de Coimbra Dom Jozeph de Mello e Mendonça sobrinho do Bispo Dom João de Melo assistia nesta freguesia, [Quiaios] concorrendo o Povo com o dito Reverendo Conego para todo o custo de officiaes, madeiras ferragens pintura e no pedestal da dita ermida estão huas letras que dizem # Dom Joseph de Mello e Mendonça era de 1689” in BNP, *Historia Ecclesiastica de Coimbra*, Fundo Antigo, nº 148, 1723. (transcrito por Mesquita de Figueiredo).

⁴² D. Madalena de Mendonça de Távora era filha de D. António José de Melo e Mendonça.

⁴³ AUC, *Registos Paroquiais de São Julião da Figueira da Foz*, (1602-1767), fl. 112v e 113v.

Nos documentos do Cabido encontram-se também um *Assento da eleição que se fez na pessoa do senhor D. José de Mello para ir tratar de renovar as obrigações dos foros e mais pertenças dos moradores do Couto de Tavarede*, (1702)⁴⁴ e um *Assento sobre eleição que se fez na pessoa do senhor Arceidiago D. José de Mello para tratar dos negócios que o Cabido tem no Couto de Tavarede* (03-09-1703).⁴⁵

A proximidade de D. João de Melo com D. José de Melo e Mendonça pode ser atestada, por exemplo, através de escrituras de emprazamento e de aforamento de propriedades a D. José de Melo e Mendonça⁴⁶ ou por relatos do Cabido de favorecimento do Bispo a seu sobrinho.⁴⁷

D. José de Melo Mendonça, bacharel em Cânones (1696),⁴⁸ foi Cónego no Cabido de Coimbra, Arceidiago de Seia da Sé de Coimbra, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra (1701-1702)⁴⁹ e, por alvará de 20 de Fevereiro de 1706, recebeu o foro de cavaleiro fidalgo da Casa Real.⁵⁰ Foi igualmente deputado da Junta dos Três Estados.⁵¹ Sendo um alto membro do Cabido, um nobre das mais antigas famílias de Portugal e favorecido pelo então

⁴⁴ AUC, *Livro de Acórdãos do Cabido*, (1699-1714), vol. 17, fl. 36, III-1^aD-1-1-17. Fig. 247

⁴⁵ “(...) pera fazer pagar e renovar os prazos que estiverem extintos e mandar fazer outros de novo (...) no dito Couto e o Cabido mandou constar em todo o tempo que constasse no dito negocio (...)”, AUC, *Livro de Acórdãos do Cabido*, (1699-1714), vol. 17, fl. 71, AUC- III-1^aD-1-1-17. Fig. 248

⁴⁶ AUC, *Mitra Episcopal de Coimbra – Escrituras Diversas (1548-1779)*, Liv. 99, fl. 105 a 106v, *Translado do aforamento das nove geiras e meya de terra, sita no Campo do Corredio e Campo Velho, de Lavos, feito por D. José de Mello e Mendonça, e, o licenciado Pe. Manoel Fernandes da Costa a André Ferreira e João Roiz Ramalho em 1694 com licença da Mitra* (fig. 249-252) e fl. 109 a 117, *Certidão de emprazam.¹⁰ que fes o Sn^{or} Bispo Conde Dom Joam de Mello a Dom Joseph de Mello e Mendonça de huãs terras sitas no campo da Borralha onde chamaõ a Taboeira no tr^o da V^a de Montemor o Velho*, em 1697. AUC-II-2^aE-2-4-21.

⁴⁷ AUC, *Mitra Episcopal de Coimbra – Documentos Avulsos*. Na *Carta dirigida ao rei pelo Conegos da Sé de Coimbra, queixando-se do Bispo os Cónegos queixam-se* “(...) da opressão emjusta de censuras com que o Bispo Conde seo prelado os tinha oprimidos por contemplação de seo sobrinho Dom Joseph de Mello. Também na Suspeição ao Bispo D. João de Mello,” os Cónegos queixam-se “que provendo Depois o Ill.^{mo} S.^r recusado a seu sobr.^o Dom Joseph de Mello, nulla e injustam.^{1e} como he notório em hua conezia q. vagou nesta See no Coro” fl. 2v, “Que Emprazou ao Seu Sobrinho D. Joseph de Mello o dr.¹⁰ q. compete á Sua mitra das reções de azeite e outros frutos no distrito de Cazal Comba e Vacarissa sem consentim.¹⁰,” fl. 4 e 4v. Estes documentos encontram-se transcritos em RODRIGUES, Alice, “Subsídios para o Estudo da Diocese de Coimbra o Bispo-Conde D. João de Melo (1624-1704)”, Separata do *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. VII, Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1985, Documento n^o 9, p. 269 e Documento n^o 10, pp. 269-86.

⁴⁸ AUC, *Livro de Matrículas*, 1696, D. José de Melo, filho de D. Pedro de Melo, natural de Lisboa, matriculado em Cânones em 1.X.1691, concluiu o bacharelato em 7.VII.1696. AUC-VI-1^aD-1-1-49.

⁴⁹ SCMC, *Livro de Receyta e Despeza desta Caza da Santa Mizericordia desta Cidade de Coimbra, este Anno que começou dia da Vizitação de N. Senhora a 2 de Julho de 107 & ha de acabar em outro tal dia de 1702*, n^o 48.

⁵⁰ CASCÃO, Rui, 2009, p. 617.

⁵¹ SOUSA, António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Lisboa, 1749, Tomo 11, p. 729.

Bispo de Coimbra, D. João de Melo, seu tio, tal “explicaria a construção de um palacete na Figueira, terra que fazia parte dos domínios daquela corporação eclesiástica.”⁵²

Assim, D. João de Melo terá emprazado propriedades da Mitra ao seu sobrinho D. José de Melo e Mendonça o qual, por sua vez, instituiu o morgadio da Figueira, por testamento, em 1735.⁵³ O sobrinho deste, D. Pedro José de Melo Homem, casado com D. Maria Antónia de Bourbon, terá herdado o morgadio.⁵⁴

A administração do morgadio passou para D. António José de Melo Homem, casado com D. Mariana Joaquina de Mendonça⁵⁵ e foi posteriormente transmitido para o seu filho D. João José de Melo, casado com D. Ana Francisca de Sousa, os quais não tiveram descendentes. O morgadio passou assim para o seu irmão D. José de Melo Homem,⁵⁶ casado com D. Maria Ignez de Almeida.

A filha destes, D. Maria José de Melo Menezes e Silva foi a seguinte morgada da Figueira.⁵⁷ Era casada com D. José Maria Rita de Castelo-Branco, o qual recebeu o título de 1º Conde da Figueira em 1810, e faleceu em 1818, sem deixar descendência. O morgadio passou depois para D. Miguel António de Melo de Abreu Soares de Brito Barbosa Palha Vasconcelos Guedes, o 1º Conde de Murça, casado com D. Maria José do Sacramento de Albuquerque.⁵⁸ Herda-o o seu filho, D. José Maria de Melo, 2º Conde de Murça,⁵⁹ o qual não

⁵² CASCÃO, Rui, 2009, p. 617.

⁵³ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4, Doc. 8 – *Sub-rogação de foro direto – prazo feitozim perpétuo* (1861).

⁵⁴ AUC, *Mitra Episcopal de Coimbra – Tombos de demarcação e reconhecimento – Lavos*, Liv. 69, fl. 224 a 229. *Auto de reconhecimento que fazem por seu procurador D. António Jozé de Mello Homem, e sua mulher D. Marianna Joachina de Mendonça, da cidade de Lisboa* “(...) e pelo dito procurador foi apresentado o testamento com que faleceo Dom Joze de Mello e Mendonça tio de Dom Pedro Joze de Mello Homem pay e sogro de seus constituintes [António José de Melo e Mendonça e sua mulher D. Mariana Joaquina de Mendonça] a quem tinha constituido por seu universal herdeiro (...)” fl. 228v. AUC-II-2ºE-2-3-24.

⁵⁵ Conforme Auto de reconhecimento de 1794 citado anteriormente.

⁵⁶ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4, Doc. 2 – *Contrato de arrendamento, quitação e obrigação* (1789) “Dom Joze de Mello, como Amenistrador da Caza de seu pay o preclarissimo Dom Antonio Joze de Mello Homem”, fl. 1.

⁵⁷ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4, Doc. 3 – *Contrato de arrendamento, quitação e obrigação* (1816) “(...) procuradores do Illustrissimo Senhor Dom Joseph Castelo-Branco Conde da Figueira, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima Commendador na Ordem de Christo (...) que a seu Excellentissimo constituinte pertence o seu Morgado chamado da Figueira, e situado na Villa da Figueira (...) e porque minha Mulher a Illustrissima Senhora Condessa da Figueira Donna Maria Joze de Melo Menezes e Silva (...)”

⁵⁸ O morgadio da Figueira foi “alienado pelo 1º Conde de Murça, que veio a ser senhor daqueles vínculos por morte, s. g., de sua prima, D. Maria José de Melo Meneses e Silva, Condessa da Figueira (v.) pelo casamento.” in ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Lisboa, 2000, vol. 3, (1ª ed. 1961) p. 86-87 (em “Manuel dos Santos Júnior”). Em 1819 (no ano seguinte ao falecimento da Condessa da Figueira) D. Miguel António de Melo, 1º Conde de Murça, surge como

teve geração, passando o morgadio para seu irmão D. João José Maria de Melo, 3º Conde de Murça. Em 1861, através de uma sub-rogação entre este e Frutuoso José da Silva, um importante negociante de Coimbra, o morgadio da Figueira deixou de estar vinculado aos bens da família Melo.⁶⁰

2.3 – Os arrendamentos do morgadio da Figueira

Desde pelo menos 1791 os bens do morgadio da Figueira, incluindo a Casa, foram sendo arrendados a diversas pessoas, com o objetivo de rentabilizar as propriedades vinculadas.

Em 25 de setembro de 1789 D. José de Melo, como administrador da casa de seu pai, D. António José de Melo Homem, celebrou, em Lisboa com Julião de Oliveira, negociante, morador no Largo do Convento da Encarnação, em Lisboa, seu filho Félix António de Oliveira, negociante, morador na Carapinheira, termo de Montemor-o-Velho e Leonardo Severo Duarte, negociante, morador em Maiorca, um *Contrato de arrendamento, quitação e obrigação* dos bens do morgadio, sítios na Figueira e em Lavos – *várias propriedades de casas, 13 marinhas de sal, foros, terras de sementeira e outras pertenças* – pelo valor anual de 600.000 réis, em dinheiro, por um período de seis anos (01-01-1791 a 31-12-1796).⁶¹

Em 20 de julho de 1816, D. José Castelo Branco, Conde da Figueira, do Conselho de Sua Majestade, Comendador das Ordens de Cristo e da Torre e Espada, viador da princesa D. Maria Benedita, casado com D. Maria José de Melo Menezes e Silva, celebrou em Lisboa, na Rua Bela da Rainha, um *Contrato de arrendamento, quitação e obrigação* com Francisco José Rodrigues de Aguiar, negociante, morador no Largo da Madalena, na freguesia de Stª Madalena, Lisboa, dos bens do morgadio – *Marinhas, Palácio, oitavos e tudo mais pertencente ao Morgado da Figueira* – pelo valor anual de 800.000 réis, por um período de quatro anos (desde julho de 1816).⁶²

suplicante numa sentença cível em que o réu foi Nostório Dias, da Figueira. ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4, Doc. 4 – *Sentença cível - Marinhas, sítios no princípio do Esteiro de Lavos* (1819).

⁵⁹ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4 – Doc. 7. “(...) Excellentissimo Dom Miguel Antonio de Mello, Conde de Murça do Conselho de Sua Magestade Fidelissima Viador da Serenissima Senhora Infanta Dona Izabel Maria, Commendador da Ordem Militar de Nosso Senhor Jezus Christo, aonde eu Tabelião vim, e o mesmo se achava ahi presente, e bem assim seu filho Immediacto sucessor o Illustrissimo e Excellentissimo Dom Joze Maria de Mello.”

⁶⁰ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4 – Doc. 8.

⁶¹ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4 – Doc. 2. Ficou estabelecido no contrato que não entrariam nele três marinhas novas que o rendeiro Julião de Oliveira ficou obrigado a fazer por outro contrato.

⁶² ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4 – Doc. 3. Foram procuradores do proprietário o Reverendo beneficiado Joaquim António de Lima e Manuel Moreira de Carvalho, Professor da Ordem de Cristo e

Em 15 de fevereiro de 1819, através de *processo cível*, na Vila da Figueira da Foz do Mondego, D. Miguel António de Melo, de Lisboa, do Conselho de Sua Majestade e do de sua Real fazenda, Comendador da Ordem de Cristo, apresenta queixa contra Nostório Dias, da Figueira, por causa de obras terá mandado fazer nas *Marinhas sitas no princípio do Esteiro de Lavos*.⁶³

Em 07 de julho de 1821, D. Miguel António de Melo, do Conselho de Sua Majestade, e de sua Real Fazenda, Deputado do Conselho das Senhoras Rainhas e Comendador da Ordem de Cristo, celebrou em Lisboa, na Rua Bela da Rainha, uma *escritura de arrendamento* com Francisco Aureliano Aguirre, negociante em Lisboa, morador na Rua Nova dos Capateiros, freguesia da Conceição Nova, daquela cidade, dos bens do morgadio – *marinhas, palácios, oitavos e tudo o que mais pertença ao morgadio* – pelo valor de 500.000 réis na forma de lei, por quatro anos (01-07-1821 a 30-06-1825).⁶⁴

Em 19 de abril de 1825, D. Miguel António de Melo, do Conselho de Estado, Comendador da Ordem de Cristo, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda e Presidente do Real Erário e nele lugar Tenente, celebrou em Lisboa, na Rua Bela da Rainha, um *contrato de arrendamento, fiança e obrigação* com Frutuoso José da Silva Braga,⁶⁵ dos bens do morgadio – *marinhas, palácios, oitavos e tudo o que mais pertença ao morgadio* – pelo valor de 450.000 réis na Lei, por quatro anos (01-07-1825 a 30-06-1829).⁶⁶

Em 19 de junho de 1835, D. Miguel António de Melo, 1º Conde de Murça, do Conselho de sua Majestade, viador da Infanta D. Isabel Maria, Comendador da Ordem de Cristo, e seu sucessor D. José Maria de Melo, celebraram em Lisboa, no palácio do primeiro, sito na Rua Direita de Santos, às Janelas Verdes, freguesia de Santos-o-Velho, uma *escritura de aforamento fatiozim perpétuo* com Frutuoso José da Silva, negociante e proprietário, morador na cidade de Coimbra e em Lisboa, na Rua do Arco da Bandeira, na Hospedaria de João António Franco, dos

Oficial do Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra; o Tabelião foi Manuel d'Antão Barbosa e as testemunhas Veríssimo António Telles de Sampaio e Caetano Amaro Alvares da Silva e Castro.

⁶³ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4 – Doc. 4. O Juiz de Fora do Cível Crime e Órfãos foi o Doutor Joaquim Duarte da Silva Franco, sendo o escrivão de um dos Offícios do Público Judicial e Notas António Cipriaco de Carvalho, o Escrivão Ajudante José Joaquim Dias Vellozo e os louvados. Foi procurador do suplicante Manuel Dias da Cunha, da Figueira.

⁶⁴ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4 – Doc. 5. O procurador do rendeiro foi António Mancio Rama Caldeira, o Tabelião José Manuel Antas Barbosa e as testemunhas foram Tomás Rodrigues Azua e José Maria de Serpa.

⁶⁵ Apenas lhe conhecemos a atribuição do apelido Braga neste documento.

⁶⁶ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4 – Doc. 6. O procurador e fiador do rendeiro foi António Mancio Rama Caldeira, Professo na Ordem de Cristo, o Tabelião Caetano Amaro Alves da Silva Castro e as testemunhas foram Tomás Rodrigues Azua e João José Pereira.

bens do morgadio – *Casas com armazéns, doze marinhas de sal em Lavos, um prazo no Corredio, uma terra nas Insulas* – pelo valor anual de 280.000 réis metálicos.⁶⁷

Em 28 de dezembro de 1861, D. João José Maria de Melo, 3º Conde de Murça, morador no Palácio sito na Rua e freguesia de Santos-o-Velho, em seu nome e como procurador de sua esposa D. Anna de Sousa Coutinho e Melo, e D. Marianna de Melo, filha primogénita,⁶⁸ através de *processo do Conselho de família e de sentença de sub-rogação de foro direto* do vínculo instituído por D. José de Melo e Mendonça, composto por *umas casas com seus armazéns na Figueira, doze marinhas em Lavos, um prazo denominado Corredio e um prazo na Insula*, em Lisboa, da Rua da Bitesga, nº 75, permuta esses bens com Fructuoso José da Silva, por 9.400.000 réis em inscrição da Junta de Crédito Publico do juro de 3%.⁶⁹

A partir dessa data extingue-se o morgadio da Figueira e a família Melo deixa de ter ligação com a Casa do Paço.

⁶⁷ ACSL, Est. 3/Prat. 5/6ª fila/Cx 28/Maço 4 – Doc. 7. “Casas com armazéns” refere-se à Casa do Paço. Por ser menor de vinte e cinco anos e maior de catorze, foi advogado e curador de D. José Maria de Melo o Doutor Fernando António Vermuele, morador na Rua Nova de Palma, freguesia do Socorro, em Lisboa. O Tabelião foi João Frederico Bartolomeu, o escrivão António Emígio Marques e as testemunhas foram Tomás Henrique Valadim, Oficial da Marinha e Anastácio Joaquim Pardal, negociante.

⁶⁸ Por ser impúbere, a menor foi representada pelo Conde de Alva, Paz do Reino e morador na Quinta das Laranjeiras, freguesia de São Sebastião da Pedreira, na qualidade de seu tutor.

⁶⁹ ACSL: Estante 3/Prateleira 5/6ª fila/Caixa 28/Maço 4 – Doc. 8.



imagem 8 – Painel representando o funcionamento de uma olaria, com a identificação dos quatro fundadores, (Bolsward), 1737⁷⁰ Museu Hannemahuis, Harlingen, Holanda

⁷⁰ Pintado por Dirk Danser, por encomenda da família Steensma, de Bolsward. Disponível em http://www.taalenrekenen.nl/ref_niveaus_taal/voorbeelden/00002/00001/00001/, consultado em 02-05-2013.



imagem 9 – Sala onde pintavam as peças cerâmicas e os azulejos (pormenor da imagem 8)



imagem 10 – Piso superior da olaria (pormenor da imagem 8)

No piso superior está representada a maioria das fases de produção de azulejos. Pormenor do piso superior, sendo visível o corte do barro em placas quadradas; o processo de secagem; a verificação da sua qualidade através do som.

3 – Azulejaria holandesa

“...le carreau hollandais des XVIIème et XVIIIème Siècles présente pour l'historien de l'art un intérêt tout spécial comme document d'une des activités artisanales les plus curieuses de ces pays d'artistes, soit en lui-même comme pièce céramique, soit accessoirement, par sa présence dans maints tableaux d'intérieur, soit encore et surtout, comme élément décoratif de l'architecture.”⁷¹

O uso de peças cerâmicas sempre esteve aliado à arquitetura, tanto pela sua vertente prática como pelo seu efeito decorativo.⁷² Com a evolução das técnicas de cozedura e de pintura, em Espanha surgem os primeiros azulejos cobertos com esmalte estanífero. No entanto, é em Itália que surge o primeiro grande centro de produção de azulejos pintados através da técnica da majólica.⁷³ No início do século XVI alguns ceramistas italianos emigram para outros pontos da Europa, introduzindo a técnica da majólica em Espanha, França e na Flandres, e mais tarde em Portugal.⁷⁴

Foi o caso de Guido di Savino, um ceramista italiano que se estabeleceu em Antuérpia por volta de 1508⁷⁵ tendo mudado o seu apelido para Guido Andries quando casou com uma jovem local. Guido era o apelido de família da jovem com quem casou.⁷⁶ Devido a questões políticas, que viriam a dar origem à Guerra dos Oitenta Anos, a economia em Antuérpia entrou em declínio, levando ceramistas a estabelecerem-se noutros locais, como aconteceu com o filho de Guido Andries, Joris Andries. Em 1565 instala-se em Middelburg, a cerca de 80 km de Antuérpia (Bélgica), na Holanda, criando a que foi, muito provavelmente, a mais antiga olaria holandesa, onde terá começado a produzir azulejos e cerâmica através da técnica da majólica.

⁷¹ SIMÕES, J. M. dos Santos, *Carreaux Céramiques Hollandais au Portugal et en Espagne*, Haia : Martinus Nijhoff, 1959, p. 3.

⁷² No caso dos azulejos, a sua utilização na arquitetura permitia a criação superfícies fáceis de limpar, à prova de água, retardadora do fogo e irradiadora de calor, cujas vantagens eram bem evidentes. Tal como o seu uso, também a sua decoração era diversa, podendo ser constituída por imagens simples, insígnias, ou composições mais elaboradas. Através da sua decoração, os encomendantes pretendiam transmitir uma mensagem didática, moral ou simbólica. Tendo em conta o seu valor, apenas o clero, a realeza e a nobreza tinham os meios económicos para os adquirir. LEMMEN, Hans van, *Tiles in Architecture*, Londres: Laurence King Publishing, 1993, p.11.

⁷³ Sobre este assunto veja-se, por exemplo: PLUIS, Jan *De Nederlandse Tegel, decors en benamingen 1570-1930, The Dutch Tile - Designs and Names 1570-1930*, Leiden: Nederlands Tegelmuseum, 1997, LEMMEN, Hans van, 1993, MECO, José, *O Azulejo em Portugal*, Alfa, Lisboa, 1989.

⁷⁴ LEMMEN, Hans van, 1993, p.41.

⁷⁵ PLUIS, Jan, 1997, p. 64.

⁷⁶ LEMMEN, Hans van, 1993, p.49.

Este movimento migratório de ceramistas explica, em parte, a proliferação da técnica do esmalte estanífero na Holanda durante a segunda metade do século XVI.⁷⁷

O desenvolvimento económico que se verificou no século XVII um pouco por toda a Holanda e a instalação de olarias nas grandes cidades, tornou o azulejo mais acessível. A classe média passou a dispor de mais meios económicos, substituindo as antigas casas de madeiras por construções em tijolo a um ritmo acelerado, muitas vezes decoradas com aquele tipo de revestimento cerâmico.⁷⁸

“Tiles are a product sensitive to the ups and downs of trade. In times of prosperity building activity increased and there were better opportunities for tiles manufacturers to sell their wares. Such periods occurred from 1590-1650, 1740-1800 and 1850-1920. A great number of tiles were produced during these periods and the range of available designs grew significantly.”⁷⁹

Os azulejos holandeses⁸⁰ eram produzidos em diversas zonas, com distintas características regionais, o que permite a identificação de alguns exemplares. Os centros de produção mais conhecidos do século XVIII são os de Roterdão, Amsterdão, Delft, Utrecht, Harlingen, Makkum e Bolsward.⁸¹

Roterdão foi um grande centro de produção, conhecendo-se pelo menos 14 olarias a laborar entre 1609 e 1670, tendo a *Marktveld* sido a azulejaria mais antiga de que há registo, a qual funcionou entre 1609 e 1633.⁸² De entre as várias que se conhecem, destaca-se a *Delftsevaart* (1635-1773) à qual o pintor Cornelis Boumeester esteve ligado entre 1676 e 1732.⁸³ Foi esta olaria que produziu os azulejos de figura avulsa de paisagens que se encontram no Castelo de Rambouillet, em França. Aí terão sido produzidos também os azulejos de figura avulsa de paisagens e de cavaleiros que se encontram no Palácio Labbeville, em França ou no Palácio Schwetzingen, na Alemanha.⁸⁴

⁷⁷ LEMMEN, Hans van, 1993, p.63.

⁷⁸ LEMMEN, Hans van, 1993, p.63. A este propósito vejam-se, por exemplo, pinturas de Pieter de Hoogh ou de Jan Vermeer (imagens 11 e 12).

⁷⁹ PLUIS, Jan, 1997, p. 17.

⁸⁰ Sobre o processo de fabrico de azulejos em olarias, na Holanda, vejam-se as imagens 8 a 10, MOERMAN, Ingrid W. L., *Tegelcollectie g. de Goederen*, Leiden: Stedelijk Museum de Lakenhal, 1980, pp. 3-4, ou o tema “Plateelbakker” em <http://www.beropenvanvroeger.nl/Oude-beropen-P.html> (Profissões do passado - Holanda).

⁸¹ PLUIS, Jan, 1997, pp. 64-65.

⁸² JAGER, Ingrid de, SCHADEE, Nora, *Tegels uit Rotterdam 1609-1866*, Roterdão: Uitgeverij Aprilis, Zaltbommel, Historisch Museum Rotterdam, 2009, pp. 42-46.

⁸³ PLUIS, Jan, 1997, p. 65.

⁸⁴ JAGER, Ingrid de, SCHADEE, Nora, 2009, pp. 103.

São várias as informações ou indícios que nos levam a afirmar que os azulejos holandeses da Casa do Paço terão sido produzidos em Roterdão, nomeadamente a existência de *spons*,⁸⁵ desenhos ou outros azulejos muito semelhantes com as representações existentes na Figueira da Foz.⁸⁶ Além disso, de acordo com Ingrid de Jager e Nora Schadee, os azulejos da Casa do Paço terão sido produzidos na olaria *Delftsevaart*, em **Roterdão**.⁸⁷

3.1 – O azulejo holandês de figura avulsa

“O aumento das importações de porcelana chinesa obrigou os ceramistas dos Países-Baixos, por razões de concorrência, a adoptar o azul e branco, limitando-se a imitar o seu tom brilhante em técnica de majólica uma vez que a Europa só no século XVIII conseguiu fabricar porcelana. Os pintores de azulejo adaptaram-se igualmente à nova moda. A redução da paleta cromática a uma só cor permitiu-lhes um maior requinte pictórico e consequentemente melhorar a qualidade das representações figurativas. Os *enkele tegels*, designados em português por azulejos de figura avulsa, assemelham-se a pequenas obras de arte de traço delicado, produzidas em série, e eram de tal modo apreciados que foram exportados para vários países da Europa, incluindo Portugal.”⁸⁸

Na Holanda a finalidade principal da aplicação dos azulejos era mais prática do que decorativa. As aplicações parietais eram comuns em lareiras, à maneira alemã,⁸⁹ devido às suas características refratárias e à sua fácil limpeza.⁹⁰ No caso das habitações junto aos canais, como em Amsterdão, era frequente a aplicação de azulejos nas caves, de modo a evitar humidades. Também era comum o seu uso como rodapé⁹¹, nas cozinhas e em escadarias.⁹²

⁸⁵ Termo holandês para o papel no qual está o desenho que, depois de picotado, é colocado sobre a superfície do vidro em cru do azulejo. Através do uso de uma “boneca” (pedaço de tecido com carvão em pó) com a qual se vai batendo sobre o referido papel, o desenho é transposto para o azulejo permitindo ao pintor fazer os seus contornos bem como o enchimento da imagem.

⁸⁶ Compare-se a imagem 22 com a fig. 6 e a imagem 23 com a fig. 60, bem como as pareenças com muitos dos azulejos bíblicos identificados por PLUIS, Jan, *Bijbeltegels - Bijbelse voorstellingen op Nederlandse wandtegels van de 17e tot de 20e eeuw / Bibelfliesen, Biblische Darstellungen auf niederländischen Wandfliesen vom 17. bis zum 20. Jahrhundert*, Münster (Alemanha): Ardey-Verlag, 1994.

⁸⁷ JAGER, Ingrid de, SCHADEE, Nora, 2009, pp. 103 Com base na comparação com os azulejos de paisagens e de cavaleiros com os dos palácios Labeville, em França e Schwetzingen, na Alemanha.

⁸⁸ SABO, Rioletta e FALCATO, Jorge Nuno, *Azulejos – Arte e História*, Lisboa: Edições Inapa, 1998, p. 39.

⁸⁹ SIMÕES, J. M. dos Santos, *Estudos de Azulejaria*, Lisboa: INCM, 2001, p. 119.

⁹⁰ Repare-se no pormenor da lareira na pintura da imagem 11 – “Mulher descascando maçãs”.

⁹¹ Repare-se no pormenor do rodapé na pintura da imagem 12 – “Senhora diante do virginal”.

⁹² LEMMEN, Hans van, 1993, pp.63-64.

Nos séculos XVII e XVIII, em oposição à produção azulejar portuguesa, predominantemente de painéis, a produção holandesa era maioritariamente de figuras individualizadas, com motivos decorativos nos cantos,⁹³ cuja aplicação se limitava a pequenas superfícies.⁹⁴ A dimensão mais comum dos azulejos holandeses era de cerca de 13 x 13 cm⁹⁵, sendo também essa a dimensão dos azulejos que se encontram na Casa do Paço.

Os desenhos eram transferidos para a placa cerâmica, depois de vidrada, através da técnica do *spon*. Tendo a placa cerâmica uma largura de 5 polegadas, o equivalente a 12,7 centímetros e o tamanho ideal para um adulto a segurar na mão sem ter de mudar a sua posição, era quase sempre o pintor quem executava a tarefa de pintura na totalidade, ou seja, desde o contorno aos acabamentos. As fábricas de maiores dimensões possuíam vários pintores a trabalhar em simultâneo,⁹⁶ o que pode explicar o facto de haverem detalhes diferentes em azulejos que representam a mesma cena, como acontece na Casa do Paço.



imagem 11 – *Mulher descascando maçãs*, s/d, de Pieter de Hoogh (1629 – 1684)



imagem 12 – *Senhora diante do virginal*, ca. 1670-2, de Johannes Vermeer (1632-1675)

Atualmente é raro encontrar na Holanda azulejos dos séculos XV, XVI e XVII *in situ*, por serem de uso comum e por se encontrarem originalmente aplicados em habitações da classe média, as quais sofriam frequentes alterações arquitetónicas consoante as necessidades dos seus

⁹³ PLUIS, Jan, 1997, p. 34.

⁹⁴ SIMÕES, J. M. dos Santos, 2001, p. 119.

⁹⁵ O equivalente a 5 polegadas. Apesar de surgirem outros tamanhos, particularmente na primeira metade do século XVII, foi esta a dimensão predominante até cerca de 1830 quando os azulejos passaram a ser de 6 polegadas – 150 x 150 mm. PLUIS, Jan, 1997, p. 57.

⁹⁶ A título de exemplo, veja-se a imagem 13 – “*De Tegelschilders*” (os pintores de azulejos), que representa uma sala de pintura de azulejos, possivelmente em Utrecht.

habitantes. A razão pela qual estes azulejos se podem ainda hoje encontrar nos seus locais originais em países como França, Alemanha, Itália, Espanha ou Portugal deve-se ao facto dos seus patronos serem a igreja, a corte ou a nobreza. Eram assim encomendados para espaços nobres.⁹⁷



imagem 13 – *De Tegelschilders*, 1884, Anthon G. A. Ridder van Rappard (Utrecht 1858- Utrecht 1892)⁹⁸

“Se o gosto de grandes revestimentos em azulejo indica um horror ao vazio que entre os Portugueses se pode filiar numa herança árabe, ele mantém-se ao longo de séculos e transforma-se numa necessidade estética (...).”⁹⁹

Em Portugal o desenvolvimento do fabrico de azulejos cada vez com maior qualidade é notório pela vasta produção que caracteriza a cultura decorativa do país.¹⁰⁰ Nos finais do século XVII o gosto pela porcelana chinesa influenciou a procura nacional pelos azulejos holandeses, mais conhecidos por azulejos de *Delft*, pintados a azul sobre branco ou, menos frequentemente, manganês sobre branco, cuja superioridade técnica, em que a aplicação do azul fazia lembrar a porcelana da China, em muito contribuiu para a preferência dos portugueses na sua escolha.

⁹⁷ LEMMEN, Hans van, 1993, p. 64.

⁹⁸ Pintura patente no Nederlandse Tegelmuseum.

⁹⁹ SABO, Rioletta e FALCATO, Jorge Nuno, 1998, p. 10.

¹⁰⁰ AAVV, *Azulejos - Obras do Museu Nacional do Azulejo*, Paris: Editions Chandeigne – Librairie Portugaise, 2009, p. 8.

Na segunda metade de seiscentos, o desenvolvimento do comércio marítimo trouxe ao mercado português grandes quantidades de azulejos holandeses¹⁰¹ do tipo *enkele tegel*,¹⁰² miniaturais e delicados, exportados para vários continentes.¹⁰³ Em 1687 os azulejos holandeses eram de tal forma comuns no mercado de Lisboa que, para salvaguardar a produção nacional da elevada concorrência, a Conselho da Fazenda emitiu um edital proibindo a sua importação, revogado 11 anos depois.¹⁰⁴

“os holandeses, com a sua argúcia comercial, produziram para Portugal azulejos de excepcional perfeição técnica mas relativamente baratos. Recorreram à pintura a azul e branco, que não só tinha um carácter moderno como se assemelhava, na cor e da cintilação, à porcelana chinesa. Utilizaram artistas profissionais de formação estética cuidada, que trabalharam a partir de cópia de gravuras.”¹⁰⁵

A sua chegada a Portugal terá influenciado o aparecimento de azulejos de figura avulsa de produção nacional, incomparavelmente mais rudes, com pinceladas mais carregadas e volumosas.¹⁰⁶ Ao contrário dos painéis figurativos, concebidos para grandes espaços e para serem apreciados a maior distância, os azulejos de figura avulsa holandeses devem ser vistos de perto, para que o observador se foque no individual e se abstraia do efeito coletivo, de modo a poder admirar a minúcia e a mestria da técnica caracteristicamente holandesa.¹⁰⁷

“Concebidos para serem usados em pequenas doses, a tendência portuguesa para os revestimentos integrais utilizou-os a cobrir paredes inteiras e destruiu parte do seu carácter, dissolvendo a fragilidade da sua pintura quando vistos em grandes conjuntos, como a maior colecção mundial destes azulejos, a da Casa do Paço na Figueira da Foz.”¹⁰⁸

¹⁰¹ Apesar disso a maioria dos azulejos de figura avulsa que chegaram aos nossos dias estão em coleções museológicas. O espólio da Casa do Paço é uma exceção, quer por ainda estarem no seu local original, quer pela elevada quantidade de azulejos, os quais decoram quatro salas do piso nobre daquele edifício.

¹⁰² Termo holandês para azulejo de figura avulsa.

¹⁰³ MECO, José, 1984, p. 51.

¹⁰⁴ Esta medida não deve ter assegurado os efeitos de proteção ao mercado nacional, da forma desejada. SIMÕES, J. M. dos Santos, *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979.

¹⁰⁵ MECO, José, 1985, p. 43.

¹⁰⁶ MECO, José, 1984, p. 51. A título de exemplo, compare-se as imagens 14 e 15.

¹⁰⁷ Compara-se, por exemplo, as imagens 16 e 17 com as imagens 20, 21, 24, 26.

¹⁰⁸ MECO, José, *Azulejos de Lisboa*, Catálogo da exposição, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1984, p. 51. A título de exemplo veja-se a imagem 16. A aplicação deste tipo de azulejos em larga escala é uma característica portuguesa. MECO, José, *Azulejaria Portuguesa*, Lisboa: Bertrand Editora, Lda. 1985, p. 41 O azulejo holandês distingue-se claramente do português pelas suas características técnicas, como sejam as matérias-primas e os processos de fabrico. SIMÕES, J. M. dos Santos, 1979, p. 16.



imagem 14 – *Enkele tegel* holandeses
(Casa do Paço)



imagem 15 – Azulejos de figura avulsa portugueses
(Capela N^a Sr^a Conceição, Buarcos)

3.2 – Azulejos holandeses na Casa do Paço

“A melhor casa da cidade é o antigo palacio (...), na rua chamada do Paço. Dois dos grandes salões d’este predio são forrados á altura de um terço da parede por lindos azulejos de Delft, tendo cada um o seu quadrozinho independente, a azul e branco, representando paisagens e costumes hollandezes. Esta collecção, que não sei nem como nem quando veio parar á Figueira, é no seu genero a mais interessante que tenho visto em Portugal.”¹⁰⁹

Apesar da sua grandiosidade, são os quase 6.700 azulejos¹¹⁰ que conferem a este paço um cariz de particularidade. Os azulejos holandeses de figura avulsa, da primeira metade do século XVIII, que se podem encontrar no piso nobre da Casa do Paço, constituem um caso absolutamente raro de azulejaria holandesa em Portugal e na Europa,¹¹¹ sendo invulgar tamanha quantidade *in situ*.¹¹²

¹⁰⁹ Embora Ramalho Ortigão em “As Farpas”, T. I, p. 38, diga que o edifício era dos Condes de Tavarede, a Casa do Paço nunca esteve na posse daquela família. A referência mais antiga que se conhece aos azulejos holandeses da Casa do Paço é deste autor. SIMÕES, J. M. dos Santos, 1979, p. 297.

¹¹⁰ Na contagem realizada em Maio de 2013 foram contabilizados 6699 azulejos, sendo 4013 de paisagens, 1992 de Cavaleiros e 694 bíblicos, distribuídos do seguinte modo: Sala dos Bíblicos – 672 bíblicos (671 manganês e 1 azul) e 204 paisagens); Sala de Paisagens (a nascente) – 1590 paisagens, 282 cavaleiros e 2 bíblicos (1 manganês e 1 azul); Sala dos Cavaleiros – 1455 cavaleiros, 417 paisagens e 20 bíblicos; Sala de Paisagens (a poente) 1802 paisagens e 255 cavaleiros. Agradecemos à Alona Avdoshkina, à Mónica Castro e à Olga Costa, que realizaram o estágio da formação tecnológica de Técnicos de Informação e Animação Turística, do IIEFP, IP, Coimbra, na Casa do Paço em 2013, pela contagem aqui apresentada.

¹¹¹ CORREIA, Virgílio, no *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1952, p. 90, descreve-os assim: “Quatro das salas possuem alto alizar de azulejos holandeses, do princípio do séc. XVIII, nos tipos de cavaleiros, paisagens e motivos religiosos; colecção absolutamente rara.”

¹¹² “Portugal – país do azulejo – abriga a mais espantosa colecção de azulejos holandeses do mundo! Esta da Figueira, no seu género a mais extraordinária, vale só por si um verdadeiro Museu.” SIMÕES, J. M.



imagem 16 – Vista da Sala das Paisagens (poente)

Aplicados a meia altura, na Sala dos Bíblicos o alizar tem doze azulejos de altura, com um rodapé em azulejo marmoreado castanho, semi-coberto por um rodapé de madeira. Nas restantes salas o alizar tem treze azulejos de altura. Na Sala

dos Cavaleiros a cercadura realizada com azulejos de paisagens é completa, enquanto nas duas Salas de Paisagens tal não acontece.



imagem 17- Pormenores das salas com azulejos de temas bíblicos, paisagens e cavaleiros

Relativamente a estes azulejos coloca-se a questão sobre o modo como surgem na Figueira da Foz.¹¹³ Por não se terem encontrado até ao presente documentos que provem o contrário, os investigadores dão crédito à informação que foi sendo transmitida de geração em geração,¹¹⁴ segundo a qual os azulejos terão chegado à Figueira da Foz através da recuperação da carga de

dos Santos, 1947, p. 37. “Os investigadores holandeses que ao estudo da cerâmica decorativa se têm dedicado, ignoravam a possibilidade de existência de tão importante núcleo e foi com a maior surpresa que receberam a notícia, como, de resto, os surpreendeu a «descoberta» da azulejaria holandesa em Portugal. Até ao momento da revelação [1946] os ceramógrafos holandeses, ingleses e belgas tinham como o mais importante núcleo de azulejos holandeses conservados in loco, o que se encontra em uma dependência do Castelo de Rambouillet (...) sobremaneira valorizado com a presença de painéis, um dos quais assinado por C. Boumeester. Este núcleo (...) não pode porém emparelhar com o da Casa do Paço, não só no que respeita ao número de azulejos, como, ainda à antiguidade.” SIMÕES, J. M. dos Santos, 1947, p. 36.

¹¹³ As trocas comerciais entre Portugal e Holanda passavam também pela Figueira da Foz. Sendo o sal um dos principais produtos exportados pelo nosso país, naquele período, “ não deixa de ser curioso notar que, precisamente os maiores centros exportadores de sal – Setúbal, Figueira da Foz, Aveiro e Viana – receberam azulejos da Holanda em maior ou menor quantidade.” SIMÕES, J. M. dos Santos, 1979, p. 15.

¹¹⁴ Na sua obra *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus Azulejos*, Santos Simões começa o Capítulo II dedicado aos Azulejos da Casa do Paço, dizendo “Aos azulejos da Casa do Paço da Figueira da Foz anda ligada teimosa tradição que tomou foros de lenda. Consta, de há tempos imemoráveis, que esses azulejos vieram parar à Figueira por virtude de naufrágio ou arribação de navio holandês,” p. 36.

uma fragata holandesa, possivelmente a que, em 1706, terá arribado¹¹⁵ na praia desta povoação,¹¹⁶ tendo sido posteriormente adquiridos pelos senhores da Casa do Paço.

“Há várias versões quanto à maneira como foram obtidos. A mas generalizada é a do naufrágio duma caravela holandesa, e que atingida no alto mar por forte tempestade, viera parar desmantelada à nossa praia, ainda com uma parte da preciosa carga de azulejos, sendo êsses salvados adquiridos pelo referido prelado [D. João de Melo].”¹¹⁷

Não se conhecem registos sobre alterações no espólio azulejar durante o período em que a Casa do Paço pertenceu ao Morgadio da Figueira, mas apenas depois de ter sido desvinculada do morgadio. No período em que a Assembleia Figueirense teve a sua sede nesse imóvel, entre 01 de janeiro de 1857 e 31 de dezembro de 1879, esta entidade efetuou obras e modificações no edifício, nomeadamente em 1865, quando foram arrancados os azulejos que decoravam duas das salas da Casa do Paço,¹¹⁸ sendo desconhecido o seu destino, o que poderá justificar a existência de uma quantidade considerável destes azulejos em coleções particulares ou, em menor quantidade, nalguns acervos museológicos em Portugal e no estrangeiro, com referência à Casa do Paço ou à Figueira da Foz.¹¹⁹

¹¹⁵ Para se perceber a dificuldade em entrar no Porto da Figueira, devido à acumulação de areias, veja-se, por exemplo, o Mapa de Pedro Teixeira, de 1634), imagem 3. Veja-se também ARROTEIA, Jorge Carvalho, *Figueira da Foz – Contribuição para o seu conhecimento geográfico*, Lisboa: Dissertação de Licenciatura em Geografia, 1972, figs. 3, 4, 5 e 6.

¹¹⁶ Na sua obra *Materiaes para a História da Figueira nos séculos XVII e XVIII*, de 1893, António dos Santos Rocha faz referência ao registo de alguns naufrágios nos Registos da Alfândega, nomeadamente uma fragata holandesa em 1706.

¹¹⁷ PINTO, Maurício, “Azulejos holandeses na Figueira”, *Boletim da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz*, nº 8, 31-07-1942. Também num artigo publicado n’O Primeiro de Janeiro, de 30-03-1945, s/ autor, p. 3, é referida a possibilidade de naufrágio “Bem pode ser que o barco que os transportava, como tantas vezes sucedia a navios de outras nacionalidades, aqui desse à costa e êles constituíssem o espólio dos salvados vendidos ao desbarato para prover as necessidades dos náufragos”. Sobre a passagem deste tipo de mercadoria junto à costa portuguesa, veja-se o mapa s/ p. (após o índice) em SIMÕES, J. M. dos Santos, 1959 ou o artigo sobre azulejos holandeses no Cairo, de JONGSTRA, Jaap, “Nederlandse Tegels in Cairo” in *Vormen Uit Vuur*, Amsterdão, nº 215/216, 2011/4 – 2012/1, pp. 50-59.

¹¹⁸ Da sala antes da Sala dos Bíblicos e da Sala da Recepção. AHMFF, *Depósito da Assembleia Figueirense*, Livro 4 - *Livro de Actas das Sessões da Direcção da Assembleia Figueirense*. Na reunião de 21-07-1865 “Se resolveu mais a direcção que visto achar-se em péximo estado o papel com que estão forradas a Salla de Leitura e o Sallão, e o estar proximo o tempo de banhos em que esta Casa muito concorrida até por pessoas estranhas sendo vergonhoso que assim se conservassem, ião tendo na atualidade a Casa fundos para satisfazer as despesas precisas para de nôvo se forrarem, e se remediarem outras necessidades da Caza”, fl. 68v e 69. De acordo com o Relatório apresentado pela Direcção em 28-12-1865 “a direcção executou os seguintes melhoramentos na Assembleia (...) Forrarão-se a papel o Sallão de Baile e o Gabinete de Leitura, extrahindo se o azulejo das parêdes, o que era também evidentemente necessário” idem, fl. 76v. Nesse relatório a Direcção refere ainda melhoramentos que pretendiam executar, nomeadamente “levantar o azulejo das outras sallas forrada a papel” os quais não chegou a realizar “visto que tendo empreendido outras obras e feito compras também necessárias e despendiozas não lhe sobrarão meios para fazê-los”, fl. 78. Durante as obras realizadas na Casa do Paço, em 2005, foram encontradas marcas na argamassa, na sala contígua à Sala dos Bíblicos, imagem 33.

¹¹⁹ SIMÕES, J. M. dos Santos, 1947, pp. 20-21. Os casos de azulejos que conhecemos em habitações particulares são de temas das paisagens, o que nos leva a crer que, em pelo menos uma das salas de onde

Também o Palácio Melo e Abreu,¹²⁰ em Santo António dos Capuchos, Lisboa, teve azulejos de figura avulsa iguais aos da Casa do Paço,¹²¹ embora o que resta do espólio de duas salas, outrora decoradas com azulejos holandeses de figura avulsa iguais aos existentes na Casa do Paço, na Figueira da Foz, esteja atualmente no Museu Nacional do Azulejo.

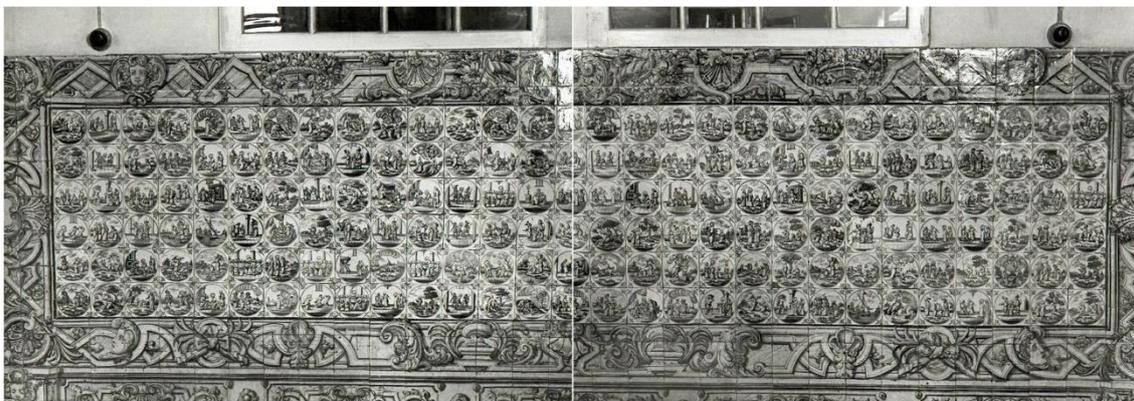


imagem 18 - Azulejos holandeses de figura avulsa com cercadura portuguesa, no Palácio Melo e Abreu, Lisboa

Imagens s/d, gentilmente cedidas pelo Prof. José Meco

3.3 – As temáticas dos azulejos holandeses na Casa do Paço

Obedecendo ao pedido do encomendante ou ao gosto da época, as temáticas mais representadas subdividiam-se em cenas bíblicas, paisagens com cenas campestres ou quotidianas e cavaleiros, sendo que na Casa do Paço se podem encontrar estes três tipos.

Para pintar a cena sobre a camada de vidrado, o pintor baseava-se num desenho pré-existente criado por si, ou baseado em estampas ou gravuras que circulavam na época, em

foram arrancados em 1865 estaria decorada com esse tipo de cena. Se aos azulejos que ainda existem na Casa do Paço, somarmos os que foram arrancados de duas salas e os que existiam no Palácio Melo e Abreu poderemos estimar um total de cerca de 12.000 azulejos.

¹²⁰ Adquirido por D. João de Melo e Abreu em 13-02-1716 a José de Melo da Silva e não por D. Pedro José de Melo, como indica Santos Simões, 1947, p. 19. Casado com D. Isabel Bernarda Soares de Vasconcelos, D. João de Melo e Abreu era sobrinho de D. José de Melo e Mendonça. ANTT, *Morgados e Capelas, Núcleo Antigo 217, Escritura de sub-rogação de um palácio pertencente aos condes de Murça, situado na Rua de Santo António dos Capuchos, por inscrições da Junta do Crédito Público* “...se acha instituído por D. Isabel Bernarda Soares de Vasconcelos e Dom João de Melo e Abreu. Que a este vínculo pertence um grande Palácio situado na Rua de Stº Antº dos Capuchos desta cidade [Lisboa] com o nº 26 (...) Que este Palácio fora comprado em Escritura de 13 de Fevereiro de 1716 por um Administrador que foi do vínculo Dom João de Melo e Abreu e pelo preço de 19.000\$000”. Na Chancelaria de D. João V, livro 44, fl. 162v. é indicada a compra pelo valor de 19.500 cruzados. Sobre este assunto veja-se também a comunicação apresentada por Susana Varela Flor, no congresso Azulejar 2012 (Aveiro), intitulada “The adaptation of the main floor of the Palace Melo e Abreu (18th century) to an infirmary of the old Asylum of mendicity: history and tile panels compositional characterization”.

¹²¹ SIMÕES, J. M dos Santos, 1947, p. 19.

pequenas séries. Nos casos de cenas mais complexas, nomeadamente cenas bíblicas e mitológicas, os pintores criavam por vezes as suas composições a partir de mais do que uma estampa ou gravura.¹²²

Nos diversos estudos sobre azulejaria os investigadores têm procurado estabelecer uma relação entre imagens, nomeadamente gravuras, e as representações nos azulejos.¹²³ Também aqui se procurou estabelecer uma ligação entre as cenas representadas e gravuras que circulavam nos finais do século XVII e princípios do século XVIII.

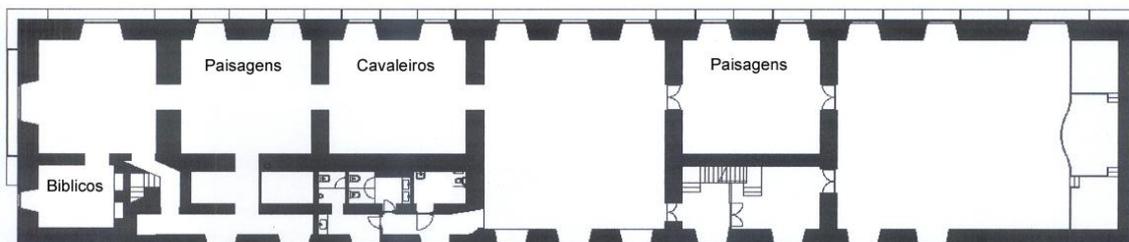


imagem 19 – Planta do piso nobre da Casa do Paço com indicação da localização dos azulejos

3.3.1 – *Bíblicos*

Desde sempre a Igreja sentiu necessidade de transmitir a sua mensagem recorrendo a vários meios para o efeito. Fosse através da oralidade ou de suportes mais duradouros, como o caso da



imagem 20 – Lc 24,14-16, *Jesus e dois discípulos no caminho de Emaús*

pintura ou, mais tardiamente, através da escrita, os ensinamentos tinham por objetivo a pedagogia e o ensinamento. Após a invenção da imprensa e de métodos de difusão de imagens, como o caso das gravuras, os pintores, incluindo os de cerâmica, tinham à sua disposição desenhos que poderiam reproduzir num dos tipos de peça que mais se adequava – o azulejo.

Nos azulejos de temas bíblicos, pintados com óxido de manganês (à exceção de dois exemplares pintados a azul),¹²⁴ as cenas estão representadas dentro de um duplo filete circular, sendo os cantos decorados com *ossenkop*¹²⁵ (cabeça de boi), encontrando-se a quase totalidade destes azulejos aplicados na *Sala dos Bíblicos*, no piso nobre da Casa do Paço.

¹²² PLUIS, Jan, 1997, p. 52

¹²³ PLUIS, Jan, 1997, p. 52

¹²⁴ Um encontra-se na cercadura da sala dos bíblicos e outro na parede central da sala das paisagens (nascente).

Nesta sala a cercadura é realizada por azulejos de paisagens, em azul-cobalto, criando um contraste com o manganês do centro.¹²⁶ Para além destes, existem também azulejos com cenas bíblicas no Museu Municipal Santos Rocha.¹²⁷ No total identificámos 63 cenas bíblicas diferentes, sendo 25 do Antigo Testamento e 38 do Novo Testamento.¹²⁸

A identificação das cenas representadas nos azulejos da Casa do Paço foi realizada com base na análise de textos bíblicos, da observação dos diversos elementos iconográficos representados e da comparação das imagens com as que Jan Pluis apresenta na sua obra de referência.¹²⁹

Do Antigo Testamento encontram-se cenas dos livros do Génesis, Êxodo, Números, Juízes, I Samuel, II Samuel, I Reis, II Reis, Tobias, Judite, Ester, Daniel e Jonas; e do Novo Testamento encontram-se representadas passagens bíblicas relatadas nos livros dos apóstolos (S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João) e no livro dos Atos dos Apóstolos.

Nem sempre a importância das personagens é representada do mesmo modo. Por vezes a figura de Cristo surge representada com halo, outras com auréola ou mesmo com chapéu de peregrino.



imagem 21 – Diferentes formas de representar Cristo

¹²⁵ *Ossenkop*, termo holandês para cabeça-de-boi é o canto mais comum nos azulejos holandeses. O tipo de *ossenkop* representado nos azulejos da Casa do Paço foi utilizado no período 1670-1700. PLUIS, Jan, 1997, pp. 535, 552.

¹²⁶ Veja-se a imagem 17. As cenas neles representados vão de apenas um exemplar a 35 exemplares da mesma cena. Curiosamente todos os azulejos bíblicos se situam nas salas à esquerda de quem entra na Casa do Paço. Exemplares únicos de azulejos incompletos/cortados: figs. 8, 25 e 41. Exemplares únicos de azulejos completos: figs. 14, 31, 47, 48, 49 e 61.

¹²⁷ Ali encontram-se 10 exemplares, dois dos quais com cenas que não se encontram na Casa do Paço, os quais foram igualmente considerados neste estudo.

¹²⁸ Incluindo duas cenas do Novo Testamento do acervo do Museu Municipal Santos Rocha, figs. 63 e 64.

¹²⁹ PLUIS, Jan, 1994 (tradução livre do título: Azulejos bíblicos - apresentações bíblicas nos azulejos holandeses do século XVII ao século XX). Nesta obra o autor apresenta um profundo estudo sobre os azulejos bíblicos holandeses, na qual, para além de explicações e referências relevantes, contém 1.895 imagens de azulejos, painéis, gravuras, pinturas e *spons*. Embora só tenhamos tido acesso a esta obra depois de identificados a quase totalidade das cenas bíblicas existentes na Casa do Paço, ela revelou-se de extrema importância para a confirmação das nossas conclusões ou esclarecimento de dúvidas.

Iconograficamente, a forma como as figuras são caracterizadas difere entre si, em que o grau de importância de cada um se verifica pela forma como a cobertura das suas cabeças é representada.¹³⁰ Nas diversas cenas bíblicas, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento, as pessoas de maior posição social ou de maior relevo na cena representada, surgem identificadas de forma específica, tendo-se constatado diferentes tipologias de cobertura da cabeça: turbante, elmo, coroa ou chapéu.¹³¹ Também determinadas particularidades físicas, bem como a presença de animais, alimentos ou mesmo de Deus, descritos nos textos bíblicos foram representados de modo a facilitar a identificação das respectivas cenas.¹³²

É através das vestes que o pintor consegue transmitir volumetria e movimento, pela forma como representa as figuras (sentadas ou de joelhos),¹³³ permitindo perceber a forma do corpo sob as mesmas, fazendo pregas ou moldando a sua forma.

O espaço físico difere consoante a cena decorra no interior ou no exterior, sendo essa percepção dada pelas nuvens e pelos elementos vegetais e edificados que surgem em segundo plano, no caso do exterior, e pela existência de peças de mobiliário, do padrão do piso (cujas linhas sugerem um efeito de perspectiva), bem como pela representação de janelas, portas e colunas, balaústres e degraus, no caso do interior.

Apesar de não se terem encontrado gravuras ou estampas que possam ter sido utilizadas pelos pintores destes azulejos, existem alguns desenhos ou *spons* que chegaram até à atualidade.

¹³⁰ Por exemplo, quando os discípulos possuem um chapéu do tipo de peregrino, a figura de Cristo surge identificada com uma auréola ou um halo (imagem 21). Relativamente à presença de halo ou de auréola, constata-se que apenas surgem em representações de passagens do Novo Testamento.

¹³¹ Com turbante (Loth, fig. 5, Abraão fig. 6 e 8, Faraó fig. 12 e José fig. 12, Balaão fig. 15, Assuero fig. 24 e Herodes fig. 37), com elmo, símbolo de posição militar, (Jefté fig. 16, Golias fig. 18, Joab fig. 19 e soldados fig. 52, 53, 54 e 55). Com coroa, simbologia associada aos reis, (Nebucodonosor fig. 25 e 25a, os Magos fig. 29 e Pilatos fig. 54 e 55). Com chapéu (Nicodemos fig. 35, Zaqueu 40 e centurião 44) ou chapéu de Peregrino (no Novo Testamento) (Pastor (na mão) fig. 28, José fig. 32, discípulos fig. 46 e Cristo 59).

¹³² Particularidades físicas – A nudez de Adão e Eva (figs. 2 e 3), os cabelos longos de Sansão (fig. 17), a altura de Golias (fig. 18), os membros inferiores semelhantes a patas de bode e as saliências na cabeça do Diabo (fig. 34). Presença de animais – serpente (figs. 2 e 14), leão (fig. 17), mula/burro (figs. 15, 19, 28 e 32), vaca (fig. 28), cavalo (figs. 12 e 62) e cão (fig. 22), corvo (fig. 20), pomba (figs. 27 e 33) e galo (fig. 53) e peixes (figs. 22, 26 e 42). Alimentos – Maçã (fig. 2); Carne (fig. 4); Pão (figs. 4, 20 e 60). Simbologia associada à presença/pedido/ordem de Deus – Fumo/nevoeiro (figs. 3, 5, 10, 27, 29, 33, 56, 57, 62 e 64); Fogo (figs. 4, 9 e 25); Sacrifício – altares (figs. 4 e 9).

¹³³ De joelhos – figs. 27, 28, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 58, 63 e 64. Sentado/a – 7, 11, 14, 20, 26, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 51, 54, 56, 57, 60 e 61.



imagem 22 – *Spon* oriundo de Harlingen, Gn 21, 14, *Expulsão de Ismael e Agar*



imagem 23 – Estudo para *spon*, oriundo de Roterdão, Lc 24, 30-31, *A refeição em Emaús*

3.3.2 – Paisagens

Nos azulejos de paisagens, de cor azul-cobalto, à semelhança dos bíblicos, as cenas estão representadas dentro de um duplo filete circular, sendo os cantos decorados com *ossenkop* (cabeça-de-boi). Estes azulejos estão presentes em todas as salas, seja como cercadura de bíblicos ou cavaleiros, ou como motivo central rodeados por cavaleiros.

O melhor modo de compreender os motivos representados é analisar a pintura holandesa dos séculos XVI e XVII, fonte de inspiração para estes azulejos.

3.3.2.1 – A pintura holandesa

“Dutch painting, it is quite quickly perceived, was and could only be a portrait of Holland, its exterior image, faithful, exact, complete and without embellishment. Portraits of men and places, citizen habits, squares, streets, country places, the sea, the sky...”¹³⁴

Fortemente influenciada pela pintura italiana renascentista, durante o século XVI as paisagens representadas pelos pintores daquele período eram maioritariamente italianas ou de terrenos muito acidentados, distintas das paisagens holandesas.¹³⁵

¹³⁴ Eugène Fromentin, 1875 citado em Jacob van Ruisdael – *Master of Landscape*, Royal Academy of Arts, Londres, disponível em <http://static.royalacademy.org.uk/files/ruisdael-student-guide-5.pdf>, consultado em 27-01-2013.



imagem 24 – Homem junto a ponte perto de um moinho

Através da drenagem dos terrenos, a área da península do norte da Holanda cresceu em um terço, acrescentando 200 mil hectares ao seu território entre 1590 e 1650, mudando substancialmente a paisagem holandesa, uniformizando-a visualmente, o que não passou despercebido aos artistas daquela época.¹³⁶

Durante este período os artistas holandeses começaram a ter um orgulho crescente nas paisagens que os rodeavam. Ao contrário das anteriores gerações de pintores que criaram paisagens de fantasia, a nova geração passou a pintar a paisagem plana do seu país com cenários de campos localmente reconhecíveis, canais, dunas e moinhos de vento. Muitas pinturas retratavam cenas de inverno, explorando os efeitos da luz sobre o gelo e neve, e incluindo pessoas a jogar, a patinar ou a trabalhar.¹³⁷

Após a criação do país independente das Províncias Unidas, em 1648, depois de 80 anos de lutas e conflitos com o Império Habsburgo, esta tornou-se na nação mais rica da Europa do século XVII. O sentimento de otimismo nacional deu origem a uma rápida expansão das vilas e cidades, particularmente influenciada pelo desenvolvimento económico marítimo, a um novo impulso económico e cultural, bem como ao espírito de tolerância religiosa.¹³⁸

Aumenta o interesse dos artistas em retratar o dia-a-dia e a realidade em geral. Por outro lado, a sobriedade do Protestantismo também influencia os artistas da época através do realismo.¹³⁹ Após a criação das companhias holandesas das Índias Ocidentais e Orientais, o comércio marítimo assume um papel primordial na economia do país, cuja importância se

¹³⁵ WASIELEWSKI, Amanda, *Occupied Landscape: Dutch Cattle Painting in the 17th Century*, disponível em <http://www.amandawasielewski.com/writing/2005-DUTCH%20CATTLE.pdf>, consultado em 27-01-2013.

¹³⁶ *Jacob van Ruisdael – Master of Landscape*, idem.

¹³⁷ *Vermeer, Rembrandt & The Golden Age of Dutch Art: Masterpieces from the Rijksmuseum*, Teacher's Study Guide, 2009, disponível em <http://www.vanartgallery.bc.ca/pdfs/Dutch%20Masters%20Study%20Guide.pdf>, consultado em 27-01-2013.

¹³⁸ *Jacob van Ruisdael – Master of Landscape*, idem, *Dutch Landscapes – Press Release The Queen's Gallery, Palace of Holyroodhouse*, disponível em <http://www.royalcollection.org.uk/sites/default/files/null/Press%20release%20-%20Dutch%20Landscapes.pdf>, consultado em 27-01-2013.

¹³⁹ *Explanatory notes on Rembrandt's print technique – The history of Engraving and Etching*, disponível em <http://www.douwesfineart.com/files/Explanation%20of%20the%20print%20techniques%20used%20by%20Rembrandt.pdf>, p. 151, consultado em 27-01-2013.

reflete também na pintura, através da representação de paisagens e cenas marítimas por um vasto número de artistas do século XVII.¹⁴⁰

Pintores de paisagens, como os da escola de Haarlem, nomeadamente Esaias van de Velde (1587-1630), Pieter de Molijn (1595-1661) e Salomon van Ruysdael (1600-1670), desenvolveram a sua pintura em torno de imagens associadas à paisagem da Holanda.¹⁴¹ Já a pintura de Jan van Goyen (1596-1656) é o exemplo mais evidente da adoção da pintura tonal por parte dos pintores.¹⁴²

Representando as vistas de dunas, estradas rurais, rios, matas, pequenas vilas ou casas isoladas, pintores como Jan van Goyen (1596-1656) retratam figuras humildes que regressam do trabalho, os viajantes que circulam na estrada ou os camponeses que descansam do seu trabalho.¹⁴³ Os aspetos rurais, retratados com um enorme realismo, com movimento e vida, criam no espetador um sentimento de identidade, levando a que este tipo de representação atraia muitos compradores interessados em se rodearem pelas virtudes simples da sua pátria.¹⁴⁴

Por outro lado, através da gravura Esaias van de Velde (1587-1630) criou um grande número de imagens, as quais podiam ser reproduzidas várias vezes, por impressão, publicadas e vendidas como conjuntos ou séries temáticas.¹⁴⁵

A tranquilidade transmitida pelas paisagens rurais era benéfica para os que viviam em cidades, numa vida agitada, em oposição à serenidade da vida do campo. Esse efeito era conhecido desde a antiguidade clássica, sendo um tema explorado também pela literatura holandesa do século XVII. Por exemplo, Karel van Mander, na sua obra *Den grondt der edel vry Schilder-const (Básico da Nobre Arte e Livre de Pintura, 1604)* dedica um capítulo inteiro à pintura de paisagem, descrevendo-a com tal detalhe e realismo que a sua escrita leva o leitor a sentir que está realmente a olhar para o campo e a constatar as observações do autor. Deste modo, através da impressão de novas obras, que aliam a poesia e prosa com a descrição da

¹⁴⁰ *Dutch Landscapes* – Press Release The Queen’s Gallery, idem.

¹⁴¹ *Jacob van Ruisdael – Master of Landscape*, idem.

¹⁴² Na década de 20 do século XVII as pinturas deste artista refletem as alterações cíclicas das paisagens ao longo dos meses ou das estações. A partir de 1627 inicia um conjunto de desenhos de estudo da natureza e paisagens holandesas. KAAFRING, David Burmeister, *Reality as Icon – The cottage motif in Dutch landscape painting 1600-50*, Statens Museum for Kunst – National Gallery of Denmark, pp. 97-98, disponível em http://www.smk.dk/fileadmin/user_upload/Billeder/udforsk-kunsten/forskning/videnskabelige_udgivelser/david_burmeister_kaaring_engelsk.pdf, consultado em 27-01-2013.

¹⁴³ *Jacob van Ruisdael – Master of Landscape*, idem.

¹⁴⁴ *Jacob van Ruisdael – Master of Landscape*, idem.

¹⁴⁵ PAUL, Tanya, *To Delight the Eyes & Transport the Viewer – Dutch Landscape Prints of the Golden Age*, Universidade de Virgínia, 2002, disponível em <http://www.virginia.edu/artmuseum/downloads/dutch.pdf>, consultado em 27-01-2013.

paisagem holandesa, o conceito de arcádia holandês foi perpetuado,¹⁴⁶ aos quais se juntam os pintores que, ao igualar as ruínas dos castelos holandeses aos cenários idílicos do período clássico, estabelecem através destas novas séries de paisagens um paralelismo entre as paisagens locais e as da Arcádia clássica.¹⁴⁷

A enorme produção gráfica do século XVII pode subdividir-se nas seguintes especializações: paisagens, marítimas, retratos, cenas de género, vida animal, temas bíblicos e história.¹⁴⁸

3.3.2.2 – Pintores representados nos azulejos de paisagens na Casa do Paço

Para as composições mais complexas, os pintores de azulejos muitas vezes baseavam-se em gravuras que circulavam na época, as quais surgiam individualmente, em pequenas séries ou como ilustrações de livros.¹⁴⁹ Da análise realizada às cenas representadas nos azulejos de paisagens existentes na Casa do Paço foi possível identificar um conjunto de gravuras ou pinturas de diversos autores que se encontram reproduzidas nestes azulejos.

O ponto de partida para a pesquisa foi o artigo “Rotterdammer Landschaftsfliesen in Schloss Friedenstein Gotha”, de Wilhelm Joliet,¹⁵⁰ no qual o autor publica um conjunto de sete gravuras de Anthonie Waterloo¹⁵¹ e de Esaias van de Velde¹⁵² representadas em azulejos do Castelo

¹⁴⁶ PAUL, Tanya, 2002.

¹⁴⁷ KANRING, David Burmeister, idem.

¹⁴⁸ “Explanatory notes on Rembrandt’s print technique – The history of Engraving and Etching”, p. 151, disponível em <http://www.douwefineart.com/files/Explanation%20of%20the%20print%20techniques%20used%20by%20Rembrandt.pdf>, consultado em 27-01-2013.

¹⁴⁹ PLUIS, Jan, 1997, p. 52.

¹⁵⁰ Tradução livre: Azulejos de Roterdão no Castelo Friedenstein, em Gotha, disponível em <http://www.tegels-uit-rotterdam.com/gotha.html>.

¹⁵¹ Anthonie Waterloo, pintor e gravurista de paisagens, nascido em Lille em 1609 ou 1610, foi um artista de grande qualidade. Tendo vivido grande parte da sua vida na Holanda, dividia o seu tempo entre Amsterdão, Utrecht e Leeuwarden. Terá feito mais de cento e trinta e seis gravuras de paisagens, tendo falecido em Utrecht, em 1790. BÉNEZIT, Emmanuel, *Dictionnaire Critique et documentaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs de tous les temps et de tout les pays par un groupe d’écrivains spécialistes français et étrangers*, Saint-Ouen : Librairie Gründ, 1959, tomo oitavo, p. 674. Deste artista Wilhelm Joliet identificou as fig. 112, 116, 130, 132 e 148. Para além destas, identificámos as figs. 78, 102, fig. 122 e fig. 160.

¹⁵² Esaias van de Velde, *O Velho*, pintor e gravurista de batalhas e de paisagens, foi batizado em Amsterdão a 17-05-1587. Foi pintor da corte dos príncipes Maurice e Henry Frederick, tendo tido, entre outros, Jan van Goyen como aluno. Gravou séries de paisagens, cujas imagens refletem um estilo realista. Faleceu em Haia em novembro de 1630. BÉNEZIT, Emmanuel, 1959, p. 502. Deste artista Wilhelm Joliet identificou as figs. 126 e fig. 136. Embora a cena representada no azulejo de castelo Schloss Friedenstein indicado por Wilhelm Joliet (azulejo 28), baseado na fig. 136, não exista na Casa do Paço, essa cena complementa-se com o azulejo da fig. 135. Caso idêntico de dois azulejos

Friedenstein, em Gotha, Alemanha, as quais também se encontram nos azulejos da Casa do Paço.¹⁵³ Para além dessas, a pesquisa em livros e em bases de dados de museus e universidades permitiu-nos identificar mais catorze gravuras ou pinturas destes artistas, bem como de Adam Frans van der Meulen,¹⁵⁴ Adriaen van de Velde,¹⁵⁵ Jan van Goyen,¹⁵⁶ Roelof van Vries,¹⁵⁷ e de Gabriel Perelle.¹⁵⁸

3.3.2.3 – As cenas representadas

Cada azulejo, num quadrado com cerca de 13 cm de largura, contém uma história, uma vivência, uma paisagem. Circunscrita por duplo filete circular, como se de um óculo ou escotilha se tratasse, está uma pintura cheia de detalhes e de movimento. Olhar para cada um destes azulejos, individualmente, permite ao observador descobrir um outro mundo, uma outra

reproduzirem parcialmente uma gravura, complementando-se entre si, acontece com a gravura da fig. 126 e os azulejos das figs. 125 e 127. Para além destas, identificámos as figs. 88, fig. 90, fig. 110, 156 e fig. 175.

¹⁵³ Sobre este assunto veja-se o Quadro 1 – *Comparação dos azulejos apresentados por Wilhelm Joliet em Rotterdamer Landschaftsfliesen in Schloss Friedenstein Gotha*, capítulo 7 – Anexos pp. 47-49.

¹⁵⁴ Adam Frans van der Meulen, pintor flamengo nascido em Bruxelas, em 1634, por volta de 1666 foi para Paris, a pedido de Colbert, para ocupar o cargo de pintor de batalhas do rei Luís XIV. O monarca gostou tanto do seu trabalho que o pintor passou a acompanhá-lo em todas as suas expedições. Também executou pinturas de caçadas e de paisagens. Faleceu em Paris no ano de 1690. http://www.1911encyclopedia.org/Antony_Francis_Van_Der_Meulen, consultado em 20-01-2013 e http://wwar.com/masters/m/meulen-adam_frans_van_der.html, consultado em 20-01-2013. Deste artista identificámos a fig. 86. Apesar de termos algumas dúvidas para esta atribuição, apresentamos esta possibilidade.

¹⁵⁵ Adriaen van de Velde, pintor e gravador foi batizado em Amsterdão em 30-11-1636. Filho de Wilhen van Velde, o Velho, dedicou-se a pinturas de género e batalhas, tendo-se notabilizado na pintura de paisagem. AAVV, *Dicionário de Pintura – Séculos XIV – XVII*, Lisboa: Estampa 2005, «VAN VELDE, O Jovem», p. 353. Viveu principalmente em Amsterdão, onde faleceu em 1672. BÉNÉZIT, Emmanuel, 1959, p. 501. Deste artista identificámos a fig. 94.

¹⁵⁶ Jan van Goyen, pintor e desenhador holandês, nascido em Leiden a 13-01-1596, é um dos paisagistas mais destacados da pintura holandesa da primeira metade do século XVII, tendo sido discípulo de Esaias van de Velde, em Haia, durante um ano. “A sua contribuição no tratamento dos cambiantes de luz e no atmosférico tratamento de paisagens transformam-no num destacado mestre da escola barroca de Haia, cidade onde se estabeleceu em 1631 e onde permaneceu até à sua morte”, em 27-04-1656. AAVV, 2005, «GOYEN. Jan van», pp. 138,140, «VAN GOYEN, Jan», p. 344 e ART DIRECTORY, *Jan van Goyen*, <http://www.jan-van-goyen.com/>, consultado em 21-01-2013. Deste artista identificámos a fig. 114.

¹⁵⁷ Roelof van Vries, pintor de paisagens nasceu em Haarlem, em 1630. Trabalhou em Leiden, em Haarlem e em Amsterdão. Terá falecido entre 1681 e 1701, em Amsterdão. THE NATIONAL GALLERY, *Roelof van Vries*, <http://www.nationalgallery.org.uk/artists/roelof-van-vries>, consultado em 20-01-2013. Deste artista identificámos a fig. 143.

¹⁵⁸ Gabriel Perelle, pintor e gravador francês, nascido em 1604, estudou desenho com Daniel Rabel, tendo começado a fazer gravuras em 1635. O seu trabalho demonstra a influência da pintura de paisagens dos artistas flamengos. Os desenhos que gravava eram, na sua maioria, da sua autoria, demonstrando preferência por paisagens, portos e cenas de pastorícia imaginárias. Faleceu em 1677. ROGALLERY, *Gabriel Perelle*, http://www.rogallery.com/Perelle_Gabrielle/perelle-biography.html, consultado em 21-01-2013. Deste artista identificámos a fig. 162.

época, como se viajasse no tempo e no espaço. E seria talvez essa a intenção de quem os fazia e de quem os comprava.

Neste conjunto de azulejos de paisagens existentes na Casa do Paço, é possível encontrar um total de 89 cenas diferentes, sendo alguns deles exemplares únicos, outros ultrapassando a centena.¹⁵⁹ Nestes azulejos podem-se observar cenas de mitologia,¹⁶⁰ pastorícia,¹⁶¹ de caça, de pesca, de atividade portuária,¹⁶² localidades, meios de transporte, estações do ano, tipos de animais, edificações, entre tantos outros pormenores.

Durante séculos, para onde quer que se olhasse, havia sempre um moinho no horizonte da Holanda.¹⁶³ Presentes nas pinturas mais antigas que chegaram até nós, os moinhos foram um elemento fundamental no desenvolvimento da Holanda, inerente à paisagem daquele país, sendo ainda hoje um dos seus símbolos nacionais.¹⁶⁴

Inicialmente construídos para fazer farinha, foram evoluindo e adaptando-se às características planas e ventosas daquele país. Usados para as mais variadas funções, como por exemplo descascar cevada, extrair óleo do amendoim, triturar especiarias, serrar madeira, produzir papel ou drenar os terrenos,¹⁶⁵ ainda hoje é possível encontrá-los em plena

¹⁵⁹ A cena com maiores exemplares é a da fig. 73, com 147 exemplares. São únicos os das figs. 89, 105, 108, 152, 158 e 174.

¹⁶⁰ A fig. 65, inspirada na mitologia, representa Amarílis e Mirtilo, personagens do poema Arcádia da obra *O pastor Fido*, de Battista Guarini. A este propósito sugere-se a consulta de PLUIS, Jan e STUPPERICH, Reinhard, *Mythologische voorstellingen op Nederlandse tegels: metamorphosen van Ovidius, Herders, Cupido's, Zeewezens*, Leiden (Holanda): Primavera Pers, 2011, pp. 192-4 e de GUARINI, Battista, *Il Pastor fido, Tragicommedia Pastorale. Del molto illustre sig. cavaliere Battista Guarini. Ora in questa XXVII impressione di curiose, & dotte Annotationi arricchito, & di bellissimo Figure in rame ornato. Con un Compendio di Poesia tratto da i duo Verati, con la giunta d'altre cose notabili per opera del medesimo S. Cavaliere*, Itália, 1602, disponível em http://books.google.pt/books?id=jj_NNLF_SsC&pg=PT87&dq=il+pastor+figo+guarini&hl=pt-BR&sa=X&ei=S-tAUf2jM8y1hAfnhoGwBg&ved=0CDkO6AEwAQ#v=onepage&q&f=false, consultado em 13-03-2013.

¹⁶¹ A fig. 67 representa uma mulher a ordenhar uma vaca e a fig. 165 um grupo de pessoas num veículo de tração animal. Na obra de Jan Pluis e Reinhard Stupperich contém dois azulejos com o tema central semelhante a estes, produzidos na olaria Delftsevaart, em Roterdão, no período do oleiro Hendrik Shut, destinado ao castelo de Schwetzingen, na Alemanha. PLUIS, Jan e STUPPERICH, Reinhard, 2011, p. 48, imagem 21.

¹⁶² A fig. 117 é semelhante à apresentada na obra de Jan Pluis e Reinhard Stupperich, apenas se diferenciando pelo facto de a imagem publicada ocupar toda a superfície do azulejo. De acordo com os autores, a imagem desse azulejo, pintado por Cornelis Boumeester, ca. 1725, na olaria de Delftsevaart, baseia-se numa gravura de Jan van de Velde. PLUIS, Jan e STUPPERICH, Reinhard, 2011, p. 47, imagem 18.

¹⁶³ BRAAIJ, C. P., *Windmills of Holland*, Holanda: Kooijman Souvenirs & Gifts bv, 2005, p. 1.

¹⁶⁴ Sobre este assunto veja-se por exemplo National Gallery of Art, *Painting in the Dutch Golden Age – A Profile of the Seventeenth Century*, Washington, pp. 8-13, disponível em http://www.nga.gov/content/dam/ngaweb/Education/learning-resources/teaching-packets/pdfs/dutch_painting.pdf, consultado em 20-02-2013.

¹⁶⁵ BRAAIJ, C. P., 2005, pp. 1-2.

laboração.¹⁶⁶ Nas cenas das paisagens é possível identificar pelo menos três tipos de moinhos de vento:¹⁶⁷ *Standerdmolen*,¹⁶⁸ *Poldermolen*,¹⁶⁹ e o *Wipwatermolen*.¹⁷⁰

Também as atividades do dia-a-dia se encontram representadas nos azulejos de paisagens, sendo a pastorícia¹⁷¹ e a pesca com barco¹⁷² ou à linha¹⁷³ as que mais se destacam. Similarmente podem ser observados vendedores ambulantes, amoladores e cenas de caça.¹⁷⁴ A atividade portuária também está bem caracterizada nestas imagens.¹⁷⁵

Como seria de esperar na representação de cenas do quotidiano, os meios de transporte da época também se encontram aqui reproduzidos, nomeadamente o barco para o transporte de pessoas ou de animais,¹⁷⁶ os veículos de tração animal como meio de transporte coletivo,¹⁷⁷ o cavalo, utilizado por senhores de maiores posses¹⁷⁸ ou o trenó, nos períodos em que os canais estão congelados.¹⁷⁹ Relativamente às embarcações, para além das já referidas, também se

¹⁶⁶ Dois dos grandes parques molinológicos da Holanda são o Kinderdijk, perto de Roterdão e o Zaanse Schans, junto a Amsterdão. Embora exista um código específico quando o moinho está parado, transmitido pela posição das suas velas, possivelmente por questões estéticas, nos azulejos estudados estão todas na mesma posição – na diagonal relativamente ao moinho, num ângulo de 45° – a qual significa um longo período de descanso. Esta posição diminui também o risco de ser atingido por um raio. As outras três posições são: *vertical* – curto período de descanso; *júbilo* – celebração e felicidade, como por exemplo, casamento ou batizado – o braço da vela fica parado pouco antes de atingir a verticalidade; *luto* – indica tristeza ou luto – o braço da vela fica parado pouco depois da verticalidade. BRAAIJ, C. P., 2005, p. 26.

¹⁶⁷ Sobre os tipos de moinhos da Holanda sugere-se a consulta de BRAAIJ, C. P., 2005 e o artigo de BOONSTRA, Marten “De Molen op tegels” (O moinho nos azulejos), *Tegel n° 38*, Otterlo: Stichting Vrienden Nederlands Tegelmuseum, 2010, pp. 19-26, sobre os tipos de moinhos representados nos azulejos holandeses.

¹⁶⁸ O tipo de moinho mais antigo da Holanda. Assente numa habitação quadrada, com um eixo de madeira ao centro, sobre a qual assenta a estrutura do moinho, podendo este rodar consoante o vento (fig. 106).

¹⁶⁹ De construção sólida, é comum existirem em locais onde quase nada possa obstruir o vento, sendo destinados a drenar a água para pontos mais elevados através de sistemas, como por exemplo, o parafuso de Arquimedes (figs. 107, 108, 109, 118 e 150).

¹⁷⁰ Moinho destinado à drenagem, comparativamente mais pequeno que os restantes (figs. 107 e 108).

¹⁷¹ figs. 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 87, 100, 115, 117, 119, 125, 167 e 174.

¹⁷² figs. 105, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 163, 133, 134, 135, 141, 159, 163 e 164.

¹⁷³ figs. 76, 144, 149 e 157.

¹⁷⁴ Vendedores ambulantes figs. 158, 170 e 174; amoladores fig. 128; cenas de caça fig. 128.

¹⁷⁵ figs. 97, 105, 119, 120, 123, 124, 131, 133, 137, 138, 144 e 147.

¹⁷⁶ Transporte de pessoas figs. 111, 113 e 135; transporte de animais figs. 115 e 117.

¹⁷⁷ figs. 89, 147, 165, 166 e 171.

¹⁷⁸ figs. 77, 83, 84, 85, 87, 89, 121, 157 e 172.

¹⁷⁹ figs. 150, 151, 152, 153 e 154.

podem ver nestes azulejos pequenas embarcações vazias¹⁸⁰ ou grupos de embarcações de maior porte, em plano de fundo, indiciando a proximidade de uma cidade ou vila portuária.¹⁸¹

Nos países nórdicos, o inverno é caracterizado pela neve e pelo gelo, facto a que os pintores não são alheios, sendo evidente através da presença do gelo nas cenas, do uso de patins de gelo e pelas árvores de folha caduca estarem despidas de vegetação.¹⁸²

De forma mais ou menos destacada, a presença de pessoas a pé nas cenas dos azulejos existentes na Casa do Paço é uma constante. No caso das figuras que surgem em primeiro ou em segundo plano, em quase todas é possível perceber se a personagem é feminina ou masculina, pela sua indumentária. Em muitos casos verifica-se a presença de homens e mulheres que, pela sua proximidade ou cumplicidade, serão possivelmente casais na sua atividade laboral, a caminho de casa ou a passear.¹⁸³ Nalguns casos podem-se ver apenas uma pessoa,¹⁸⁴ pares ou pequenos grupos de indivíduos.¹⁸⁵ Também os animais, de espécies diversificadas, estão presentes nas cenas representadas.¹⁸⁶

Em regiões onde os canais e as ribeiras abundam, a forma de assegurar a travessia de pessoas e animais é através da construção de pontes,¹⁸⁷ sendo o abastecimento de água às pessoas e animais assegurado por poços.¹⁸⁸ Os elementos arquitetónicos são também uma forma de assegurar a defesa de povoações ribeirinhas, bem como a necessidade de garantir a segura navegabilidade das embarcações, através da construção de fortificações e de faróis.¹⁸⁹

A religião, fosse qual fosse, necessitava de um espaço para o culto, sendo a sua importância transmitida através da representação de inúmeras igrejas, junto ou integrando

¹⁸⁰ figs. 95, 107, 108, 109, 138, 139, 140, 155 e 157.

¹⁸¹ figs. 79, 80, 81, 97, 100, 105, 106, 111, 113, 115, 117, 118, 120, 123, 124, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 144, 146, 147, 149, 163, 164, 167, 171 e 172.

¹⁸² figs. 151, 152, 153 e 154.

¹⁸³ figs. 68, 70, 71, 72, 79, 80, 81, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 104, 121, 153, 154 e 174.

¹⁸⁴ Homem (figs. 66, 74, 96, 106, 127 e 155) ou mulher (figs. 67, 82, 127 e 138).

¹⁸⁵ De homens (figs. 69, 73, 75, 87, 89, 109, 128, 129, 140, 149, 150, 151, 154, 159, 161, 168, 169, 170 e 173) ou de mulheres (fig. 103), famílias (figs. 153 e 154) ou pessoas indistintas (figs. 101, 145, 146 e 147).

¹⁸⁶ Bovinos (figs. 66, 67, 73, 76, 77, 82, 87, 115, 117, 119, 125 e 174), ovinos e caprinos (figs. 69, 70, 71, 74, 75, 80, 81 e 100), suínos (fig. 167), canídeos (figs. 65, 68, 79, 83, 85, 91, 98, 158, 173 e 174), equídeos (figs. 77, 83, 84, 85, 87, 89, 121, 147, 157, 165, 166, 171, 172), cervos (fig. 85) e aves (figs. 65, 70, 79, 91, 96, 107, 108, 111, 118, 121, 127, 129, 135, 144, 159, 168, 170 e 173).

¹⁸⁷ Nestas cenas encontram-se representadas pontes de madeira (figs. 77, 92, 106, 154, 155 e 157) e pontes de pedra (figs. 93, 99, 153, 158, 159, 161, 163, 164 e 168).

¹⁸⁸ figs. 80 e 167.

¹⁸⁹ figs. 97, 115, 117, 120, 123, 135, 146 e 163.

aglomerados urbanos. Em primeiro plano ou em plano de fundo, este elemento arquitetónico está presente nas cenas de paisagens dos azulejos da Casa do Paço.¹⁹⁰

Sendo menos frequente a representação da aplicação da justiça nas pinturas e gravuras da época, ela acontece e foi transposta para o azulejo, como se pode ver na fig. 174, na qual se vê uma roda da tortura e uma forca, sendo visível um condenado por enforcamento.

3.3.3 – Cavaleiros

Tal como os azulejos de temas bíblicos, os de cavaleiros foram também pintados com óxido de manganês, permitindo um efeito cromático contrastante com o azul-cobalto, quando aplicados em modo de cercadura aos azulejos de paisagens.¹⁹¹ No entanto, e ao contrário dos anteriores, o motivo central destes azulejos não está inserido num círculo e os seus cantos estão decorados com *spin*¹⁹² (aranha).

A forma como estes azulejos se encontram aplicados na Sala dos Cavaleiros, bem como nas cercaduras das salas de Paisagens, parece ser a menos aleatória de todas. Isto porque foram colocados de modo a criar o efeito de combate entre duas partes,¹⁹³ em que, quanto mais próximos do meio, maior movimento têm as cenas representadas. Por outro lado, os azulejos que representam príncipes¹⁹⁴ estão aplicados nos extremos das paredes, como que estando na retaguarda de um exército em situação de combate.

¹⁹⁰ figs. 87, 95, 97, 105, 113, 121, 129, 134, 139, 147, 161, 171, 173.

¹⁹¹ Veja-se o exemplo da imagem 22.

¹⁹² *Spin*, termo holandês para aranha é um desenho utilizado para decorar os cantos dos azulejos holandeses. Originalmente este motivo era uma flor de quatro pétalas com dois pequenos pergaminhos. O motivo “aranha” (*spin*) foi primeiramente chamado de “pequena abelha” e mais tarde de “aranha” ou “pequena aranha”. O tipo de *spin* que se encontram nos azulejos da Casa do Paço foi mais utilizado no período 1660-1700. PLUIS, Jan, 1997, p. 535, 538.

¹⁹³ O espaço das paredes onde se encontram aplicados está dividido em dois, estando metade dos azulejos virados de frente para a outra metade. Veja-se o exemplo da imagem 25.

¹⁹⁴ Grupo de cavaleiros em poses mais nobres e de vestes mais ricas. Vejam-se as figs. 180, 182, 184, 186, 188, 190, 192 e 199.



imagem 25 – Pormenor da Sala dos Cavaleiros



imagem 26 – O mesmo cavaleiro representado em posições opostas, criando um efeito de espelho

Outro aspeto interessante é o facto de os *spons* dos cavaleiros terem sido utilizados de ambos os lados, criando a mesma imagem em espelho, o que não acontece nas cenas bíblicas e é muito raro nas paisagens. Essa versatilidade permite criar um frente a frente entre as mesmas personagens, possibilitando ao ladrilhador a criação do referido efeito de combate.

Tal como se verificou nas paisagens, também para alguns dos cavaleiros os pintores destes azulejos basearam-se em gravuras já existentes. Foi o caso de um conjunto de oito gravuras de Antonio Tempesta¹⁹⁵ representando reis lendários do Antigo Período Assírio – Ninus¹⁹⁶ e Semiramis¹⁹⁷ – ou reis, imperadores ou ilustres cidadãos da Antiguidade Clássica – Alexandre Magno,¹⁹⁸ Campaspé,¹⁹⁹ Júlio César,²⁰⁰ Cornelis L. C. Cimnae Filia,²⁰¹ Cyrus o Grande²⁰² e Cassandane²⁰³ – figuras que se encontram todas representadas nos azulejos da Casa do Paço.²⁰⁴

¹⁹⁵ Gravuras reproduzidas na obra *Oeuvre de Tempesti*. Antonio Tempesta, pintor e gravador nascido em Florença, em 1555, morreu em Roma em 05-08-1630. Aluno de Jan van der Straet e de Santi di Tito, gostava especialmente de representar cenas de caça, batalhas e cavalgadas. O número de gravuras que executou ultrapassa as 1800. Pintou em Roma para o Papa Grégoire XIII, na Galerie des Loges, e contribuiu para a decoração do Palácio do Marquês Giustiniani. BÉNÉZIT, Emmanuel, 1959, pp. 247-48.

¹⁹⁶ Ninus, rei lendário da Assíria no século XX a.C., casado com Semiramis. Sobre este assunto veja-se por exemplo SANDERS, Russell W., *SEMIRAMIS - Legendary Mysterious Great Queen of Assyria*, 1997, pp. 1-5, disponível em <http://www.ldolphin.org/PDFs/SemiramisBabel.pdf>, consultado em 18-05-2013. fig. 177.

¹⁹⁷ Semiramis, rainha lendária da Assíria, casou-se com o rei Nimrod (ou Ninus), no século XX a.C. Sobre este assunto veja-se por exemplo SANDERS Russell W., 1997, pp. 1-5 ou Bryce Self, “Semiramis, Queen of Babylon”, 1984, disponível em <http://www.ldolphin.org/PDFs/SemiramisBabel.pdf>, consultado em 18-05-2013. fig. 179.

¹⁹⁸ Alexandre Magno, Rei da Macedónia no séc. IV a.C.. fig. 181.

Particularmente desde o Renascimento e ainda mais no período Barroco, os nobres e os soberanos gostavam de se fazer representar a cavalo.²⁰⁵ Tal como noutros países,²⁰⁶ na Holanda os príncipes de Orange também se faziam representar em peças cerâmicas,²⁰⁷ tradição que ainda hoje mantêm.

No caso dos azulejos de cavaleiros existentes na Casa do Paço, há um conjunto deles nos quais o pintor colocou nas retrancas dos arreios dos cavalos iniciais de alguns dos soberanos ligados à história da Holanda: K R, M R, Maria R, W R, F R e P V O.²⁰⁸

¹⁹⁹ Campaspé, fig. 183, era concubina de Alexandre Magno. Apelles, pintor da corte de Alexandre Magno, a quem o rei encomendou uma pintura da sua amante, ter-se-á apaixonado por Campaspé. Alexandre Magno presenteou o pintor com Campaspé como recompensa pelo quadro. “Alexander the Great and Campaspe in the Studio of Apelles”, disponível em <http://www.getty.edu/art/gettyguide/artObjectDetails?artobj=136718>, consultado em 18-05-2013.

²⁰⁰ Júlio César, imperador Romano no séc. I a.C.. fig. 185.

²⁰¹ Cornelis L. C. Cimnae Filia ou Cornelia Africana, viveu em 191/190-100 a.C.. Filha de Scipio Africanus, era uma mulher culta e ilustre. Sobre este assunto veja-se, por exemplo, <http://www.thelatinlibrary.com/romhist/cornelianotes.pdf>, consultado em 18-05-2013. fig. 187.

²⁰² Cyrus o Grande – Rei da Pérsia no séc. VI a.C., fig. 189. Sobre este assunto veja-se por exemplo, WATERS, Matt, “Cyrus and the Achaemenids”, *Journal of Persian Studies*, pp. 91-102, disponível em <http://www.uwec.edu/Flang/facstaff/upload/pdf-6-Cyrus-and-the-Achaemenids.pdf>, consultado em 18-05-2013.

²⁰³ Cassandane – mulher de Cyrus o Grande e fig. 191. Sobre este assunto veja-se por exemplo, WATERS, Matt, *idem*.

²⁰⁴ À exceção de Campaspé, todas as outras gravuras se encontram representadas em espelho. Sobre a relação entre estes azulejos e as gravuras de Antonio Tempesta, veja-se também JOLIET, Wilhelm, *Rotterdamse Fliesen des 18. Jahrhunderts in Figueira da Foz - die Geschichte des Palastes ‘Casa do Paço’ und seiner Keramischen Wandbekleidungen*, disponível em http://www.tegels-uit-rotterdam.com/figueira_de_foz_reiterfliesen.html, consultado em 20-06-2012.

²⁰⁵ Principalmente na pintura, mas também na escultura. Exemplos de representações equestres de nobres ou soberanos: imperador Carlos V, de 1548, por Tiziano Vecellio (1490-1576), disponível em <http://www.museodelprado.es/coleccion/galeria-on-line/galeria-on-line/obra/el-emperador-carlos-v-a-caballo-en-muehlberg/>, consultado em 17-05-2013 ou o Duque de Lerma, de 1603, por Peter Paul Rubens (1577-1640), disponível em <http://www.museodelprado.es/coleccion/galeria-on-line/galeria-on-line/obra/retrato-ecuestre-del-duque-de-lerma/>, consultado em 17-05-2013.

²⁰⁶ Por toda a Europa as casas reais faziam representar os seus membros através da pintura em diversos suportes, especialmente através da pintura de quadros, mas também em suportes cerâmicos.

²⁰⁷ Como exemplo vejam-se algumas das imagens da exposição realizada no Keramiekmuseum Princessehof, na Holanda, em 2010 sobre quatro séculos de representação dos Príncipes de Orange em cerâmica. (relatório anual do Keramiekmuseum Princessehof de 2010, disponível em http://www.princessehof.nl/sites/default/files/2010_Jaarverslag.pdf, consultado em 17-05-2013) fotos disponíveis em <http://www.flickr.com/photos/princessehof/sets/72157623057434013/with/4262673973/>, consultado em 17-05-2013 e peças do Rijksmuseum que estiveram nessa exposição, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/zoeken?p=1&ps=12&extitle=Oranjegoed!+Vier+eeuwen+Oranje-Nassau+op+keramiek>, consultado em 17-05-2013.

²⁰⁸ Discordamos de algumas das identificações apresentadas por J. M. dos Santos Simões, 1947, pp. 29-30 e concordamos com as apresentadas por Rui Cascão, 2009, p. 619.

Identificação dos nomes a que se referem as iniciais existentes nos azulejos			
Iniciais²⁰⁹	Holandês	Na língua Original	Português
K R	Karel II	Charles II (en)	Carlos II de Inglaterra
M R e MARIA R	Maria II Stuart	Mary II Stuart (en)	Maria II de Inglaterra
W R	Willem III	Willem III (nl)	Guilherme III
F R	Frederik I	Friedrich I von Preßen (de)	Frederico I da Prússia
P V O	Prins van Oranje	Prins van Oranje (nl)	Príncipe de Orange

K R – Karel II – Carlos II de Inglaterra, casado com D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV de Portugal, foi rei de Inglaterra, Escócia e Irlanda entre 1660 e 1685, não tendo havido descendência desta união.

M R e MARIA R – Maria II (Stuart) de Inglaterra, sobrinha de Carlos II, filha de Jaime II de Inglaterra, casou com o seu primo Guilherme III, Príncipe de Orange. Foi rainha de Inglaterra, Escócia e Irlanda juntamente com seu marido desde 1689 até à sua morte em 1694.

WR – Willem III – Guilherme III, filho de Guilherme II e bisneto de Guilherme I, o Taciturno, foi casado com Maria II Stuart de Inglaterra. Através deste casamento uniram-se as casas dos reis de Inglaterra e dos Príncipes de Orange. *Stadhouder*²¹⁰ das Províncias Unidas desde 1672 e rei de Inglaterra, Escócia e Irlanda desde 1689, faleceu em 1702.

F R – Frederik I – Frederico I, sobrinho de Guilherme III, descendente da Casa de Orange, bisneto de Guilherme I, o Taciturno, foi Eleitor de Brandemburgo desde 1688 e o primeiro rei na Prússia desde 1701.²¹¹

P V O – Prins van Oranje – Guilherme III, o primeiro Príncipe de Orange a ser rei.²¹²

²⁰⁹ A letra “R” significa *Rex* ou *Regina* (Rei ou Rainha em latim). Veja-se por exemplo, uma placa de faiança com a representação de Guilherme III com a identificação desse monarca, por extenso, em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/search/objecten?q=koning+faience&p=1&ps=12#/BK-1960-7,3>, consultado em 17-05-2013.

²¹⁰ Cargo político das antigas províncias dos Países Baixos, equivalente a vice-governador, em que o seu titular representaria o rei naquele território, particularmente no período do domínio espanhol. Disponível em <http://www.encycopediedrenthe.nl/Stadhouder>, consultado em 17-05-2013.

²¹¹ Dado que Frederico I na Prússia só se tornou rei em 1701, e tal como defende Rui Casção, 2009, p. 619, os azulejos da Casa do Paço deverão datar da primeira década do século XVIII.

²¹² Guilherme III é o elo central na relação entre os monarcas identificados nos azulejos. Veja-se o esquema genealógico união dos reis de Inglaterra com os príncipes de Orange, fig. 193



imagem 27 – Quadro de Guilherme III, no Palácio de Het Loo, Holanda



imagem 28 – Azulejo representando Guilherme III

Não nos parece ter sido alheio aos pintores o facto de terem escolhido representar Maria II de Inglaterra através das gravuras femininas de Antonio Tempesta da Antiguidade Clássica de Campaspé e Cassandane.²¹³ No entanto, tal relação não se verifica com a representação dos reis (Carlos II, Guilherme III e Frederico I), embora as imagens utilizadas existam também sem qualquer referência a personalidades.²¹⁴

Relativamente aos restantes elementos da cavalaria, a sua representação transmite movimento e ação, podendo-se diferenciar um conjunto de aspetos, como por exemplo: alguns guerreiros possuem elmos enquanto outros usam turbantes,²¹⁵ existindo, nalguns casos, imagens para as mesmas funções de ambas as partes.²¹⁶ Em termos de armamento, verifica-se que os guerreiros utilizam adagas, punhais, lanças, flechas ou armas de fogo e como forma de proteção usavam escudos, capacetes ou armaduras. Alguns cavalos estão engalanados com penas na cabeça, tal como os cavaleiros que os montam, embora noutros casos apenas os cavaleiros as usam, bem como capas ou faixas. Também se encontram representados guerreiros porta-estandartes ou com trombetas.

²¹³ Trata-se de gravuras representativas de mulheres importantes e determinadas, tal como a Rainha II de Inglaterra. Comparem-se as imagens da fig. 195 e as gravuras da figs. 183 e 191.

²¹⁴ Vejam-se as figs. 199a a 199d.

²¹⁵ Os cavaleiros com elmo poderão representar os cristãos enquanto os que usam turbante representarão os povos árabes, simbolizando o confronto entre dois exércitos.

²¹⁶ Vejam-se as figs. 200a a 200f

4 – A Casa do Paço após o morgadio da Figueira

Após a sub-rogação do morgadio da Figueira com o 3º Conde de Murça, em 1861, **Frutuoso José da Silva**²¹⁷ continuou a administrar os seus bens até morrer, em 10 de junho de 1866.

O seu filho, o Comendador **José António Leite Ribeiro** herda a Casa do Paço,²¹⁸ vendendo-a em 1868²¹⁹ a **Manuel dos Santos Júnior**,²²⁰ falecido em 19 de fevereiro de 1883.²²¹

Em 1967²²² os seus herdeiros²²³ vendem a Casa do Paço a **Reinaldo Marques Pedrosa**, último proprietário privado do edifício no seu todo, o qual divide o imóvel em frações através de Propriedade Horizontal em 1968.²²⁴ O **piso nobre e o torreão** constituem a **fração “J”**, atualmente propriedade da **Câmara Municipal da Figueira da Foz**.²²⁵

²¹⁷ Para além de ser um importante negociante em Coimbra, foi vereador na Câmara Municipal dessa cidade em diversos mandatos entre 1837 e 1865. Disponível em www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2758&Itemid=381, consultado em 08-05-2012.

²¹⁸ AUC, *Comarca de Coimbra, Inventários Orfanológicos*. Processo orfanológico de Clara Cândida Leite Ribeiro, viúva de Frutuoso José da Silva (1866). AUC-VI-1ªD-7-4-5, Letra F.

²¹⁹ A 04-06-1868, o Paço é comprado pelo Sr. Manuel dos Santos Júnior, de Coimbra. FERREIRA, Romano Barnabé, *O primeiro Centenário da Assembleia Figueirense – 1839-15 de Dezembro – 1939 – Alguns factos da sua história*, Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, 1945, p. 47.

²²⁰ Manuel dos Santos Júnior, um importante negociante de Coimbra, nasceu em Cantanhede, em 27-05-1819, filho de Manuel dos Santos e de Maria de Jesus. Em 08-04-1861 casou com D. Maria Augusta de Macedo, natural de Coimbra. Em 17-01-1870 recebeu o título de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo (ANTT – Registo Geral de Mercês de D. Luís, livro 22, fl. 95v). Era também Cavaleiro da Ordem de Carlos III de Espanha. CORRÊA, Manuel de Melo, *Sangue Velho, Sangue Novo*, Lisboa: Livraria Féris, Lda, 1988, Nº 7 – Árvore do Costado de D. José Ignácio de Castello Branco. (D. José Ignácio de Castello Branco é trisneto de Manuel dos Santos Júnior e sobrinho-tetraneto de D. José Maria Rita Castello Branco, 1º Conde da Figueira).

²²¹ *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Lisboa, 2000, Vol. 3, p. 86-87.

²²² A aquisição foi registada a 18-12-1967. IRN/1ªCRPFF – descrição nº 01518, da freguesia de S. Julião. A 30-04-1965 Reinaldo Marques Pedrosa entregou “à família Macedo Santos a quantia de 1.020.000\$00 como sinal e princípio de pagamento da prometida compra que nesse acto fizera da ‘Casa do Paço’, na Figueira da Foz.” Requerimento de Reinaldo Marques Pedrosa, dirigido ao Ministro da Educação Nacional, de 11-05-1968. SIPA-txt-01146880-3.

²²³ Aos netos, filhos de João Alfredo Antunes de Macedo Santos. IRN/1ªCRPFF – descrição nº 01518, da freguesia de S. Julião.

²²⁴ A constituição da Propriedade Horizontal do edifício foi autorizada por despacho do Ministro da Educação Nacional a 13-02-1968. Ofício do advogado Dr. Moreira da Costa enviado ao Chefe de Gabinete do Ministro das Obras Públicas, de 08-04-1968. SIPA-txt-01146874.

²²⁵ Sobre a divisão em Propriedade Horizontal vejam-se os Quadros 2, 3 e 4, p.145 do capítulo 7 - Anexos. Em 06-01-2005 a Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz (ACIFF) celebra a escritura de venda da fração “J” à Figueira Paranova – Renovação e Desenvolvimento Urbano E.M., extinta em 2012, passando o imóvel e respetivos encargos para a Câmara Municipal.

4.1 – O edifício da Casa do Paço

Sendo um edifício com planta em “U”,²²⁶ a sua construção tira proveito do declive do terreno. Do lado sul, virado ao rio, o edifício possui dois pisos, erguendo-se a maior altura do que as habitações da época,²²⁷ tendo o piso térreo sido destinado a armazéns e o piso superior a habitação.²²⁸ A entrada para o piso nobre, num raro exemplo de piso térreo,²²⁹ é efetuada por um jardim, do lado norte, sem escadas de aparato. Nos corpos laterais do edifício, a nascente e a ponte estavam localizadas as cocheiras e as cavaliariças.²³⁰

A conceção retilínea do edifício é caracterizada por alçados austeros e de grande simplicidade, cuja fachada, rara no distrito, simples e sóbria, caracteristicamente seiscentista, se obtém pela repetição uniforme de amplas janelas, espaçadas de forma regular, sendo as do torreão, ao nível do piso nobre, rematadas por frontões triangulares,²³¹ sobressaindo no conjunto edificado junto ao rio.²³²

Embora o projeto inicial devesse contemplar a construção de dois torreões, atestando a simetria do edificado, o torreão do lado poente não chegou a ser concluído. A sua planificação é evidenciada pela simetria do edifício, bem como pela sua estrutura e pelas falsas pilastras de ambos os lados, no alinhamento dos torreões.²³³ No lado nascente, o edifício é rematado por um torreão com uma calote semi-esférica, finalizada com um pináculo sobre um falso lanterim,

²²⁶ As alas laterais só foram unidas pela construção de um muro em 1865 por Frutuoso José da Silva. AHMFF, *Depósito da Assembleia Figueirense, Livro 4 - Livro de Actas das Sessões da Direcção da Assembleia Figueirense*, Relatório apresentado a 28-12-1865, fl. 75v-80. Sobre a sua arquitetura, veja-se a planta do edifício (fig. 208) e da cobertura (fig. 209).

²²⁷ AZEVEDO, Carlos de, *Solares Portugueses – introdução ao estudo da casa nobre*, Lisboa: Livros Horizonte, 1988, 2ª edição (1ª ed. 1969), p. 63. Veja-se a imagem 2.

²²⁸ Sobre esta tipologia veja-se AZEVEDO, Carlos de, 1988, p. 58. Veja-se a fig. 205.

²²⁹ Outro exemplo é o palácio de Calhariz. AZEVEDO, Carlos de, 1988, pp. 60-61. Vejam-se as figs. 203, 216 e 217.

²³⁰ FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 47. No inventário orfanológico a Casa do Paço surge descrita da seguinte forma: “Hum predio nobre chamado o Paço na Villa da Figueira, que consta de cazas d’habitação com um grande pateo á entrada, e caza que serve de cavallarice no mesmo pateo, e outra defronte d’esta na extremidade do mesmo pateo, com dois armazães por baixo e uma loja pequena e parte de todos os lados com ruas publicas”. AUC, *Comarca de Coimbra, Inventários Orfanológicos*. Processo orfanológico de Clara Cândida Leite Ribeiro, viúva de Frutuoso José da Silva (1866). AUC-VI-1ªD-7-4-5, Letra F, fl 245. “Em 1847 [Frutuoso José da Silva] requereu à Câmara da Figueira o alinhamento do «pateo» que ficava, ainda então, entre as «cavaliariças e as cocheiras». SIMÕES, J. M. dos Santos, 1947, p. 8.

²³¹ AZEVEDO, Carlos de, 1988, p. 63. Vejam-se a fig. 204 e a imagem 34.

²³² FIGUEIREDO, Carlos, “Figueira da Foz – A Cidade e o seu Crescimento - Uma visão Morfológica”, Revista *Lucus*, nº 2-3, 2º semestre, Associação de Investigação do Território, 1987.

²³³ Vejam-se as figs. 225 e comparem-se as figs. 226, 227 e 228 com a fig. 229.

ladeada por um conjunto de três pináculos com um motivo derivado de ‘vaso pançado’ em cada canto, rompendo assim a monotonia da restante edificação.²³⁴

As semelhanças arquitetónicas da fachada sul da Casa do Paço com a fachada norte do Convento de Santa Isabel,²³⁵ em Santa Clara, Coimbra, salvaguardando-se as respetivas escalas, são bastante evidentes.²³⁶ Embora não tenhamos encontrado elementos sobre o arquiteto ou o mestre-de-obras da Casa do Paço, as semelhanças referidas e a ligação de D. João de Melo às duas construções, levam a crer que o edifício da Figueira da Foz possa ter sido traçado por alguém ligado ao referido Convento ou que nele se tenha inspirado.²³⁷

Um dos arquitetos do Convento de Santa Isabel foi Mateus do Couto (c. 1630-1696), arquiteto real e engenheiro militar,²³⁸ tendo ido diversas vezes a Coimbra para desenhar e acompanhar as obras daquele Convento. Já com idade avançada, em 1681, desejou ser familiar do Santo Ofício, sendo-o no ano seguinte.²³⁹ Pouco tempo depois, em 1684, é nomeado para Bispo de Coimbra um inquisidor do Santo Ofício – D. João de Melo.²⁴⁰ Embora não tenhamos encontrado provas que o atestem, parece-nos possível que o Bispo tenha escolhido um arquiteto régio, ligado às obras do Convento de Santa Clara e familiar do Santo Ofício para traçar o edifício que veio a construir na Figueira da Foz.

Falecido em 1696, Mateus do Couto, foi substituído por Manuel do Couto nalgumas obras.²⁴¹ Sabendo-se que a planta primitiva do edifício da Alfândega da Figueira da Foz foi

²³⁴ AZEVEDO, Carlos de, 1988, p. 63, PIMENTEL, António Filipe, “Repercussões do tema Palácio-Bloco na Arquitectura Portuguesa”, *VII Simposio Hispano-Portugués de Historia del Arte*, Badajoz, 1995, p. 91, CORREIA, Vergílio, 1952. Vejam-se as figs. 229, 230 e 231.

²³⁵ Este Convento foi delineado por Frei João Turriano em 1649, tendo sido concluído apenas em 1696, no tempo do Bispo-conde D. João de Melo.

²³⁶ Compare-se a fig. 204 com a fig. 221 e a fig. 222 com a fig. 229.

²³⁷ Sobre este assunto veja-se SIMÕES, J. M. dos Santos, 1947, p. 6, PEREIRA, Isabel, *Os Imóveis Classificados do Concelho da Figueira da Foz*, Cadernos Municipais, nº 11, Câmara Municipal da Figueira da Foz, pp. 17-18 ou BORGES, José Pedro de Aboim, *Figueira da Foz, Cidades e Vilas de Portugal*, Lisboa: Editorial Presença, 1991, pp. 48-49.

²³⁸ Mateus do Couto foi sucessor de seu tio, que tinha sido arquiteto das Inquirições do Reino, no cargo de arquiteto das Ordens Militares, por alvará de 05-04-1669. O seu tio também se chamava Mateus do Couto. Sobre este assunto veja-se VITERBO, Sousa, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos Engenheiros e Constructores Portugueses*, reprodução em fac-simile do exemplar com data de 1899 da Biblioteca da INCM, Lisboa: INCM, 1988, vol I, pp. 249-61, e AAVV, “A costa algarvia três séculos depois – O olhar entre a Geografia e a História”, *IV Simpósio Luso-brasileiro de Cartografia Histórica*, Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponível em <http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/104.pdf>, consultado em 29-05-2013.

²³⁹ VITERBO, Sousa, 1988, pp. 260-61.

²⁴⁰ Sobre este assunto veja-se SANTOS, Josival Nascimento dos, *A relação entre D. João de Melo, bispo de Coimbra (1684-1704), e a Inquirição*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado em História Moderna: Poderes, Ideias e Instituições, 2010.

²⁴¹ VITERBO, Sousa, 1988, p. 250.

traçada por Manuel do Couto, nos primeiros anos do século XVIII,²⁴² não seria de estranhar que a Casa do Paço tivesse sido desenhada por um destes arquitetos.

O interior do piso nobre encontra-se dividido em diversos espaços que comunicam entre si, cuja planta se desenvolve em comprimento.²⁴³ Da entrada para o lado nascente contam-se cinco salas²⁴⁴ e para o poente outras duas,²⁴⁵ as quais seriam quase todas abobadadas.²⁴⁶ Sobre uma parte do piso nobre existe em outro piso, do lado norte, composto por dois espaços autónomos e sem comunicação direta entre eles.²⁴⁷ O torreão possui também um piso superior, constituído por apenas uma sala,²⁴⁸ na qual está localizado um acesso à sua cobertura,²⁴⁹ permitindo uma vista sobre a cidade e o rio de 360°.²⁵⁰

A 22 de agosto de 1757, o então Governador das Praças de Buarcos e Figueira, José Pacheco D’Albuquerque e Melo, fidalgo da Casa Real, casado com D. Anna Joaquina

²⁴² “Este edifício e suas dependências sofreram importantes modificações desde 1707 até 1711, sob a superintendencia do Desembargador João Varella d’Abreu e depois do Desembargador Jozé de Sequeira. Vieram traçar e orçar as obras os mestres do Convento de Santa Clara de Coimbra. (...) A planta primitiva fora feita por um engenheiro Manoel de Couto.” ROCHA, António dos Santos, 1893, p. 90.

²⁴³ Vejam-se imagem 19 e fig. 208.

²⁴⁴ De acordo com as disposições organizacionais do espaço habitacional que D. Duarte refere no *Leal Conselheiro*, estes espaços deveriam ser a Sala (na qual entram todos), a Câmara do Paramento ou Antecâmara (na qual devem entrar apenas os moradores e algumas pessoas mais importantes), a Câmara de dormir (à qual somente os mais chegados devem ter acesso), a Trescâmara (onde se costumam vestir, na qual apenas as pessoas mais especiais devem aceder) e o Oratório (em que os senhores, sós, se devem recolher). A esta progressão de intimidade corresponderia também a diminuição nas medidas dessas divisões. Embora a Casa do Paço seja um edifício Renascentista, esta regra verifica-se no piso nobre. Sobre este assunto veja-se D. DUARTE, *Leal Conselheiro*, (ed. Crítica, introdução e notas de Maria Helena Lopes de Castro), Lisboa: INCM, 1999, p. 294-6 e SILVA, José Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*, 2ª ed. (1ª ed. 1995), Lisboa: IPPAR, 2002, pp. 28-30.

²⁴⁵ Entre o salão nobre e a receção existe uma outra sala, que permite o acesso ao balcão do salão nobre num piso elevado, no qual existem dois gabinetes, localizados sobre a Sala de Paisagens (poente). Do lado nascente do piso nobre existe um vão por detrás da Sala dos Cavaleiros e da Sala das Paisagens (nascente) onde se localizam as instalações sanitárias e a antiga sala do Botequim, sobre as quais foram construídas várias divisões).

²⁴⁶ “Estes salões eram quasi todos abobadados, mas posteriormente foram apeadas algumas abobadas pelo seu mau estado de conservação.” LOUREIRO, Ferreira, “Restos da Figueira antiga”, *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, Tomo I, nº 4, Figueira da Foz: 1907, p. 130.

²⁴⁷ Em 1872 o senhorio, Manuel dos Santos Júnior, oficiou a Assembleia Figueirense “reclamando serventia pelo jardim para uma casa que pretendia construir por cima da casa dos bilhares e botequim” AHMFF, *Depósito da Assembleia Figueirense*, Livro 5 – Actas das Sessões da Direcção da Assembleia Figueirense, fl. 71. As obras tiveram início no verão do ano anterior. Em contrapartida desta autorização de serventia, o senhorio deveria abrir dois arcos nas salas da casa, a indicar pela Direcção da Assembleia Figueirense. FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 49, nota 1.

²⁴⁸ O piso superior do torreão é bem evidente nas figs. 204, 206, 225 e 229. Sobre o interior da sala do torreão vejam-se as figs. 233 e 235.

²⁴⁹ O acesso à cobertura faz-se por uma passagem na base dos pináculos, fig. 231.

²⁵⁰ Sobre a vista da Casa do Paço sobre a foz do rio Mondego, a partir do torreão, veja-se fig. 232.

D’Azeredo, batiza o seu filho, na “Capella do Paço q está nesta Freg^a [de São Julião].”²⁵¹ A Sala dos Bíblicos, no piso nobre, terá sido o oratório da casa, a qual possa ter sido também a Capela da casa.²⁵²

Na ala nascente, perpendicular ao corpo principal do edifício existiam uma cozinha²⁵³ e alguns quartos.²⁵⁴ Alguns destes espaços estão decorados com azulejos de padrão e de figura avulsa do século XIX.²⁵⁵ Atualmente não há passagem entre esta ala e o corpo principal do edifício, no entanto são ainda visíveis os dois vãos ao nível térreo e do torreão.²⁵⁶ No caso da ala poente não existe qualquer indício de ligação ao restante edifício, ao nível do piso nobre.²⁵⁷

O piso térreo, de tetos abobadados, anteriormente composto por armazéns, atualmente encontra-se dividido em espaços comerciais e de serviços.²⁵⁸ A fachada deste piso, do lado do rio, é forrada com azulejos de padrão, ao nível do rés-do-chão.²⁵⁹

²⁵¹ O padrinho foi, por procuração, o então Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal. AUC, *Fundo Paroquial, Figueira da Foz, São Julião*, B1 (1602-1767), fl. 512, fig. 205.

²⁵² Embora não tenhamos encontrado nenhum inventário ou documento que nos dê a sua localização, as suas características, decoração (com azulejos de temas bíblicos), localização e pé direito, levam-nos a colocar a possibilidade, embora remota, da capela a que o assento de batismo se refere, ser o oratório. Veja-se também SIMÕES, J. M. dos Santos, 1947, 13. Veja-se o assento de batismo na fig. 246.

²⁵³ Sobre este espaço vejam-se as figs. 237, 238 e 239.

²⁵⁴ FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 42. Na descrição dos bens móveis da Casa da Figueira desse inventário surgem camas (5), mesas, cadeiras, entre outros, mas não há referência a utensílios de cozinha, como panelas, tachos ou frigideiras, o que supõe a não utilização desse espaço por parte do proprietário. (Veja-se Quadro 5 do capítulo 7 - Anexos, pp. 146-47) e AUC, *Comarca de Coimbra, Inventários Orfanológicos*. Processo orfanológico de Clara Cândida Leite Ribeiro, viúva de Fructuoso José da Silva (1866). AUC-VI-1^oD-7-4-5, Letra F, fl 245. Presentemente esta ala está transformada em gabinetes da Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz, atual proprietária dessa fração.

²⁵⁵ Em 1860 esta ala era composta apenas por um piso térreo. FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 36 e nota 3. Vejam-se as figs. 240, 241 e 242.

²⁵⁶ De modo a assegurar a separação das frações, de proprietários diferentes, esses vãos foram selados.

²⁵⁷ No período em que o Banco Comercial Português esteve instalado na ala poente e no espaço por baixo do salão nobre, no piso térreo do lado do rio, todos os pisos estavam ligados tanto por vãos de escada como por elevador. Veja-se fig. 211.

²⁵⁸ Sobre os estabelecimentos comerciais que foram existindo neste edifício ao longo do tempo, veja-se “Rua 5 de Outubro – Para da Sardinha”, *Do Largo à Praça*, Associação de Ideias – Publicações, Dezembro de 2007, pp. 9-13 e o Quadro 2, capítulo 7 – Anexos (p. 145). Relativamente aos tetos abobadados vejam-se as figs. 223 e 224.

²⁵⁹ Vejam-se as imagens 225, 226 e 228. Sobre o padrão dos azulejos, compare-se o padrão da Casa do Paço (fig. 243) com dois padrões em Lisboa (figs. 244 e 245).

4.2 – Instituições e serviços que passaram na Casa do Paço

“De há cem anos a esta parte, pela «Casa do Paço» passaram as gerações figueirenses, e não há quem não tenha qualquer recordação ligada àquela casa, já a festas, bailes e jogos, já a classes e lições, já a exposições ou simples «reuniões familiares»...”²⁶⁰

A utilização recreativa mais antiga de que encontramos referência no edifício da Casa do Paço é um **teatro**,²⁶¹ instalado no piso térreo, do lado do rio, entre 1820 e 1823,²⁶² no qual se efetuaram as primeiras representações teatrais na Figueira da Foz.²⁶³ Este espaço foi inaugurado com a peça «Nova Castro», em 1823. Em Março de 1858 a Assembleia Figueirense possui uma Direção Dramática e desde essa data a Sociedade Filarmónica Figueirense fica obrigada a tocar no Teatro.²⁶⁴ Um incêndio ocorrido em 1860 destruiu parte deste teatro.²⁶⁵

A **Assembleia Figueirense**, fundada em 15 de dezembro de 1839, desde 1840 que analisa a possibilidade de se mudarem para a Casa do Paço, por considerar que nela a “Assembleia ficaria mais majestosa”,²⁶⁶ embora essa mudança implicasse despesas, bem como a necessidade de

²⁶⁰ SIMÕES, J. M. dos Santos, 1947, p. 9.

²⁶¹ “A plateia era térrea, e havia uma única ordem de camarotes sôbre umas frisas acanhadas. Ali representaram algumas das individualidades mais categorizadas da Figueira da Foz, e o estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães foi uma das personagens da peça inaugural – a tragédia «Nova Castro». Desapareceu, por um incêndio que devorou o palco e o depósito do cenário.” FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 37, nota 3.

²⁶² FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 37. Terá sido montado por uma “sociedade particular de curiosos dramáticos” CASCÃO, Rui, 2009, pp. 504-05.

²⁶³ Na altura em que no piso superior estava sediada a Assembleia Figueirense, lugar de convivência da alta sociedade da época. CASCÃO, Rui, “O Teatro na Figueira da Foz (1860-1884)”, *Munda-6*, Coimbra, 1983, p. 63.

²⁶⁴ FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 37.

²⁶⁵ “Notícias diversas – Incêndio – No domingo último, às 3 horas da madrugada, declarou-se incendio nas casas que na Villa da Figueira possui o sr. Fructuoso José da Silva, desta cidade, aonde está estabelecida a Assembleia Figueirense. O fogo foi pegado no teatro, sem que se possa com certeza saber a sua origem: supõe-se ter sido causado por uma vela que havia ficado acesa por detrás d’um bastidor. § A companhia portuense que alli habitava ficou reduzida À maior miséria, salvando-se alguns dos actores em completa nudez. Apesar de áquella hora todos os habitantes se acharem recolhidos, appareceu desde logo em grande número de pessoas no lugar do incendio, e coadjuvadas pelo sr. director das obras da barra, seus officiaes, e empregados, assim como o sr. Cook, negociante britannico, conseguiram obstar a que o incendio não progredisse e se communicasse à Assembleia que fica por cima. A perda que o teatro sofreu é calculada em 90\$000 rs. § Algumas pessoas caritativas trataram de tirar uma subscrição a favor dos desgraçados artistas, e já no domingo tinham 49\$ reis, e grande porção de roupas que alguns cavalheiros e senhoras lhes oferecerem. § Felizmente não houve perdas de vidas a lamentar.” *O Conimbricense*, 16 de Outubro de 1860, pp. 2-3.

²⁶⁶ FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, pp. 13 e 21.

obras na Casa.²⁶⁷ Tal só vem a acontecer a partir de **01 de janeiro de 1857**, ocupando inicialmente três salas da metade oriental do piso nobre do edifício.²⁶⁸

Em 01 de janeiro de 1860 passou a ocupar toda a metade oriental do edifício²⁶⁹ anteriormente arrendada a **José Simões** para estalagem.²⁷⁰ Desde então as diversas direções foram apetrechando o espaço com o mobiliário necessário ao seu bom funcionamento e realizando diversas obras.²⁷¹

“enquanto não houve na Figueira da Foz Associações congêneres (...) a Assembleia concentrou tôdas as recreações possíveis em tal género de Sociedade e acolheu com a maior decência e fidalguia, não sòmente os estranhos que a ela acorriam anualmente, como, também, as pessoas mais gradas da terra...”²⁷²

Ao longo dos 23 anos em que esteve sediada na Casa do Paço,²⁷³ foram vários os eventos que marcaram a história da Figueira da Foz. Dos diversos bailes ali realizados, destacam-se o de 18 de fevereiro de 1860 por ocasião da abertura da Barra da Figueira da Foz junto ao Forte de Santa Catarina,²⁷⁴ o Baile de Carnaval, realizado pela primeira vez em 1869 ou o Baile da Regata.²⁷⁵

²⁶⁷ Na reunião de 15-12-1839 reconhecem que a sede de então “não hé grande para os dias de reuniões extraordinarias, e mesmo p^a esta Assembleia se ella tomar maior pé, mas m.^{to} sentimos que a mudança para o Paço custe a Assembleia mais 116\$400 reis annuaes, (...) sendo ainda necessaria a conceção do Dono da Casa para se gastar o aluguel de hum anno pelo menos em reparos que ella m.^{to} necessita, e sem os quaes se torna impossivel a mudança.” FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 13.

²⁶⁸ A contar do salão central, inclusive, exceto a sala contígua. FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 36 e nota 1.

²⁶⁹ “Compreendia a parte do edificio, de direção perpendicular ao corpo principal e que, então, constava apenas de pavimento térreo.” FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 36 e nota 3.

²⁷⁰ Nos três anos anteriores esse espaço esteve ocupado como estalagem. De acordo com a Direção da Assembleia Figueirense, “as divisões internas não podiam satisfazer as nossas necessidades” decidiu “tornar por meio de obras aquela parte do edificio útil à sociedade [Assembleia Figueirense].” AHMFF, *Depósito da Assembleia Figueirense, Livro 3 - Livro de Actas das Sessões da Direcção e da Assembleia Geral da Assembleia Figueirense*, relatório referente a 1860, fl. 70-70v. A referida estalagem ocupava três salas. *Livro 3 - Livro de Actas das Sessões da Direcção e da Assembleia Geral da Assembleia Figueirense*, relatório de 15-12-1859, fl. 55-56.

²⁷¹ Esses beneficiamentos estão bem detalhados na obra de FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, pp. 36-53, as quais se encontram sintetizadas no Quadro 6, p. 147, capítulo 7 – Anexos.

²⁷² FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 40.

²⁷³ De 01-01-1857 a 31-12-1879. FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 40.

²⁷⁴ O qual só se realizou nesta data por até 31 de dezembro de 1859 a Assembleia Figueirense não ocupar dependências suficientes no edificio. FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 39.

²⁷⁵ FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 67.

Após a saída da Assembleia Figueirense, no dia 31 de dezembro de 1879, o espaço que esta ocupava na Casa do Paço foi arrendado a **Paulo Emílio Pereira de Carvalho**, para exploração de um café.²⁷⁶

Sediado na Casa do Paço, o **Grémio Lusitano** foi inaugurado a **30 de agosto de 1882**,²⁷⁷ tendo sido extinto em 1888. De forma a concretizar os seus objetivos sociais, previstos nos estatutos, dispunha de “de salas para conversação, leitura e jogos e realizando concertos, reuniões de família e bailes.” Depois da sua dissolução, surgiu o **Grémio Recreativo**, sediado na Casa do Paço, maioritariamente fundado por antigos sócios do Grémio Lusitano. Esteve aqui sediado quatro anos.²⁷⁸



imagem 29 - Museu Municipal numa das salas de paisagens da Casa do Paço

Um dos espaços culturais mais marcantes na história da Figueira da Foz é sem dúvida o **Museu Municipal Santos Rocha**. Ao longo da década de 80 do século XIX o Dr. António dos Santos Rocha fez diversas descobertas arqueológicas, que resultaram de um acervo considerável, o que levou a Câmara Municipal a aceder ao seu pedido de se constituir um Museu na Figueira da Foz. Tal veio a acontecer, com a inauguração do Museu Municipal a **06 de maio de 1894**, instalado na Casa do Paço²⁷⁹ onde esteve até ser transferido para o edifício da Câmara Municipal em 1899.²⁸⁰ Após a morte do seu fundador, recebe o seu nome, em sua homenagem.

Em 1895 a Figueira da Foz via nascer o Ginásio Clube Figueirense. Sediado no Teatro Príncipe desde 1896, ficou sem sede depois do incêndio que destruiu aquele teatro no Carnaval de 1914. Provisoriamente esteve instalado na Casa do Paço durante um mês,²⁸¹ regressando a este edifício em 11 de novembro de 1922, onde esteve até 01 de março de 1930.²⁸² Aqui possuiu

²⁷⁶ O objetivo do arrendamento foi a instalação de “um café, bilhares e outros jogos, bem como escritório de consignações (...)” sendo o contrato por seis anos CASCÃO, Rui, 2009, pp. 311 e 620.

²⁷⁷ CASCÃO, Rui, 2009, p. 337-38. A 03-11-1885 foi celebrado um contrato de arrendamento com o então senhorio Dr. João Antunes de Macedo Santos, “compreendendo a frontaria do lado da R. de Trás do Paço, torreão, casas por cima do dito andar e cozinha na parte de baixo. A duração do arrendamento era por quatro anos e a renda de 350\$000 anuais.” CASCÃO, Rui, 2009, p. 620.

²⁷⁸ CASCÃO, Rui, 2009, p. 338, 620.

²⁷⁹ Vejam-se a imagem 29.

²⁸⁰ O arrendamento foi assumido pela Câmara Municipal. CASCÃO, Rui, 2009, p. 472.

²⁸¹ De Março a Abril esteve instalado “na parte do edificio situada do lado do torreão.” CASCÃO, Rui, 2009, p. 554.

²⁸² CASCÃO, Rui, 2009, p. 554.

uma sala de bilhar, uma sala de jogo, uma sala de leitura, gabinete da direção no piso nobre, quatro pequenas salas no piso superior destinadas às reuniões das diversas secções e a jogos e a sala do torreão na qual se praticaria boxe e esgrima.²⁸³

Também o ensino na Figueira da Foz está ligado à Casa do Paço. Em 1893 a Escola Industrial é restabelecida, sendo inaugurada em **12 de fevereiro 1894** com o nome de **Escola Industrial Bernardino Machado**, no “antigo salão de bale e em mais duas salas” da Casa do Paço, onde esteve até 1898²⁸⁴ e **entre 1903 e 1905** foi o **Colégio Liceu Figueirense** que ali esteve a funcionar.²⁸⁵

Em 31 de janeiro de 1904 é inaugurado o **Centro de Republicano Dr. José Falcão**,²⁸⁶ sediado numa das amplas salas da Casa do Paço desde **Janeiro de 1911**, o qual manteve uma escola administrada por D. Celestina Ribeiro do Couto, professora de ensino livre, e espaços de convivência e recreio.²⁸⁷ Também a **Associação Instrutiva dos Empregados no Comércio e Indústria**, mais conhecida por Associação dos Caixeiros Figueirenses esteve sediada numa das dependências da Casa do Paço, desde **01 de abril de 1913**.²⁸⁸

A **Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz**, fundada em Maio de 1835,²⁸⁹ desde logo procura instalar-se na Casa do Paço.²⁹⁰ Embora tenha estado alguns anos instalada numa das salas daquele edifício, no período em que a Assembleia Figueirense ali teve a sua

²⁸³ CARDOSO, J. Sousa, *Ginásio Clube Figueirense – Subsídios para a sua História (1895-1944)*, Figueira da Foz, 1944, pp. 16-19.

²⁸⁴ Em 1898 muda-se para o edifício da Câmara Municipal. Sobre este assunto veja-se CASCÃO, Rui, 2009, pp. 400-01.

²⁸⁵ CASCÃO, Rui, 2009, pp. 416-17.

²⁸⁶ Inicialmente designava-se por Centro de Propaganda José Falcão. CASCÃO, Rui, 2009, p. 657.

²⁸⁷ CASCÃO, Rui, 2009, pp. 659-60. Desconhece-se por quanto tempo esteve ali sediado.

²⁸⁸ CASCÃO, Rui, 2009, p. 465.

²⁸⁹ À época a Figueira era considerada a 3ª Praça do Comércio do país. PINTO, Maurício, *Associação Comercial e Industrial da Figueira*, Figueira da Foz: Tipografia Popular, 1934, p. 6.

²⁹⁰ Na reunião de 01-06-1835 a direção é autorizada “procurar a obtenção da Casa do Paço”. Esta pretensão só foi conseguida noventa anos depois desta deliberação. Em 1869, a direção delibera no sentido do seu presidente inquirir junto da Assembleia Figueirense, instalada na Casa do Paço, da possibilidade ser cedida à Associação Comercial a sala do torreão para nela reunir. PINTO, Maurício, 1934, p. 7.

sede,²⁹¹ só em **Abril de 1921** é que se instala no piso nobre da Casa do Paço, onde esteve até 2005,²⁹² data em que se muda para as alas nascente e poente deste edifício.²⁹³

4.3 – Alguns eventos que marcaram a história da Casa do Paço

Para além dos já citados, ao longo da sua existência foram vários os eventos culturais e sociais que se realizaram neste edifício, como por exemplo *matinés*²⁹⁴ ou exposições.²⁹⁵ No entanto, o mais marcante de todos foi a cerimónia de receção ao Rei D. Luís e à Rainha D. Maria Pia, aquando a inauguração da Linha da Beira Alta, noticiada nos seguintes termos:

“No dia e hora previstos, a 3 de agosto de 1882, às 9h30m chegou à estação da Figueira da Foz o comboio Real com o **Rei D. Luís e a Rainha D. Maria Pia** e respetiva comitiva para a inauguração da Linha da Beira Alta. Após as cerimónias Suas Majestades dirigiram-se à Casa do Paço, na altura sede do ‘Club Progressista’, onde a Câmara Municipal ofereceu um magnífico ‘lunch’.”²⁹⁶

“A Casa estava magnificamente adornada. Eram seis as salas destinadas para a recepção real, afóra o grande salão onde teve lugar o *lunch*. O salão de entrada, a sala destinada a Sua Magestade a Rainha, a dos ministros, e a do ex.^{mo} Bispo Conde, todas ellas rivalizavam em bom gosto, com especialidade os aposentos de S. M. a Rainha eram modelo de elegância. (...) O *lunch* foi de 101 talheres e profusamente servido. O *menu* apresentado a SS.MM. era impresso em setim e ouro.”²⁹⁷

²⁹¹ A Casa do Paço foi sede simultânea da Assembleia Figueirense e da Associação Comercial. FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 21. Em 1878 está na Casa do Paço, numa das salas da Assembleia Figueirense. PESSOA, Amorim, *Almanach Praia da Figueira 1878-1879*, Figueira da Foz: 1878 pp. 67-68. De Agosto de 1888 a 30-06-1918 arrendou duas lojas do piso térreo do edifício novo da Assembleia Figueirense, onde teve instalada a sua sede.

²⁹² Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz, “História”, disponível em <http://www.aciff.pt/>, consultado em 20-05-2013. Em 28-05-1987 o jornal *O Dever* noticia a recente compra do piso nobre da Casa do Paço pela Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz, vendida em 2005 à Figueira Paranova – Renovação e Desenvolvimento Urbano E.M.

²⁹³ Do contrato de arrendamento celebrado em 1922 com o então senhorio, Dr. João Alfredo Antunes de Macedo Santos, destaque-se a condição da arrendatária ficar obrigada à mais rigorosa fiscalização sobre a conservação dos azulejos das duas salas arrendadas e a capela, ficando sujeita ao pagamento de indemnizações ao proprietário de 20\$00 cada azulejo de paisagens, 30\$00 cada de cavaleiros e 40\$00 cada azulejo de temas bíblicos. CASCÃO, Rui, 2009, pp. 618-19.

²⁹⁴ Veja-se o exemplo noticiado em 1893, “A *matinée* no Salão do Paço”, jornal *Correspondencia da Figueira*, 29-09-1893, sobre a atuação de Tomás del Negro, músico e maestro.

²⁹⁵ Como por exemplo a Exposição de Arte Portuguesa Contemporânea, em Agosto de 1963, noticiada, por exemplo, no *O Figueirense*, a 10 e 17 de Agosto desse ano e *A Voz da Figueira* de 15 e 22 de Agosto do referido ano.

²⁹⁶ No dia anterior fora servido um jantar de 24 talheres no Hotel Mondego. BISCAIA, Álvaro Cação, *Linha da Beira Alta*, Figueira da Foz: CB – Associação de Ideias, 2010, pp. 24, 26.

²⁹⁷ *Jornal Comercio da Figueira*, 09-08-1882.



fig. 30 - Comercio da Figueira,
09-08-1882

A recetividade agradou de tal forma Sua majestade que, durante o *lunch* afirmou que se fosse essa a vontade dos figueirenses, elevaria a vila da Figueira da Foz à categoria de cidade, o que veio a acontecer no mês seguinte.²⁹⁸

Utilizado para os mais diversos fins de interesse público, “(...) as suas melhores salas são frequentemente requisitadas pela respectiva Câmara ou pelo Governo Civil quando da realização de solenidades ou recepções, para o que naquela cidade não se dispõe de outro local com idêntica categoria”²⁹⁹ “o que leva até a ser considerado como uma espécie de Sala de Visitas da cidade.”³⁰⁰

4.4 – Principais obras realizadas na Casa do Paço

Com utilizações tão diversas, naturalmente um edifício como este vai sofrendo obras. Em 1860 a Assembleia Figueirense passou a ocupar as três salas que serviam de estalagem, o que implicou desfazer as divisões internas de modo a repor o espaço de modo a torna-lo útil àquela entidade.³⁰¹ Em 1862 reconstruíram a Sala do Botequim.³⁰² Para além de, em 1865, forrar de papel de parede o Salão de Baile e o Gabinete de Leitura, retirando os azulejos dessas salas, a Assembleia Figueirense abriu uma porta de entrada no corredor a nascente da porta principal.³⁰³

²⁹⁸ 20 de Setembro de 1882

²⁹⁹ Ofício do Diretor-Geral, Eng. José Pena Pereira da Silva dirigido ao Chefe de Gabinete do Ministro da Educação e Cultura, de 01-10-1974. SIPA-txt-01147032-3.

³⁰⁰ CMFF - Ofício enviado pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal da Figueira da Foz ao Ministro da Agricultura e Pescas em 04-05-1976 (ref. A-101).

³⁰¹ AHMFF, *Depósito da Assembleia Figueirense*, Livro 3 - *Livro de Actas das Sessões da Direcção e da Assembleia Figueirense*, 01-01-1856 a 01-06-1862, relatório apresentado em 02-01-1861, fl. 70-70v.

³⁰² AHMFF, *Depósito da Assembleia Figueirense*, Livro 4 - *Livro de Actas das Sessões da Direcção da Assembleia Figueirense*, fl. 15 e 15v.

³⁰³ “Com offim que julgou absolutamente necessario, de evitar a comonicação directa do Sallão do Baile com a rua, circumstancia que não prometia colocar nelle os ornamentos que forçozamente demande.” Relatório apresentado em 28-12-1865. AHMFF, *Depósito da Assembleia Figueirense*, Livro 4 - *Livro de Actas das Sessões da Direcção da Assembleia Figueirense*, 28-06-1862 a 25-01-1869, fl. 75v-79v.

Em 1866 ajardina o pátio, constrói “duas casas para fresco, dos lados do mesmo pátio”,³⁰⁴ dois tanques nesse jardim e faz uma faixa empedrada desde o portão até às portas que davam acesso à Casa³⁰⁵ e reabilita as “cazas cómodas”.³⁰⁶

Em 1881 Manuel dos Santos Júnior recebe o título de Barão do Paço da Figueira.³⁰⁷ No período em que é proprietário da Casa do Paço (1868-1883) concretiza um conjunto de obras, particularmente na sala do torreão e na ala nascente do edifício.³⁰⁸

“O «Salão de festas» foi teatro das recepções por ocasião da inauguração do Caminho de Ferro da Beira Alta, para o que foi mister a sua transformação, desaparecendo várias divisórias e tabiques que aí existiam.”³⁰⁹

Já no século XX, em 12 de abril de 1967, o edifício é vistoriado por engenheiros da Câmara Municipal da Figueira da Foz que recomendam “a substituição urgente da cobertura e telha do edifício bem como da instalação elétrica”.³¹⁰ Este processo vai arrastar-se durante anos devido ao valor avultado das obras a realizar e as dificuldades apresentadas pelo então proprietário, Reinaldo Marques Pedrosa, para as concretizar.³¹¹

De tal modo o processo se torna complexo que chega a ser colocada a possibilidade de remover os azulejos para um espaço museológico.³¹²

³⁰⁴ Em Março desse ano a Assembleia Figueirense aterra, nivela e arboriza o pátio. FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 44. Veja-se a fig. 203.

³⁰⁵ “Com encanamento para êles do depósito de água pluvial feito na casa contígua à cosinha grande.” FERREIRA, Romano Barnabé, 1945, p. 45.

³⁰⁶ “levando-as a mais aceio e com canalização, tanto para receber as aguas da chuva, como para expelir as materias fecais, e com quanto julgasse que com a obra, que se lhe fez não exalarião o mau cheiro que até ahí havia na Salla dos Bilhares, não sucedeu todavia assim, porque tem continuado (...)” Relatório apresentado em 01-01-1867, AHMFF, *Depósito da Assembleia Figueirense*, Livro 4 - *Livro de Actas das Sessões da Direcção da Assembleia Figueirense*, 28-06-1862 a 25-01-1869, fl. 92v-96. Sobre algumas das obras realizadas pela Assembleia Figueirense, veja-se o Quadro 6, capítulo 7 – Anexos, p. 147.

³⁰⁷ Recebeu o título a 17-02-1881 – ANTT - Registo Geral de Mercês de D. Luís I, livro 36, fl. 129v.

³⁰⁸ A sala do torreão, decorada com um silhar de azulejos fabricados em Lisboa, no final do século XIX, onde é ainda visível um brasão de barão pintado no centro da cúpula, só terá recebido melhoramentos na década de 80 do século XIX. Os azulejos de figura avulsa e de padrão que se encontram na ala nascente serão também deste período. Vejam-se as figs. 233, 234, 235, 236, 240, 241 e 242.

³⁰⁹ SIMÕES, J. M. dos Santos, 1947, p. 10.

³¹⁰ O Auto de Vistoria foi enviado à 4ª subsecção da 2ª Secção da Junta Nacional de Educação do Ministério da Educação Nacional, pela Câmara Municipal da Figueira da Foz através do ofício nº 198, de 27-04-1967. SIPA-txt-01146824-7.

³¹¹ Sobre este assunto vejam-se os processos da DGEMN, parte textual, disponíveis em “Casa do Paço”, em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=PT020605110012, consultados em 01-08-2011.

³¹² “Como está prevista a construção de um Museu na Cidade da Figueira da Foz, custeado (...) pela Fundação Calouste Gulbenkian, não seria possível prever que essa magnífica colecção de azulejos aí se

Em Junho de 1973 é comunicado ao proprietário ter sido colocado à consideração do Ministro das Obras Públicas a concessão de um subsídio equivalente a 90% do valor das obras orçadas, ou seja, 316.694\$70, ficando o proprietário responsável por suportar os restantes 10% no valor de 35.188\$30, subsídio esse que deveria ser publicado em portaria, no Diário do Governo, para produzir efeitos e para que as obras fossem iniciadas.³¹³ Para tal foi lançado um concurso limitado para execução da empreitada “Casa do Paço – Figueira da Foz – Reconstrução da Cobertura em armação de madeira com aproveitamento parcelar do existente.”³¹⁴ Apresentaram proposta Manuel Domingues Chaves, Camilo de Amorim (Lisboa) e Anselmo Costa (Lisboa), tendo a obra sido adjudicada a este último pelo valor de 351.000\$00.³¹⁵

Em 1973 é proposto ao Estado a aquisição da quase totalidade da Casa do Paço,³¹⁶ considerada “um dos raros Imóveis de interesse arquitectónico na cidade – no sentido monumental – e é de todo inviável que um simples particular tenha possibilidades económicas para repor o edifício desta grandeza com aquela dignidade que se impõe. (...) o imóvel foi classificado apenas por conter no seu interior uma magnífica e singular colecção de azulejos de Delft embora seja inegável que, pelas suas dimensões e características, vem sendo utilizado pela Câmara Municipal – como atrás se acentua – em solenidades de vária ordem, como o mais adequado que a cidade possui.”³¹⁷

expusesse em condições porventura melhores do que as patenteadas na Casa do Paço? (...) Esta, a sugestão que me permito anotar, na certeza que, do seu aproveitamento resultaria um duplo benefício: (...) a melhor valorização duma colecção que, considerada como uma das melhores do Mundo, se não a melhor, bem merece e justifica uma apropriada exposição que se poderia garantir no futuro Museu da cidade.” Informação do Arquitecto Chefe da Secção do Centro da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais dirigida ao Arquitecto Director dos Serviços dos Monumentos Nacionais, datada de 29-04-1968. SIPA-txt-01146875-6. Na sua informação de 04-01-1973 renova o seu parecer de “que o local mais indicado para conservar e expôr o valioso acervo de azulejos de Delft não é de forma alguma a “Casa do Paço” mas sim um Museu.” SIPA-txt-01146932-3.

³¹³ Ofício nº 1871, de 19-06-1973 da Direcção dos Serviços dos Monumentos Nacionais enviado a Reinaldo Marques Pedrosa. SIPA-txt-01146951.

³¹⁴ Aviso de concurso, da Direcção de Monumentos do Centro, de 03-09-1973. SIPA-txt-01146978-9.

³¹⁵ Informação do Arquitecto Director dos Serviços dos Monumentos Nacionais de 18-09-1973. SIPA-txt-01146988-9. Já no decorrer da obra, em 18-02-1974, o empreiteiro informa o proprietário de que seria necessário realizar trabalhos não previstos inicialmente, no valor de 141.176\$00. SIPA-txt-01147001-2.

³¹⁶ As frações que ainda não estavam vendidas, em especial a do 1º andar. Através de ofício de Reinaldo Marques Pedrosa ao Director-Geral dos Monumentos Nacionais em 13-11-1973. SIPA-txt-01146996. No dia seguinte a Câmara Municipal da Figueira da Foz envia um ofício ao mesmo destinatário reconhecendo o maior interesse na aquisição da Casa do Paço pelo Estado. SIPA-txt-01146995. No mês seguinte o Arquitecto Director do Centro informa o Arquitecto Director dos Serviços dos Monumentos Nacionais que seria benéfico a Casa do Paço ser adquirida pela Câmara Municipal da Figueira da Foz, se possível com o auxílio do Estado. SIPA-txt-01146998.

³¹⁷ Parecer do Arquitecto Director de Serviços dirigido ao Engenheiro Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, de 30-07-1974. SIPA-txt-01147018-20.

Em Junho 1978 o proprietário recebeu o então Secretário de Estado da Cultura, Prof. António Reis, colocando-lhe a Casa à disposição “para o aproveitamento turístico e maior divulgação dos seus azulejos,” o qual terá visto “o maior interesse manter a Casa em toda a sua arquitectura.” Dias depois recebeu o Primeiro-Ministro Mário Soares, o qual terá também demonstrado ser “do maior alcance para esta cidade e para o País a reparação que ali está sendo levada a cabo e a ideia de pôr a Casa ao serviço do turismo e cultura.”³¹⁸

Em Setembro de 1978 a Direção do Centro da DGEMN lança o concurso para uma empreitada destinada a obras de conservação na Casa do Paço – conclusão de alguns remates na fachada norte, sobre o pátio ajardinado da entrada principal.³¹⁹

As últimas obras de vulto realizadas na Casa do Paço decorreram em 2005 tendo o edifício sido intervencionado exteriormente e interiormente (ao nível do piso nobre e torreão).³²⁰ Para além de obras de conservação, nomeadamente reparação de fissuras e pintura, foram retiradas divisórias de madeira da Sala de Paisagens (nascente) e o lambrim de madeira da sala contígua à Sala dos Bíblicos. Na parede sob esse lambrim eram visíveis as marcas na argamassa que permitiram confirmar que aquela sala também fora decorada com azulejos, os quais foram retirados em 1865.³²¹



imagem 31 – Sala de Paisagens (nascente)



imagem 32 – Sala contígua à Sala dos Bíblicos

Após esta intervenção, os espaços interiores do piso nobre da Casa do Paço ficaram desimpedidos, voltando a ser possível apreciar os seus azulejos na sua plenitude.

³¹⁸ Carta de Reinaldo Marques Pedrosa dirigida ao Diretor-Geral dos Monumentos Nacionais, em 30-06-1978. SIPA-txt-01147192. Sobre algumas das obras realizadas entre 1978 e 1981 veja-se o Quadro 7 – capítulo 7 – Anexos, p. 148.

³¹⁹ SIPA-txt-01147211-3; 01147217-8.

³²⁰ Sobre as obras realizadas, veja-se o Quadro 8 do capítulo 7 – Anexos, p. 149, POMBO, Maria João Pombo, *Proposta de reabilitação da Casa do Paço*, Paranova, E. M., 2004 e POMBO, M^a João, *Reabilitação da Casa do Paço*, Curso de Especialização Reabilitação Urbana, 2005.

³²¹ Agradecemos à Eng^a Maria João Pombo, da CMFF as informações prestadas sobre essas obras, bem como o acesso a documentação relacionada com as mesmas.

5 – Conclusão

Construído nos domínios do Cabido de Coimbra, durante o bispado de D. João de Melo, a história deste imóvel emblemático, edificado há mais de três séculos, é indissociável da história da cidade da Figueira da Foz.

A Casa do Paço, como é conhecida, presenciou esta pequena povoação crescer junto ao porto, tornar-se vila em 1771 e ser elevada a cidade em 1882. Pelos seus espaços passaram nobres, bispos, monarcas, governantes, a alta sociedade figueirense, mas também os mais anónimos de quem a história é igualmente composta.

Nela se fundou o primeiro teatro na Figueira da Foz e o Museu Municipal. Nos seus salões se reuniram as famílias figueirenses para momentos de cultura e de lazer; no seu interior se recebeu o rei D. Luís e a rainha D. Maria Pia. Os seus proprietários foram Cavaleiros, Comendadores, Condes da Figueira, importantes homens de negócios e um Barão do Paço da Figueira.

De fachada simples e sóbria, mas desequilibrada pela inexistência do torreão poente, o seu interior protege a maior concentração de *enkele tegels* – azulejos holandeses de figura avulsa – que se conhece *in situ*. Este espólio azulejar, único no mundo, composto por milhares de azulejos finamente pintados, foi aplicado de modo parietal, numa aplicação tipicamente portuguesa. Embora tal lhe diminua o carácter individual, o ladrilhador soube tirar proveito do efeito contrastante entre a intensidade do azul-cobalto das cenas de paisagens e a tonalidade do roxo avinhado do manganês das cenas bíblicas e dos cavaleiros. Estes três tipos de azulejos foram aplicados de modo a uma cor fazer a cercadura da outra.

Apesar da influência que este tipo de azulejos teve na produção azulejar portuguesa, a capacidade que os pintores holandeses tinham em colocar tanto detalhe em tão pouco espaço, não foi igualada no nosso país. Tendo ao seu dispor gravuras que retratavam momentos de lazer, de trabalho, locais e paisagens inspiradas no seu país, o azulejo revelou-se um excelente suporte para a reaplicação dessas imagens, aliando a durabilidade do material à versatilidade da aplicação ornamental.

Ao contrário dos grandes painéis, estes azulejos devem ser vistos bem de perto, para que se possa observar o detalhe, a singularidade de cada cena, olhando a paisagem retratada como que através de uma janela no tempo e no espaço.

Tal como o edifício marca a cidade da Figueira da Foz, o espólio existente no seu interior retrata uma parte da história da azulejaria em Portugal e no mundo.

Raramente fica tudo escrito e muito mais há ainda para estudar. Quem foi o arquiteto, qual a intenção de D. João de Melo para construir aqui este edifício, que tipo de ocupações e de vivências teve este imóvel nos primeiros anos, como vieram cá parar estes azulejos, são algumas das perguntas para as quais esperamos um dia encontrar respostas.

Recentemente, ao reler alguns artigos sobre a Casa do Paço, uma frase do falecido Manuel Leitão Fernandes chamou-nos a atenção. Escrita há quarenta anos, resume o que tomámos consciência ao longo destes dois anos de investigação.

“Se algum dia alguém tomar a seu cargo a elaboração da história daquele primeiro andar, de salões amplos e imponentes, mais do que a história de uma parte de um imóvel valioso, estará a contar a vida da Figueira nestes últimos séculos.”³²²

Finalizo este estudo com o sentimento de ter conseguido contar uma parte da vida da Figueira da Foz.



imagem 33 – Azáfama na praia junto à Casa do Paço

³²² FERNANDES, Leitão, “A Casa do Paço e os seus azulejos”, jornal *A Voz da Figueira*, 12-04-1973.

6 – Bibliografia

6.1 – Arquivos

6.1.1 – ARQUIVO CONDE DE SÃO LOURENÇO

Relação do que devem pagar à Ex^{ma} Caza da Figueira os Lavradores, que possuem terras dentro dos Prazos do campo Velho, Torrão e Corredio, cujos Prazos são sítios no Couto de Lavos, defronte da Villa da Figueira, e pertencem a mesma Ex^{ma} Caza – ACSL, Est. 3/Prat. 5/6^a fila/Cx 28/Maço 4

Contrato de arrendamento, quitação e obrigação com Julião de Oliveira, Félix António de Oliveira e Leonardo Severo Duarte (1789) – ACSL, Est. 3/Prat. 5/6^a fila/Cx 28/Maço 4

Contrato de arrendamento, quitação e obrigação com Francisco José Rodrigues Aguiar (1816) – ACSL, Est. 3/Prat. 5/6^a fila/Cx 28/Maço 4

Sentença cível - Marinhas, sítios no princípio do Esteiro de Lavos (1819) – ACSL, Est. 3/Prat. 5/6^a fila/Cx 28/Maço 4

Contrato de arrendamento, quitação e obrigação com Francisco Aureliano Aguirre (1821) – ACSL, Est. 3/Prat. 5/6^a fila/Cx 28/Maço 4

Contrato de arrendamento, fiança e obrigação com Fructuoso José da Silva Braga (1825) – ACSL, Est. 3/Prat. 5/6^a fila/Cx 28/Maço 4

Escritura de Aforamento fatiozim perpétuo dos bens do morgadio da Figueira a Fructuoso José da Silva (1835) – ACSL, Est. 3/Prat. 5/6^a fila/Cx 28/Maço 4

Sub-rogação de foro direto – prazo feitozim perpétuo a Fructuoso José da Silva (1861) – ACSL, Est. 3/Prat. 5/6^a fila/Cx 28/Maço 4

6.1.2 – ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

Coleção de Testamentos, Cx. 21, doc. 107, fl. 7-11v – ADEV/COLTEST/02809

Fundo Paroquial – Livro de Óbitos de Santo Antão de Évora, liv. 53, fl. 116v – ADEV/PRQEV/ÉVR05/003/0002

6.1.3 – ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

Morgados e Capelas, Núcleo Antigo 217

Escritura de sub-rogação de um palácio pertencente aos condes de Murça, situado na Rua de Santo António dos Capuchos, por inscrições da Junta do Crédito Público – PT/TT/MC/2/217

Registo Geral de Mercês de D. Maria I, liv. 23, fl. 249v, 292, 294, 295v

Registo Geral de Mercês de D. Luís I, liv. 36, fl. 129v – Manuel dos Santos Júnior

6.1.4 – ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Cabido e Mitra de Coimbra

D. João de Mello – Bispo de Coimbra (1684-1704) – Documentos vários do cabido – AUC-III-1^aD-7-5-5

Livros de Acordos do Cabido (1699-1714), fl. 1, 5v, 36, 71, 78 – AUC-III-1^aD-1-1-17

Comarca de Coimbra – Inventários Orfanológicos – Processo orfanológico de Clara Cândida Leite Ribeiro, viúva de Frutuoso José da Silva (1866) – AUC-VI-1^aD-7-4-5, Letra F

Informações Paroquiais de 1721 – São Julião da Figueira da Foz – Doc. 109

Mitra Episcopal de Coimbra

Escrituras diversas (1548-1779), Liv. 99, fl. 105-106v; 109-117 – AUC-II-^{ca}E-2-4-21

Tombos de demarcação e reconhecimento – Lavos, liv. 69, fl. 224-229 – AUC-II-2^aE-2-3-24

Registos Paroquiais – São Julião da Figueira da Foz, (1602-1767), fl. 112v, 113v e 512

Universidade de Coimbra – Livro de Matrículas, 1696-1698, vol. 27 – AUC-IV-1^aD-1-3-35

6.1.5 – BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Cod. 190, CRAESBEEK, Francisco Xavier da Serra, *Noticia Historica e Corographica do Prodigioso Milagre da Antigua e Singular Imagem de Nossa Senhora do Pranto, cita na sua Ermida do lugar do Pedrogão da freguesia da Vinha da Rainha, termo da Villa de Montemor-o-Velho do Bispado de Coimbra, dedicada à mesma Senhora por Francisco Xavier da Serra Craesbeek*

6.1.6 – CÂMARA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ

6.1.6.1 – ARQUIVO DO DEPARTAMENTO DE URBANISMO

Proc. 2353/1981 – Banco Pinto & Sotto Mayor

Proc. 3996/1994 – ACIFF

Proc. 5844/1995 – Reinaldo Marques Pedrosa

Proc. 545/1999 – ACIFF

Proc. 522/2001 – Banco Comercial Português

6.1.6.2 – ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL

Depósito da Assembleia Figueirense

Livro 3 – Livro das Actas das Sessões da Direcção e da Assembleia Geral da
Assembleia Figueirense (01-01-1856 a 01-06-1862)

Livro 4 – Livro das Actas das Sessões da Direcção da Assembleia Figueirense (28-
06-1862 a 25-01-1869)

Livro 5 – Actas das Sessões da Direcção da Assembleia Figueirense (31-01-1869 a
14-01-1873)

Livro 7 – Actas da Direcção (24-01-1877 a 14-04-1880)

6.1.6.3 – BIBLIOTECA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ

Figueiredo, António Mesquita de, *Documentos para a História do actual concelho da
Figueira da foz do Mondego*

6.1.7 – SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE COIMBRA

Livro de Receyta e Despeza desta Caza da Santa Misericordia desta Cidade de Coimbra, este
Anno que começou dia da Vizitação de N. Senhora a 2 de Julho de 107 & ha de acabar
em outro tal dia de 1702

6.2 – Fontes impressas

- AAVV. *Museu Nacional do Azulejo. Roteiro*, Lisboa: Instituto Português dos Museus/Asa, 2005 (2ª ed., 1ª 2003)
- BANDEIRA, Ana Maria Leitão, et al., *Mitra Episcopal de Coimbra: descrição arquivística e inventário do fundo documental*, Arquivo da Universidade de Coimbra, Coimbra, s/d, disponível em http://www.uc.pt/auc/fundos/ficheiros/DIO_MitraEpiscopalCoimbra, consultado em 02-06-2011
- BENTZ, Bruno e LINDEN, Margaretha van der, “De Nederlandse Tegels van het «Chateau de Rochechouart»”, *Tegel*, nº 23, Amsterdão: Stichting Vrienden Nederlands Tegelmuseum, 1995, pp. 47-51
- CALADO, Rafael Salinas, “Azulejos assinados no Paço da Figueira”, *Boletim da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz*, nº 14, 30-06-1945, s/p.
- CALADO, Rafael Salinas, “Os azulejos do Paço da Figueira”, *Boletim da Casa do Alentejo*, nº 105, Julho de 1945, Minerva Comercial, Beja
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago, *Azulejaria do Século XVIII – Espaço Lúdico na Arquitectura Civil de Lisboa*, Porto: Civilização Editora, 2007
- CARDOSO, Nuno Catharino, *Arte Portuguesa II, Azulejos de Figura Avulsa Nacionais e Holandeses – Alguns dos mais belos ou curiosos existentes em Lisboa e arredores*, Edição do Autor, Lisboa, 1935
- CASTRO, Simões de, “Villa da Figueira”, in *Archivo pittoresco – semanario ilustrado*, vol. 11, Lisboa: Castro Irmão & Cª, 1868
- DAM, Jan Daan van, “O azulejo nos Países Baixos: evolução e exportação (1550-1800), in *Os azulejos de Van der Kloet em Portugal*”, catálogo da exposição – Museu Nacional do Azulejo, Lisboa: Sociedade Lisboa 94, 1994, pp. 47-62
- KAMERMANS, Johan, *Het Tegel boek – Hoogtepunten uit het Nederlands Tegelmuseum*, Otterlo: Uitgeverij Waanders B. V., Nederlands Tegelmuseum, 2011
- JOLIET, Wilhelm, “Rotterdamse Ruitertegels in Schwetzingen”, *Tegel*, nº 35, Otterlo: Stichting Vrienden Nederlands Tegelmuseum, 2007, pp. 28-31
- JARDIM, José, *As Alfandegas, Fidalgas Figueirenses d’outr’ora*, Figueira da Foz, 1915
- JONGE, Caroline Henriette de, *Dutch Tiles*, Londres: P. S. Falla, 1971
- LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho, “Figueira da Foz”, in *Portugal antigo e moderno*, vol. 3, Lisboa, 1874

- LEMMEN, Hans van, *Céramiques de Delft*, Arcueil (França): Éditions Anthèse, 1997
- LEMMEN, Hans van, *Azulejos na Arquitetura*, Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1994
- LOUREIRO, Ferreira, “Restos da Figueira antiga”, *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, Figueira da Foz, 1 (4) 1907
- MARGGRAF, Rainer, “Os azulejos de Van der Kloet em Portugal”, in *Os azulejos de Van der Kloet em Portugal*”, catálogo da exposição – Museu Nacional do Azulejo, Lisboa: Sociedade Lisboa 94, 1994, pp. 15-32
- MECO, José, “Azulejo”, *Arte Portuguesa – da Pré-história ao século XX*, vol. 13, Pedroso: Fubu Editores, 2009
- MECO, José, *Azulejos de Lisboa*, Catálogo da exposição, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1984
- ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas*, vol. 1, Lisboa: Ed. Corazzi, 1887
- PARRA, Júlio, *Azulejos – Painéis do século XVI ao século XX*, Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 1994
- PINTO, Inês, *Os azulejos holandeses da Casa do Paço na Figueira da Foz: as cenas bíblicas e a sua iconografia*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, trabalho de seminário a Artes Decorativas no Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, 2011
- PINTO, Maurício e ESTEVES, Raimundo, *Figueira da Foz – Praia da Claridade*, Monografia, Figueira da Foz: Comissão Municipal de Turismo, 1959
- PROENÇA, Raul, “Beira Litoral, Beira Baixa e Beira Alta”, *Guia de Portugal*, 3º vol., Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1940
- QUEIRÓS, José, *Cerâmica Portuguesa e Outros Estudos*, Organização, Apresentação, Notas e Adenda Iconográfica de José Manuel Garcia e Orlando da Rocha Pinto, Lisboa: Editorial Presença, 2002 (4ª ed., 1ª (do autor), 1907)
- SILVA, Jorge Henrique Pais da, CALADO, Margarida, *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*, Queluz de Baixo: Editorial Presença, 2005
- SILVA, Luísa Maria de Moura Rodrigues da, *A Construção do Novo Mosteiro de Santa Clara de Coimbra: 1647 a 1769 – Da Decisão à Conclusão: Obras e Arquitectos*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000
- RELVAS, Maria Paula de Melo Moura, *Azulejos Holandeses na colecção Telo de Morais*, policopiado, Coimbra, 2009

- SIMÕES, J. M. dos Santos, *Azulejaria em Portugal no século XVII*, Tomo I – Tipologia, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997 (2ª ed. revista e atualizada; 1ª 1971)
- TICHELAAR, Pieter Jan, *Tichelaar Makkum 1700-1876*, Leiden: Primavera Pers, 2004
- TOMÁS, Pedro Fernandes, “A Casa do Paço”, *Figueira*, 5ª série, nº 3, 1915, s/p.
- VELOSO, A. J. Barros, ALMARQUÉ, Isabel, *Hospitais Civis de Lisboa – História e Azulejos*, Lisboa: Edições Inapa, 1996
- WEIJER, Paul van de, “Prent en Tegel – Tegels met Marskramers en prenten van Cornelis Bloemaert”, *Tegel*, nº 40, Otterlo: Stichting Vrienden Nederlands Tegelmuseum, 2012, pp. 14-15

6.2.1 – Imprensa local

- “Inauguração do Caminho de Ferro da Beira Alta – Visita de SS. MM. À Figueira”, *Commercio da Figueira*, 03-08-1882
- “Ainda a visita de Suas Magestades à Figueira”, *Commercio da Figueira*, 09-08-1882
- “Concerto”, *Correio da Figueira*, 30-09-1893
- “A visita d’El-Rei”, *Correspondência da Figueira*, 06-08-1882
- “A matinée no salão do Paço”, *Correspondencia da Figueira*, 29-09-1893
- “Uma preciosa colecção de azulejos de Delft”, *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 30-03-1945
- FERNANDES, Leitão, “A Casa do Paço e os seus azulejos”, jornal *A Voz da Figueira*, 12-04-1973

6.3 – Bibliografia

- AAVV., *Azulejos – Obras do Museu Nacional do Azulejo*, Paris: Editions Chandeigne – Librairie Portugaise, 2009
- AAVV., *Dicionário de Pintura – Séculos XIV – XVII*, Lisboa: Estampa 2005
- AAVV., *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Vol. 3, Lisboa, 2000
- AAVV., *Constituição das Vereações da Câmara Municipal de Coimbra – 1834-1910*, Arquivo Histórico Municipal de Coimbra, disponível em [www.cm-](http://www.cm-coimbra.pt)

coimbra.pt/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2758&Itemid=381, consultado em 08-05-2012

- AAVV, “A Costa Algarvia Três Séculos Depois – O olhar entre a Geografia e a História”, IV *Simpósio Luso-brasileiro de Cartografia Histórica*, 9 a 12 de Novembro de 2011, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponível em <http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/104.pdf>, consultado em 29-05-2013
- ARROTEIA, Jorge Carvalho, *Figueira da Foz – contribuição para o seu conhecimento geográfico*, Lisboa: Dissertação de Licenciatura em Geografia, 1972
- AZEVEDO, Carlos de, *Solares Portugueses – Introdução ao estudo da casa nobre*, Lisboa: Livros Horizonte, 1988, (2ª ed. 1ª ed. 1969)
- BAK, Saskia, WOERING, Roel, *Keramiemuseum Princessehof Jaarverslag 2010*, disponível em http://www.princessehof.nl/sites/default/files/2010_Jaarverslag.pdf, consultado em 17-05-2013
- BAPTISTA, Teresa Cordeiro, *Da Figueira à Foz – Evolução e fusão das duas cidades da Foz do Mondego*, Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Prova Final de Licenciatura, Setembro de 1999
- BÉNÉZIT, Emmanuel, “Tempesta (Antonio)” *Dictionnaire Critique et documentaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs de tous les temps et de tout les pays par un groupe d’écrivains spécialistes français et étrangers*, Tomo oitavo, Saint-Ouen: Librairie Gründ, 1959, pp. 247-248
- BÍBLIA SAGRADA*, Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica – Franciscanos Capuchinhos, 2012 (5ª ed. 3ª reimpressão, 1ª ed. 1998)
- BÍBLIA SAGRADA – Edição Pastoral*, Lisboa: Paulus, 2012 (4ª ed., 1ª ed. 1993)
- BISCAIA, Álvaro Cação, *Do Largo à Praça*, Figueira da Foz: Associação de Ideias – Publicações, Dezembro de 2007
- BISCAIA, Álvaro Cação, *Linha da Beira Alta*, Figueira da Foz: CB – Associação de Ideias, 2010
- BOONSTRA, Marten “De Molen op tegels”, *Tegel*, nº 38, Otterlo: Stichting Vrienden Nederlands Tegelmuseum, 2010, pp. 19-26
- BORGES, José Pedro de Aboim, *Figueira da Foz, Cidades e Vilas de Portugal*, Lisboa: Editorial Presença, 1991
- BRAAIJ, C. P., *Windmills of Holland*, Holanda: Kooijman Souvenirs & Gifts bv, 2005

- BRENNER, Carla, et al. National Gallery of Art, *Painting in the Dutch Golden Age – A Profile of the Seventeenth Century*, Washington: Board of Trustees, National Gallery of Art, 2007, disponível em http://www.nga.gov/content/dam/ngaweb/Education/learning-resources/teaching-packets/pdfs/dutch_painting.pdf, consultado em 08-05-2013
- CÂNDIDO, Guida da Silva, *Paços do Concelho da Figueira da Foz – História de um Edifício*, Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz, 2001
- CARVALHO, Joaquim Martins de, *Os assassinos da Beira: novos elementos para a história contemporânea*, Coimbra: Coimbra Editora, 1922
- CASCÃO, Rui, *Monografia da freguesia de S. Julião da Figueira da Foz*, Figueira da Foz: Junta de Freguesia de São Julião, 2009
- CASCÃO, Rui, “O Teatro na Figueira da Foz (1860-1884)”, *Munda-6*, Coimbra, 1983, pp. 61-71
- CARDOSO, J. Sousa, *Ginásio Clube Figueirense, subsídios para a sua história (1895-1944)*, Figueira da Foz, 1944
- CAREY, William L., “Cornelia”, *Roman Historians* Virginia, s/d, disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/romhist/cornelianotes.pdf>, consultado em 18-05-2013
- CORRÊA, Manuel de Melo, *Sangue Velho, Sangue Novo*, Lisboa: Livraria Féris, Lda, 1988
- CORREIA, Vergílio, “Casa Nobre – denominada Paço”, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Coimbra*, Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1952, p. 90
- CUMMING, Robert, *Comentar a Arte*, Porto: Dorling Kindersley – Civilização Editores, Lda, 2007
- D. DUARTE, *Leal Conselheiro*, (ed. Crítica, introdução e notas de Maria Helena Lopes de Castro), Lisboa: INCM, 1999
- Explanatory notes on Rembrandt’s print technique – The history of Engraving and Etching*, Douwes Fine Art, disponível em, <http://www.douwesfineart.com/files/Explanation%20of%20the%20print%20techniques%20used%20by%20Rembrandt.pdf>, consultado em 27-01-2013
- FERREIRA, Pedro Augusto, “Viseu”, in *Portugal antigo e moderno*, vol. 12, Lisboa, 1890, pp. 1623-26
- FERREIRA, Romano Barnabé, *O primeiro centenário da Assembleia Figueirense, 1839 – 15 de Dezembro – 1939, Alguns factos da sua história*, Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, 1945

- FIGUEIREDO, Carlos, “Figueira da Foz – A Cidade e o seu Crescimento – Uma visão Morfológica”, Revista *Lucus*, nº 2-3, 2º semestre, Associação de Investigação do Território, 1987, pp. 17-28
- FIGUEIREDO, Mesquita, *Monografia Histórica do actual Concelho da Figueira, Foz do Mondego*, Trabalhos Heurísticos, (manuscrito), 1942
- FLOR, Susana Varela, [et al] “The adaptation of the main floor of the Palace Melo e Abreu (18th century) to an infirmary of the old Asylum of mendicity: history and tile panels compositional characterization”, Congresso *Azulejar*, Aveiro, Outubro de 2012
- FREIRE, Anselmo Braamcamp de, *Brasões da Sala de Sintra*, vol. II, Lisboa: INCM, 1973, (ed. fac-similada 1ª ed. 1898-1905)
- GAYO, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Braga: Carvalhos de Basto, 1938
- GUARINI, Battista, *Il Pastor fido, Tragicommedia Pastorale. Del molto illustre sig. cavaliere Battista Guarini. Ora in questa XXVII impressione di curiose, & dotte Annotationi arricchito, & di bellissimo Figure in rame ornato. Con un Compendio di Poesia tratto da i duo Verati, con la giunta d'altre cose notabili per opera del medesimo S. Cavaliere*, Itália, 1602, disponível em http://books.google.pt/books?id=jj_NNLF_SsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false, consultado em 13-03-2013
- HARRIS, Greg, *Jacob van Ruisdael – Master of Landscape*, Londres: Royal Academy of Arts, 2005, disponível em <http://static.royalacademy.org.uk/files/ruisdael-student-guide-5.pdf>, consultado em 27-01-2013
- JAGER, Ingrid de, SCHADEE, Nora, *Tegels uit Rotterdam 1609-1866*, Roterdão: Uitgeverij Aprilis, Zaltbommel, Historisch Museum Rotterdam, 2009
- JOLIET, Wilhelm, *Rotterdamse Fliesen des 18. Jahrhunderts in Figueira da Foz - die Geschichte des Palastes 'Casa do Paço' und seiner Keramischen Wandbekleidungen*, disponível em http://www.tegels-uit-rotterdam.com/figueira_de_foz_reiterfliesen.html, consultado em 20-06-2012
- JOLIET, Wilhelm, *Rotterdamse Landschapsfliesen in Schloss Friedenstein Gotha*, disponível em <http://www.tegels-uit-rotterdam.com/gotha.html>, consultado em 20-06-2012
- JONGSTRA, Jaap, “Nederlandse Tegels in Cairo” in *Vormen Uit Vuur*, nº 215/216, 2011/4 – 2012/1, Amsterdão, 2012, pp. 50-59
- KAANRING, David Burmeister, *Reality as Icon – The cottage motif in Dutch landscape painting 1600-50*, Statens Museum for Kunst – National Gallery of Denmark, 2008,

- disponível em http://www.smk.dk/fileadmin/user_upload/Billeder/udforsk-kunsten/forskning/videnskabelige_udgivelser/david_burmeister_kaaring_engelsk.pdf, consultado em 27-01-2013.
- KILMON, Jack, *The Relationship between Rome and Judea prior to Jesus' public life*, The Scriptorium, disponível em <http://www.historian.net/romejud.html> , consultado em 10-02-2013
- LEMMEN, Hans van, *Tiles in Architecture*, Londres: Laurence King Publishing, 1993
- L'EVÊQUE, Henry, *Campaigns of the British Army in Portugal, under the command of general the Earl of Wellington, K. B.*, Londres: W. Bulmer and Co. Cleveland-Row, St. James, Biblioteca Nacional Digital, 1812, disponível em <http://purl.pt/13957/1/index.html>, consultado em 11-05-2011
- LOUREIRO, Ferreira, “Restos da Figueira antiga”, *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, Tomo I, nº 4, Figueira da Foz, 1907, p. 130
- MARTIN, Wilhelm, “Meesters van het landschap en schilders van vee en paarden”, *De Hollandsche schilderkunst in de zeventiende eeuw: Rembrandt en zijn tijd*, DBNL - Digitale Bibliotheek voor de Nederlandse letteren, pp. 269-367, disponível em http://www.dbnl.org/tekst/mart039holl02_01/mart039holl02_01_0009.php, consultado em 10-01-2013
- MECO, José, *Azulejaria Portuguesa*, Lisboa: Bertrand Editora, Lda, 1985
- MECO, José, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa: Alfa, 1989
- MOERMAN, Ingrid W. L., *Tegelcollectie g. de Goederen*, Leiden: Stedelijk Museum de Lakenhal, 1980
- PAUL, Tanya, *To Delight the Eyes & Transport the Viewer – Dutch Landscape Prints of the Golden Age*, Universidade de Virgínia, 2002, disponível em <http://www.virginia.edu/artmuseum/downloads/dutch.pdf>, consultado em 27-01-2013
- PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme, *Portugal – Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Lisboa: João Romano Torres – Editor, 1907, Volume III, disponível em <http://www.arqnet.pt/dicionario/index.html>, consultado em 28-03-2013
- PEREIRA, Isabel, “Casa do Paço da Figueira da Foz”, *Os Imóveis Classificados do Concelho da Figueira da Foz*, Cadernos Municipais, nº 11, Câmara Municipal da Figueira da Foz, s/d, pp. 17-21
- PESSOA, Amorim, *Almanach Praia da Figueira 1878-1879*, Figueira da Foz, 1878

- PIMENTEL, António Filipe, “Repercussões do tema Palácio-Bloco na Arquitectura Portuguesa”, *VII Simposio Hispano-Portugués de Historia del Arte*, Badajoz, 1995, pp.81-94
- PINTO, Maurício, *Associação Comercial e Industrial da Figueira*, Figueira da Foz: Tipografia Popular, 1934
- PINTO, Maurício, “Azulejos Holandeses na Figueira”, *Boletim da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz*, nº 8, 31-07-1842, s/p.
- POMBO, Maria João Pombo, *Proposta de reabilitação da Casa do Paço*, Figueira da Foz: Figueira Paranova – Renovação e Desenvolvimento Urbano E.M., 2004
- POMBO, M^a João, *Reabilitação da Casa do Paço*, Coimbra: URBE, Curso de Especialização Reabilitação Urbana, 2005
- PLUIS, Jan, *Bijbeltegels – Bijbelse voorstellingen op Nederlandse wandtegels van de 17e tot de 20e eeuw / Bibelfliesen, Biblische Darstellungen auf niederländischen Wandfliesen vom 17. bis zum 20*, Münster (Alemanha): Ardey-Verlag, 1994
- PLUIS, Jan, *De Nederlandse Tegel, decors en benamingen 1570-1930, The Dutch Tile, Designs and Names 1570-1930*, Leiden: Nederlands Tegelmuseum, 1997
- PLUIS, Jan e STUPPERICH, Reinhard, *Mythologische voorstellingen op Nederlandse tegels: metamorfosen van Ovidius, Herders, Cupido's, Zeewezens*, Leiden: Primavera Pers, 2011
- ROCHA, António dos Santos, *Materiais para a história da Figueira nos séculos XVII e XVIII*, Figueira da Foz: Casa Minerva, 1893
- RODRIGUES, Alice, “Subsídios para o estudo da Diocese de Coimbra – O Bispo-conde D. João de Melo (1624-1704)”, separata do *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. VII, Arquivo da Universidade de Coimbra, Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1985
- ROSA, Luís da, *Maria Madalena*, A Bíblia.org, disponível em http://www.abiblia.org/ver.php?id=1181&id_autor=2&id_utente=&caso=artigos, consultado em 02-09-2012
- SABO, Rioletta e FALCATO, Jorge Nuno, *Azulejos – Arte e História*, Lisboa: Edições Inapa, 1998
- SANDERS, Russell W., *SEMIRAMIS - Legendary Mysterious Great Queen of Assyria*, Lambert Dolphin's Library, 1997, pp. 1-5, disponível em <http://www.ldolphin.org/PDFs/SemiramisBabel.pdf>, consultado em 18-05-2013

- SANTOS, Josival Nascimento dos, *A Relação entre D. João de Melo, Bispo de Coimbra (1684-1704), e a Inquisição*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado em História Moderna: Poderes, Ideias e Instituições, 2010
- SILVA, José Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*, Lisboa: IPPAR, 2002 (2ª ed., 1ª ed. 1995)
- SIMÕES, J. M. dos Santos, *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979
- SIMÕES, J. M. dos Santos, *Carreaux céramiques Hollandais au Portugal et en Espagne*, Haia: Martinus Nijhoff, 1959
- SIMÕES, J. M. dos Santos, *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus azulejos*, Figueira da Foz: Museu Municipal Dr. Santos Rocha, 1947
- SIMÕES, J. M. dos Santos, *Estudos de Azulejaria*, Lisboa: INCM, 2001
- SOUSA, António Caetano, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa: desde a sua origem até o presente com as Famílias Ilustres, que procedem dos Reys, e dos Sereníssimos Duques de Bragança*, Lisboa, 1740
- SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, (ed. revista por M. Lopes de Almeida e César Delgado), Coimbra: Atlântida – Livraria Editora Lda, 1946-1953
- TORRES, João Carlos Feo Cardozo de Castello Branco e, MESQUITA, Manuel de Castro Pereira de, *Resenha das famílias titulares do reino de Portugal acompanhada das notícias biográficas de alguns indivíduos das mesmas famílias*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1838
- Vermeer, Rembrandt & *The Golden Age of Dutch Art: Masterpieces from the Rijksmuseum*, Teacher's Study Guide, Vancouver: Vancouver Artgallery, 2009, disponível em <http://www.vanartgallery.bc.ca/pdfs/Dutch%20Masters%20Study%20Guide.pdf>, consultado em 27-01-2013
- VITERBO, Sousa, *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos Engenheiros e Constructores Portugueses*, reprodução em fac-simile do exemplar com data de 1899 da Biblioteca da INCM, Lisboa: INCM, 1988
- WASIELEWSKI, Amanda, *Occupied Landscape: Dutch Cattle Painting in the 17th Century*, 2005, disponível em <http://www.amandawasielewski.com/writing/2005-DUTCH%20CATTLE.pdf>, consultado em 27-01-2013

ZILLES, Urbano, *Evangelhos Apócrifos*, Porto Alegre: EDIPUCRS – Ed. da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004, (3ª ed., 1ª ed. 1999), disponível em <http://books.google.pt/books?id=7yvLyEBvG4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>, consultado em 10-02-2013

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Lisboa, 2000 (1ª ed. 1961)

6.4 – Sitografia

ARQUEOLOGIA E TEOLOGIA

Arqueologia do Tanque de Betesda, disponível em <http://iadrn.blogspot.pt/2011/09/arqueologia-do-tanque-de-betesda.html>, consultado em 20-05-2013

ART DIRECTORY

Jan van Goyen, disponível em <http://www.jan-van-goyen.com/>, consultado em 21-01-2013

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DA FIGUEIRA DA FOZ

História, disponível em <http://www.aciff.pt/>, consultado em 20-05-2013

CÂMARA MUNICIPAL DE MÊDA

Vale Flor, disponível em <http://www.cm-meda.pt/concelho/freguesias/Valflor/Paginas/default.aspx>, consultado em 28-03-2013

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE TAVIRA

O atlas de Pedro Teixeira – Portos, barras e paisagens litorais da Península Ibérica em 1634, disponível em <http://arkeotavira.com/Mapas/Teixeira/Buarcos.pdf>, consultado em 20-12-2012

DOORLOPENDE LEERLIJNEN TAAL EN REKENEN

Een stripverhaal over tegels, disponível em http://www.taalenrekenen.nl/ref_niveaus_taal/voorbeelden/00002/00001/00001/, consultado em 02-05-2013

DOORZOEK HET GEHEUGEN VAN NEDERLAND

Scherf, disponível em

<http://www.geheugenvannederland.nl/?nl/items/TM01:DK00146/&st=DK00146&sc=%28DK00146%29&singleitem=true>, consultado em 25-10-2012

ENCYCLOPEDIA DRENTHE ONLINE

Stadhouder, disponível em <http://www.encyclopediedrenthe.nl/Stadhouder>, consultado em 17-05-2013

FLICKR

Oranjegoed, Princessehof, Vier eeuwen Oranje-Nassau op keramiek, disponível em

<http://www.flickr.com/photos/princessehof/sets/72157623057434013/with/4262673973/>, consultado em 17-05-2013

HARVARD ART MUSEUMS

Cart on the Road to Scheveningen, disponível em

<http://www.harvardartmuseums.org/art/262905>, consultado em 09-01-2013

Ladder Leading to the Water, disponível em

<http://www.harvardartmuseums.org/art/250293>, consultado em 09-01-2013

Pointed Steeple of the Village on the Border of the Sea, disponível em

<http://www.harvardartmuseums.org/art/250301>, consultado em 09-01-2013

Two Cows in the Ferry-boat, disponível em

<http://www.harvardartmuseums.org/art/250302>, consultado em 09-01-2013

Two Pointed Towers, disponível em <http://www.harvardartmuseums.org/art/250472>, consultado em 09-01-2013

IL BULINO ANTICHE STAMPE

Antoine Waterloo (Lille 1609 circa – Utrecht 1690) Quattro uomini sul ponte di pietra,

disponível em <http://matteocrespi.com/node/207>, consultado em 08-01-2013

INFOPEA

Jardim (simbologia), disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$jardim-\(simbologia\)](http://www.infopedia.pt/$jardim-(simbologia)), consultado em 02-09-2012

KETTERER KUNST

Waterloo, Anthonie, Folge von Landschaften, 1637, disponível em

<http://www.kettererkunst.com/details-e.php?obnr=111000672&anummer=376&imgnr=9>, consultado em 08-01-2013

Waterloo, Anthonie, Folge von Landschaften, 1637, disponível em

<http://www.kettererkunst.com/details-e.php?obnr=111000672&anummer=376>,
consultado em 08-01-2013

Waterloo, Anthonie, Folge von Landschaften, 1637, disponível em

<http://www.kettererkunst.com/details-e.php?obnr=111000672&anummer=376&imgnr=2>, consultado em 09-01-2013

MUSEO DEL PRADO

Carlos V en la Batalla de Mühlberg, disponível em

<http://www.museodelprado.es/coleccion/galeria-on-line/galeria-on-line/obra/el-emperador-carlos-v-a-caballo-en-muehlberg/>, consultado em 17-05-2013

Retrato ecuestre del duque de Lerma, disponível em

<http://www.museodelprado.es/coleccion/galeria-on-line/galeria-on-line/obra/retrato-ecuestre-del-duque-de-lerma/>, consultado em 17-05-2013

NEDERLANDSE TEGELMUSEUM

History of the Dutch Tile, disponível em

http://www.nederlandstegelmuseum.nl/Museum/Geschiedenis_English.htm,
consultado em 18-07-2011

NEW YORK PUBLIC LIBRARY – DIGITAL GALLERY

Oeuvre de Tempesti, disponível em

http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/dgkeysearchresult.cfm?parent_id=1922533, consultado em 06-01-2013

OLD MASTER PRINT

Adam Frans van der Meulen (1632-1690) – Deer hunt in a landscape, disponível em

<http://www.oldmasterprint.com/xxb.htm>, consultado em 28-01-2013

Jan van de Velde II (1593-1641), disponível em

<http://www.oldmasterprint.com/velde.htm>, consultado em 27-01-2013

PALEIZEN

Geschiedenis van Paleis Het Loo, disponível em,

<http://www.paleizen.nl/Paleizenbestanden/Nederland/Het%20Loo/Geschiedenis.htm>, consultado em 18-05-2013

PUBHIST.COM – PUBLICATIONS ON (ART) HISTORY

A Woman peeling Apples, disponível em <http://www.pubhist.com/work/13808/pieter-de-hooch/a-woman-peeling-apples>, consultado em 05-01-2013

RIJKS MUSEUM

Boerderij aan een kanaal bij Haarlem, Esaias van de Velde, 1614-1616, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1885-A-9758>, consultado em 08-01-2013

Fort met verdedigingdwerken van Tholen aan de Schelde, Esaias van de Velde, 1615-1616, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-OB-15.545>, consultado em 08-01-2013

Koning-Stadhouder Willem III, ca. 1680 – ca. 1700, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/search/objecten?q=koning+faience&p=1&ps=12#/BK-1960-7,3>, consultado em 17-05-2013

Landschap met een rivier en poortgebouw, Esaias van de Velde, 1616, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1898-A-20565>, consultado em 08-01-2013

Landschap met galgenveld bij Haarlem, Esaias van de Velde, 1615-1616, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1885-A-9760>, consultado em 08-01-2013

Landschap met ruiter en wandelaar op een bij Hillegom, Esaias van de Velde, 1615-1616, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1885-A-9753>, consultado em 08-01-2013

Oranjegoed! Vier eeuwen Oranje-Nassau op keramiek, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/zoeken?p=1&ps=12&extitle=Oranjegoed!+Vier+eeuwen+Oranje-Nassau+op+keramiek>, consultado em 17-05-2013

Ruiter en wandelaars op een weg bij Lisse, Esaias van de Velde, 1615-1616, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1885-A-9746>, consultado em 08-01-2013

Schaatsers op het ijs bij een molen in de buurt van Penningsveer, Esaias van de Velde, 1615-1616, disponível em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1878-A-1693>, consultado em 08-01-2013

ROGALLERY

Gabriel Perelle, disponível em http://www.rogallery.com/Perelle_Gabrielle/perelle-biography.html, consultado em 21-01-2013

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE COIMBRA

Provedores da Santa Casa, por século, disponível em

<http://www.misericordiacoimbra.pt/corposgerentes/provedores/> , consultado em 20-01-2013

SIPA

Casa do Paço, disponível em

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00002645, consultado em 01-08-2011

THE BRITISH MUSEUM

Landscape with two figures seen from behind standing on a river bank in centre foreground, beyond meandering river running into right foreground, in the background a bridge leading to a city, disponível em

http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3052618&partId=1, consultado em 10-03-2013

THE NATIONAL GALLERY

A Young Woman standing at a Virginal, disponível em

<http://www.nationalgallery.org.uk/paintings/johannes-vermeer-a-young-woman-standing-at-a-virginal>, consultado em 05-01-2013

Roelof van Vries, disponível em <http://www.nationalgallery.org.uk/artists/roelof-van-vries>, consultado em 20-01-2013

THE 1911 CLASSIC ENCYCLOPEDIA

Anthony Francis van der Meulen, disponível em

http://www.1911encyclopedia.org/Antony_Francis_Van_Der_Meulen, consultado em 20-01-2013

THE J. PAUL GETTY MUSEUM

Alexander the Great and Campaspe in the Studio of Apelles, disponível em

<http://www.getty.edu/art/gettyguide/artObjectDetails?artobj=136718>, consultado em 18-05-2013

WORLD WIDE ARTS RESOURCES

Adam Frans van der Meulen (1632-1690), disponível em

http://wwar.com/masters/m/meulen-adam_frans_van_der.html, consultado em 20-01-2013

1ST-ART-GALLERY.COM

River Landscape, disponível em <http://www.1st-art-gallery.com/Roelof-Van-Vries/River-Landscape.html>, consultado em 08-01-2013

6.5 – Bibliografia e sitografia das ilustrações

6.5.1 – Imagens

- Imagem 1 – *The Landing of the British Army at Mondego Bay*, 1812, H. L. Evêque, L'EVEQUE, Henry, 1769-1832 *Campaigns of the British Army in Portugal, under the command of general the Earl of Wellington, K. B.*, Londres: W. Bulmer and Co. Cleveland-Row, St. James, 1812, disponível na Biblioteca Nacional Digital, <http://purl.pt/13957/1/P37.html>, consultado em 11-05-2011
- Imagem 3 – Mapa de Buarcos, *O atlas de Pedro Teixeira – Portos, barras e paisagens litorais da Península Ibérica em 1634*, <http://arkeotavira.com/Mapas/Teixeira/Buarcos.pdf>, consultado em 20-12-2012
- Imagem 4 – Planta da Figueira da Foz nos fins do século XVII e princípios do século XVIII, ROCHA, António dos Santos, *Materiais para a História da Figueira nos séculos XVII e XVIII*, Figueira da Foz: Casa Minerva, 1893
- Imagem 5 – D. João de Melo (1624-1704), Convento dos Carmelitas Descalços do Bussaco
- Imagem 8 - Painel representando o funcionamento de uma olaria, com a identificação dos quatro fundadores, (Bolsward), 1737, Museu Hannemahuis, Harlingen, Holanda
- Imagem 11 – *Mulher descascando maçãs*, s/d, de Pieter de Hoogh, disponível em PubHist.com - Publications on (Art) History, <http://www.pubhist.com/work/13808/pieter-de-hoogh/a-woman-peeling-apples>, consultado em 05-01-2013
- Imagem 12 – *Senhora diante do virginal*, ca. 1670-2, Johannes Vermeer, disponível em The National Gallery, Londres, <http://www.nationalgallery.org.uk/paintings/johannes-vermeer-a-young-woman-standing-at-a-virginal>, consultado em 05-01-2013
- Imagem 13 – *De Tegelschilders*, 1884, Anthon G. A. Ridder van Rappard, Museu Nederlands Tegelmuseum, Otterlo, Holanda
- Imagem 22 – *Spon oriundo de Harlingen, Gn, 21, 14, Expulsão de Ismael e Agar*, PLUIS, Jan, *Bijbeltegels – Bijbelse voorstellingen op Nederlandse wandtegels van de 17e tot de 20e eeuw*, Münster (Alemanha): Ardey-Verlag, 1994, p. 261

- Imagem 23 – Estudo para *apon*, oriundo de Roterdão, Lc, 24,30-31, *A refeição em Emaús*, JAGER, Ingrid de, SCHADEE, Nora, *Tegels Uit Rotterdam 1609-1866*, Roterdão: Historisch Museum Rotterdam, 2009 – CD-ROM, N° de inventário 1976-3195, com o sub-n° 14
- Imagem 27 – Quadro de Guilherme III, no Palácio Het Loo, Holanda, disponível em Paleizen, <http://www.paleizen.nl/Paleizenbestanden/Nederland/Het%20Loo/Geschiedenis.htm>, consultado em 18-05-2013
- imagens 29 e 30 – Museu Municipal numa das salas de paisagens e na sala de cavaleiros da Casa do Paço, Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz
- imagem 31 – Comercio da Figueira, 09-08-1882, Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás
- imagem 32 – Sala de Paisagens (nascente), POMBO, M^a João, *Reabilitação da Casa do Paço*, Curso de Especialização Reabilitação Urbana, 2005, p. 30, fig. 77
- imagem 33 – Sala contígua à Sala dos Bíblicos, POMBO, M^a João, *Reabilitação da Casa do Paço*, Curso de Especialização Reabilitação Urbana, 2005, p. 15, fig. 18
- imagem 34 – Azáfama na praia junto à Casa do Paço, Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

6.5.2 – Figuras (Capítulo 7)

- fig. 78 – Gravura de Anthonie Waterloo, *Série de paisagens*, disponível em Ketterer Kunst, em <http://www.kettererkunst.com/details-e.php?obnr=111000672&anummer=376&imgnr=9>, consultado em 08-01-2013
- fig. 86 – Gravura de Adam Frans van der Meulen, *Caça ao cervo numa paisagem*, disponível em Old Master Print, em <http://www.oldmasterprint.com/xxb.htm>, consultado em 28-01-2013
- fig. 88 – Gravura de Esaias van de Velde, *Cavaleiro e caminhantes num caminho de Lisse*, disponível no Rijks Museum, em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1885-A-9746>, consultado em 08-01-2013
- fig. 90 – Gravura de Esaias van de Velde, *Paisagem com cavaleiro e acompanhante numa estrada de Hillegom*, disponível no Rijks Museum, em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1885-A-9753>, consultado em 09-01-2013
- fig. 94 – Gravura de Adrian van de Velde, *Paisagem*, disponível em disponível em Old Master Print, em <http://www.oldmasterprint.com/velde.htm>, consultado em 27-01-2013
- fig. 102 – Gravura de Anthonie Waterloo, *Série de paisagens*, disponível em Ketterer Kunst, em <http://www.kettererkunst.com/details-e.php?obnr=111000672&anummer=376&imgnr=2>, consultado em 09-01-2013
- fig. 110 – Gravura de Esaias van de Velde, *Patinadores no gelo junto a uma fábrica perto Pennincks*, disponível no Rijks Museum, em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1878-A-1693>, consultado em 10-03-2013

- fig. 112 – Gravura de Anthonie Waterloo, *Duas Torres Pontiagudas*, disponível em Harvard Art Museums, em <http://www.harvardartmuseums.org/art/250472>, consultado em 09-01-2013
- fig. 114 – Pintura de Jan van Goyen, *Valkhof, Nijmegen*, disponível em Digitale Bibliotheek voor de Nederlandse letteren (Biblioteca Digital de Literatura holandesa), em http://www.dbnl.org/tekst/mart039holl02_01/mart039holl02_01_0009.php, consultado em 10-01-2013
- fig. 116 – Gravura de Anthonie Waterloo, *Duas vacas num ferryboat*, disponível em Harvard Art Museums, em <http://www.harvardartmuseums.org/art/250302>, consultado em 09-01-2013
- fig. 122 – Gravura de Anthonie Waterloo, *Série de paisagens*, disponível em Ketterer Kunst, em <http://www.kettererkunst.com/details-e.php?obnr=111000672&nummer=376>, consultado em 08-01-2013
- fig. 126 – Gravura de Esaias van de Velde, *Paisagem com um rio e portaria*, disponível no Rijks Museum, em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1898-A-20565>, consultado em 09-01-2013
- fig. 130 – Gravura de Anthonie Waterloo, *Campanário pontiagudo em vila junto ao mar*, disponível em Harvard Art Museums, em <http://www.harvardartmuseums.org/art/250301>, consultado em 09-01-2013
- fig. 132 – Gravura de Anthonie Waterloo, *Atividade no cais*, disponível em Harvard Art Museums, em <http://www.harvardartmuseums.org/art/250293>, consultado em 08-01-2013
- fig. 136 – Gravura de Esaias van de Velde, *Defesas de Tholen no rio Escalda*, disponível no Rijks Museum, em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-OB-15.545>, consultado em 10-03-2013
- fig. 142 – Desenho de paisagem do rio, JAGER, Ingrid de, SCHADEE, Nora, *Tegels Uit Rotterdam*, 1609-1866, Roterdão, Historisch Museum Rotterdam, 2009 – CD-ROM – N° de inventário 1976-3195, com o sub-n° 45
- fig. 143 – Pintura de Roelof van Vries, *Paisagem do rio*, disponível em 1st-Art-Gallery.com, em <http://www.1st-art-gallery.com/Roelof-Van-Vries/River-Landscape.html>, consultado em 08-01-2013
- fig. 148 – Gravura de Anthonie Waterloo, *Carro no caminho para Scheveningen*, disponível em Harvard Art Museums, em <http://www.harvardartmuseums.org/art/262905>, consultado em 09-01-2013
- fig. 156 – Gravura de Esaias van de Velde, *Buÿten, num canal de Haarlem*, disponível no Rijks Museum, em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1885-A-9758>, consultado em 10-03-2013
- fig. 160 – Gravura de Anthonie Waterloo, *Quatro homens sobre ponte de pedra*, disponível em Il Bulino Antiche Stampe, em <http://matteocrespi.com/node/207>, consultado em 08-01-2013
- fig. 162 – Gravura de Gabriel Perelle, *Paisagem com duas figuras, de costas, de pé, junto a um rio; ao fundo uma ponte de quatro arcos que conduz à povoação*, disponível em The British Museum, em http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3052618&partId=1, consultado em 10-03-2013

- fig. 175 – Gravura de Esaias van de Velde, *Paisagem com força em Haarlem*, disponível no Rijks Museum, em <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1885-A-9760>, consultado em 06-01-2013
- fig. 176 – Fragmento de azulejo holandês com um desenho no tardo representando um condenado à força, disponível em Doorzoek het Geheugen van Nederland, em <http://www.geheugenvannederland.nl/?nl/items/TM01:DK00146/&st=DK00146&sc=%28DK00146%29&singleitem=true>, consultado em 25-10-2012
- fig. 177 – Gravura de Antonio Tempesta, *Ninus*, disponível em New York Public Library – Digital Gallery, em http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/dgkeysearchresult.cfm?parent_id=1922533, consultado em 06-01-2013
- fig. 179 – Gravura de Antonio Tempesta, *Semiramis*, disponível em New York Public Library – Digital Gallery, em http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/dgkeysearchresult.cfm?parent_id=1922533, consultado em 06-01-2013
- fig. 181 – Gravura de Antonio Tempesta, *Alexander Magnus*, disponível em New York Public Library – Digital Gallery, em http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/dgkeysearchresult.cfm?parent_id=1922533, consultado em 06-01-2013
- fig. 183 – Gravura de Antonio Tempesta, *Campaspé*, disponível em New York Public Library – Digital Gallery, em http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/dgkeysearchresult.cfm?parent_id=1922533, consultado em 06-01-2013
- fig. 185 – Gravura de Antonio Tempesta, *Ivlivs Caesar*, disponível em New York Public Library – Digital Gallery, em http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/dgkeysearchresult.cfm?parent_id=1922533, consultado em 06-01-2013
- fig. 187 – Gravura de Antonio Tempesta, *Cornelia L. C. Cimnae Filia*, disponível em New York Public Library – Digital Gallery, em http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/dgkeysearchresult.cfm?parent_id=1922533, consultado em 06-01-2013
- fig. 189 – Gravura de Antonio Tempesta, *Cyrus Mayor*, disponível em New York Public Library – Digital Gallery, em http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/dgkeysearchresult.cfm?parent_id=1922533, consultado em 06-01-2013
- fig. 191 – Gravura de Antonio Tempesta, *Cassandane*, disponível em New York Public Library – Digital Gallery, em http://digitalgallery.nypl.org/nypldigital/dgkeysearchresult.cfm?parent_id=1922533, consultado em 06-01-2013
- fig. 203 – Fachada norte da Casa do Paço, antes de 1945, FERREIRA, Romano Barnabé, *O Primeiro Centenário da Assembleia Figueirense – 1839 – 15 de Dezembro – 1939 – Alguns factos da sua história*, Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, 1945
- fig. 204 – Fachada sul da Casa do Paço, AFMFF
- fig. 205 – Fachada sul da Casa do Paço, anos 70 do século XX, AFMFF
- fig. 206 – Alçado sul da Casa do Paço, ADUCMFF, Proc. 2353/1981, em nome de Banco Pinto & Sotto Mayor

- fig. 207 – Alçado norte da Casa do Paço, ADUCMFF, proc. 5844/1995, em nome de Reinaldo Marques Pedrosa
- fig. 208 – Planta do piso nobre da Casa do Paço, ADUCMFF, Procs. 3996/1994 e 545/1999, em nome de ACIFF – Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz
- fig. 209 – Planta da cobertura do edifício, disponível em SIPA – Casa do Paço, em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00002645
- fig. 210 – Alçado nascente e norte da ala poente da Casa do Paço, ADUCMFF, Proc. 522/01, em nome de Banco Comercial Português
- fig. 211 – Cortes sul/norte e poente/nascente da ala poente da Casa do Paço, ADUCMFF, Proc. 522/01, em nome de Banco Comercial Português
- fig. 212 – Alçado poente e norte da ala nascente da Casa do Paço, ADUCMFF, Proc. 545/1999, em nome de ACIFF – Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz
- fig. 213 – Alçado nascente da ala nascente da Casa do Paço, ADUCMFF, Proc. 545/1999, em nome de ACIFF – Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz
- fig. 214 – Corte sul/norte da ala nascente da Casa do Paço, ADUCMFF, Proc. 545/1999, em nome de ACIFF – Associação Comercial e Industrial da Figueira da Foz

6.6 – Créditos fotográficos

Inês Pinto

- Composição da capa
- imagens 5, 8, 13 a 17, 20, 21, 24 a 26, 28;
- figs. 2 a 64, 65 a 77, 79 a 85, 87, 89, 91 a 93, 95 a 101, 103 a 109, 111, 113, 115, 117 a 121, 123 a 125, 127 a 129, 131, 133 a 135, 137 a 141, 144 a 147, 149 a 155, 157 a 159, 161, 163 a 174, 178, 180, 182, 184, 196, 188, 190, 192, 194 a 202, 215 a 237, 239 a 245.